



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

PATRÍCIA VICENTE DUTRA

**VALORES E PRINCÍPIOS RELIGIOSOS DE ESTUDANTES
DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA**

Londrina
2023

PATRÍCIA VICENTE DUTRA

**VALORES E PRINCÍPIOS RELIGIOSOS DE ESTUDANTES
DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA**

Tese de doutorado apresentada à banca de defesa como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof.^a dra. Cláudia Neves da Silva

Londrina
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

P314 Dutra, Patrícia Vicente.
Valores e princípios religiosos de estudantes de serviço social da Universidade Federal de Integração Latino-Americana / Patrícia Vicente Dutra. - Londrina, 2023.
147 f. : il.

Orientador: Claudia Neves da Silva.
Tese (Doutorado em Serviço Social e Política Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social, 2023.
Inclui bibliografia.

1. serviço social - Tese. 2. laicidade - Tese. 3. universidade - Tese. 4. estudantes - Tese. I. Silva, Claudia Neves da. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social. III. Título.

CDU 36

PATRÍCIA VICENTE DUTRA

VALORES E PRINCÍPIOS RELIGIOSOS DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Relatório de qualificação apresentado à banca de qualificação, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora Cláudia Neves da Silva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Fabio Lanza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Luci Faria Pinheiro
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof.^a Kathiuscia Aparecida Freitas P. Coelho
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a Letícia Jovelina Storto
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 14 de dezembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Como diria Oswaldo Lenine Macedo Pimentel, “O que eu sou, eu sou em par, não cheguei sozinha, não”. Por isso devo agradecer.

Chega a ser engraçado que, depois de ter escrito uma tese, me falem palavras para agradecer.

Sou a primeira pessoa de que se tem notícia em toda a história da minha família a conquistar esse nível de escolaridade, tendo, inclusive, sempre estudado na rede pública de ensino. Eu, mulher, preta e pobre. Filha de um funileiro e de uma dona de casa e técnica em enfermagem.

Agradeço à minha mãe, Angela, ao meu pai, Gilson, e ao meu padrasto, Roberto, tudo que puderam fazer por mim até aqui, ainda que com muita dificuldade e mesmo sem entender muito bem. Agora vocês são mãe, pai e padrasto de uma filha “doutorada”.

Agradeço à minha orientadora, Claudia Neves da Silva, orientadora deste e de outros processos. Aos 17 anos, quando ingressei no curso de graduação em Serviço Social da UEL, eu não sabia que podia ser pesquisadora. Claudinha me mostrou que sim e me conduziu até aqui, sempre com muito respeito, sendo, para mim, fonte de inspiração.

Agradeço ao professor Fábio Lanza, do Departamento de Ciências Sociais da UEL, todos os ensinamentos ao longo de mais de uma década de dedicação em pesquisa e pelas contribuições com o doutorado.

Agradeço às amigas Taynara Fitz Patriarcha e Mariane Suzze, a amizade de tantos anos. À Mari, todos os dias em que me acolheu em sua casa com uma cama, um banho e um café quentinho quando eu chegava de Foz do Iguaçu, bem cedo, depois de uma noite maldormida dentro de um ônibus, para cursar as disciplinas do doutorado. À Tay, toda a partilha durante este processo de doutoramento e pela calma em tentar me mostrar o lado positivo das coisas, sempre com muito carinho.

Agradeço ao colega de pós-graduação, Marc Donald Jean-Baptiste, a partilha deste processo nas disciplinas, nos cafés e a ajuda efetiva com indicações bibliográficas e traduções em língua francesa.

Agradeço à amiga pessoal e colega de trabalho, Naíra Frutos Gonzalez. Impossível esquecer suas diligências para que eu não perdesse a entrevista do doutorado e, logo, fosse desclassificada no processo seletivo. Agradeço a parceria de sempre!

Agradeço ao também colega de trabalho, Leandro Jiomeke, e ao primo de coração, Eduardo Lima Caetano, a disposição em ajudar a fazer toda a parte quantitativa desta tese.

Agradeço à Universidade Federal de Integração Latino-Americana, especialmente ao curso de Serviço Social, na pessoa da professora coordenadora Elmides Maria Araldi, toda atenção prestada quando da aplicação desta pesquisa. Agradeço às professoras Claudiana Tavares da Silva Sgorlon, Juliana Domingues, Talita de Melo Lira e Maria Geusina da Silva, a cessão de espaço em suas aulas para a aplicação da pesquisa junto aos estudantes. A todos e todas os/as estudantes do curso de Serviço Social que se prontificaram em contribuir com a realização desta investigação científica como sujeitos/as.

No entanto, não só sobreviveu ao seu pior inverno como até pareceu melhor com os primeiros sóis.

Gabriel Garcia Marquez

Ao meu sempre querido e amado irmão, Diego. *(in memoriam)*

RESUMO

DUTRA, Patrícia Vicente. **Valores e princípios religiosos em estudantes de serviço social da Universidade Federal de Integração Latino-Americana**. 2023. 147 f. Tese (Doutorado) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da UEL, sob o número CAEE 29986920.0.0000.5231. O Serviço Social é uma profissão laica, que historicamente se movimentou a fim de romper com o conservadorismo cujos código de ética e projeto ético-político são pautados na teoria social crítica. O texto que se apresenta tem como objetivos trabalhar a temática da religião e religiosidade dos estudantes de Serviço Social da UNILA no tempo presente, construir um perfil desses estudantes e demonstrar como valores e princípios religiosos os influenciaram na escolha do curso e em suas análises sobre temas emergentes relacionados aos direitos humanos. Para o cumprimento desses objetivos, foram aplicados questionários e entrevistas, além da revisão de literatura. O resultado da pesquisa nos mostrou que muitas pessoas escolhem o curso de Serviço Social influenciadas por valores e princípios religiosos, pela ideia da caridade e da ajuda. Em que pese este resultado, importa que, ao longo do processo formativo, há significativa queda no sentido atribuído a valores e princípios religiosos ao longo do processo formativo. Além disso, os estudantes demonstraram conseguir refletir sobre a temática dos direitos humanos para além de concepções conservadoras e religiosas, mas a partir de um movimento de busca reflexiva com base no proposto pelo projeto ético-político profissional.

Palavras-chave: estudantes; serviço social; laicidade; universidade; valores e princípios religiosos.

ABSTRACT

DUTRA, Patrícia Vicente. **Religious values and principles in social work students at the Federal University of Latin American Integration**. 2023. 147 f. Thesis (Doctoral) - Center for Applied Social Studies, State University of Londrina, Londrina, 2023.

This research was approved by UEL's Human Research Ethics Committee under CAEE number 29986920.0.0000.5231. Social work is a secular profession, which has historically moved to break with conservatism and whose code of ethics and ethical-political project are based on critical social theory. The aim of this text is to work on the issue of religion and religiosity among UNILA's Social Work students at the present time, to build up a profile of these students and to show how religious values and principles have influenced them in their choice of course and in their analysis of emerging issues related to human rights. To achieve these objectives, questionnaires and interviews were carried out, as well as a literature review. The results of the survey showed that many people choose the Social Work course because they are influenced by religious values and principles, by the idea of charity and help. Despite this result, it is important to note that there is a significant drop in the meaning attributed to religious values and principles throughout the training process. In addition, the students showed that they were able to reflect on the issue of human rights beyond conservative and religious conceptions, but from a movement of reflective search based on what is proposed by the professional ethical-political project.

Keywords: students; social work; secularism; university; religious values and principles.

RESUMEN

DUTRA, Patrícia Vicente. **Valores y principios religiosos en estudiantes de trabajo social de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana.** 2023. 147 f. Tese (Doutorado) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

Esta investigación fue aprobada por el comité de ética en investigación en humanos de la UEL con el número CAEE 29986920.0.0000.5231. El Trabajo Social es una profesión laica, que históricamente ha tendido a romper con el conservadurismo cuyo código ético y proyecto ético-político se basan en la teoría social crítica. El texto presentado tiene como objetivo trabajar el tema de la religión y la religiosidad de los estudiantes de trabajo social de la UNILA en la actualidad, construir un perfil de estos estudiantes y demostrar cómo los valores y principios religiosos influyeron en ellos en la elección de la carrera e influyen en sus análisis sobre temas emergentes relacionados con los derechos humanos. Para lograr estos objetivos se aplicaron cuestionarios y entrevistas, además de una revisión de la literatura. Los resultados de la investigación nos mostraron que muchas personas eligen la carrera de trabajo social influenciadas por valores y principios religiosos, la idea de caridad y ayuda. A pesar de este resultado, es importante que a lo largo del proceso formativo se produzca una caída significativa del significado atribuido a los valores y principios religiosos a lo largo del proceso formativo. Además, los estudiantes demostraron que fueron capaces de reflexionar sobre el tema de los derechos humanos más allá de concepciones conservadoras y religiosas, pero a partir de un movimiento de búsqueda reflexiva a partir de lo propuesto por el Proyecto ético-político profesional.

Palabras clave: estudiantes; trabajo social; laicismo; universidad; valores y principios religiosos.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – 6. Com qual/is gênero/s você se identifica?.....	30
Gráfico 2 – 7. Como você se declara em relação à pertença étnico-racial?	33
Gráfico 3 – 1. Qual a sua nacionalidade?	37
Gráfico 4 – 2. Qual a sua língua materna?.....	39
Gráfico 5 – 8. Beneficiário de algum auxílio de assistência estudantil?	40
Gráfico 6 – 5. Em qual semestre do curso de Serviço Social você está matriculado/a atualmente?	42
Gráfico 7 – 7. Você pertence a alguma religião?.....	44
Gráfico 8 – 9.3. Qual a frequência?.....	48
Gráfico 9 – 11. A sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?...50	
Gráfico 10 - 1º semestre / “sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”	51
Gráfico 11 – 3º, 4º e 4/6º semestres/ “sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”	51
Gráfico 12 – 5º, 6º, 4/6º e 6/8º semestres/ “sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”	52
Gráfico 13 – 7º, 8º e 7/8º/ “sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”	52
Gráfico 14 – 9º, 10º e 9/10º semestres / “sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”	53
Gráfico 15 – Grande grupo católico/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”	54
Gráfico 16 – Grande grupo de religiões de matriz africana/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”	55
Gráfico 17 – Grande grupo de evangélicos/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”	55
Gráfico 18 – 12. Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo	57
Gráfico 19 - 13. Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que eu sou é por sua graça.....	57
Gráfico 20 - 14. Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social	58

Gráfico 21 - Grande grupo religiões de matriz africana/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”	59
Gráfico 22 – Grande grupo católicos/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”	59
Gráfico 23 - Grande grupo de evangélicos tradicionais/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”	60
Gráfico 24 - Grande grupo evangélicos tradicionais/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”	61
Gráfico 25 - Grande grupo evangélicos tradicionais/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”	61
Gráfico 26 - Grande grupo católicos/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”	62
Gráfico 27 - Grande grupo católicos/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”	62
Gráfico 28 - Grande grupo católicos/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”	63
Gráfico 29 - 1º semestre/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”	65
Gráfico 30 - 1º semestre/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua dele”	65
Gráfico 31 - 1º semestre/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”	66
Gráfico 32 - 3º, 4º e 4º/6º semestre/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”	66
Gráfico 33 - 3º, 4º e 4º/6º semestre/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”	67
Gráfico 34 - 3º, 4º e 4º/6º semestre/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”	67
Gráfico 35 - 5º, 6º, 4º/6º e 6º/8º semestres/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”	68
Gráfico 36 - 5º, 6º, 4º/6º e 6º/8º semestres/ “Deus sempre esteve presente	

em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”	68
Gráfico 37 - 5º, 6º, 4º/6º e 6º/8º semestres/“Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”	69
Gráfico 38 - 7º, 8º e 6º/8º semestres/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”	69
Gráfico 39 - 7º, 8º e 6º/8º/“Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”	70
Gráfico 40 - 7º, 8º e 6º/8º/“Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”	70
Gráfico 41 - 9º, 10º e 10º/11º semestres/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”	71
Gráfico 42 - 9º, 10º e 10º/11º semestres/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”	71
Gráfico 43 - 9º, 10º e 10º/11º semestres/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNILA	Universidade Federal de Integração Latino-Americana
UFPR	Universidade Federal do Paraná
ILAACH	Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
IMEA	Instituto MERCOSUL de Estudos Avançados
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Panssexuais, Não-Binária, outros grupos e variações
ARESF	Associação Recreativa e Esportiva da Segurança Física
TSE	Tribunal Superior de Justiça
PDT	Partido Democrático Trabalhista
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	22
3	VALORES E PRINCÍPIOS RELIGIOSOS EM ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE INTEGRAÇÃO LATINO- AMERICANA: CONQUISTAS E PERSPECTIVAS	30
3.1	PERFIL DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UNILA	30
3.2	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UNILA	76
4	TEMAS EMERGENTES, RELIGIÃO E SERVIÇO SOCIAL	104
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
	REFERÊNCIAS	127
	APÊNDICES	132
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	133
	APÊNDICE B - Questionário de pesquisa.....	135
	APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido	137
	APÊNDICE D - Solicitação de autorização para realização de pesquisa de doutorado.....	140
	ANEXOS	144
	ANEXO A – Declaração de revisão ortográfica e gramatical	145
	ANEXO B - Aprovação da pesquisa Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UEL	146

1 INTRODUÇÃO

É observável a presença de valores e princípios religiosos em estudantes de Serviço Social bem como em Assistentes Sociais em seu exercício profissional. Tais valores são adquiridos durante o processo de socialização da vida dos sujeitos e não são abandonados ou esquecidos no cotidiano da formação ou do trabalho. A formação profissional não se superpõe à formação pessoal.

Uma breve olhada para o processo histórico da gênese do Serviço Social brasileiro nos diz que, obviamente não por acaso, valores e princípios religiosos fizeram parte dessa gênese e tiveram como precursora a Igreja Católica, com sua Doutrina Social. Naquele momento histórico, o discurso da classe dominante, com a Igreja Católica sendo idealizadora das ações junto aos pobres, trazia claramente a necessidade de controle dos trabalhadores a fim de evitar possíveis lideranças entre a classe trabalhadora. Para tal, fazia-se necessário um tipo de profissional que fosse capaz de contribuir com o crescimento e destaque da burguesia industrial, que, por sua vez, não estava disposta a encarar dificuldades postas pela classe dos trabalhadores.

No momento de nascimento do Serviço Social no Brasil, a Igreja Católica vislumbrava a criação de movimentos com a finalidade de aperfeiçoar o apostolado laico e divulgar a sua doutrina social por meio de Ação Católica, Juventude Estudantil Católica etc. (Silva, 2003).

Com o apoio do Centro de Estudos e Ação Social, criado em 1932, e dos diversos cursos por ele promovidos para as senhoras católicas, foi fundada, em 1936, em São Paulo, a primeira Escola de Serviço Social do Brasil, com o objetivo de oferecer, às pessoas interessadas em ajudar aos pobres, preparo para tal tarefa (Silva, 2003).

A criação dessa primeira escola trazia a profissão como uma vocação e apresentava a compreensão de que essa vocação unicamente não era suficiente, era necessário que as pessoas portadoras dessa vocação fossem qualificadas para atender à crescente população de pobres. Por isso, a visão de homem e de mundo daquela época estava diretamente ligada ao tomismo, à filosofia e teologia da doutrina social da Igreja Católica, que era repassada aos formadores e profissionais de Serviço Social da época. Conforme Silva (2003, p. 98),

[...] houve, desde o surgimento da primeira escola, uma preocupação com a técnica, fundamentada, não no voluntarismo, mas em um corpo teórico que possibilitasse uma formação profissional eficiente. O assistente social deveria ter um preparo técnico e uma formação moral sólida, visto que buscaria soluções viáveis para uma harmonia social.

Pois bem, para a compreensão da trajetória dessa profissão, é importante delimitarmos que o Serviço Social é uma profissão inscrita no Brasil, inserida na divisão social e técnica do trabalho, tem sua gênese e institucionalização na sociedade de modo de produção capitalista como forma de resposta e enfrentamento às expressões do que se convencionou denominar de “questão social”, que, conforme Iamamoto e Carvalho (2008, p. 77),

[...] não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão.

A “questão social” é fruto da contradição presente na relação entre capital e trabalho, expressa como o acúmulo de riqueza que ocorre na mesma medida em que se amplia a pobreza. Em determinado momento histórico, meados dos anos 1930, essa profissão surgiu como uma estratégia de gestão da pobreza. O redimensionamento do Estado brasileiro foi o que possibilitou o aparecimento dessa profissão (Netto, 2011, p. 25), tendo em vista a transição do capital concorrencial para o de tipo monopolista e a busca pela recuperação da hegemonia ideológica da Igreja Católica por meio do fortalecimento da Ação Católica brasileira.

A hodierna história da sociedade brasileira, marcada pela disputa dos espaços democráticos contraditórios à ditadura militar e favoráveis à consolidação de liberdades políticas, condicionou uma experiência importante para todos os sujeitos sociais. Com isso, valores e direitos anteriormente tidos como menos importantes ganharam maior destaque de forma a elevar o rol de exigências da cidadania.

A partir do pós-64 até meados da década de 1980, o Serviço Social brasileiro pôde provar um intenso processo de renovação. Dentro do cenário das alterações sofridas na sociedade brasileira, o Serviço Social se desenvolveu teórica e

praticamente, viveu um processo de “laicização” e construiu um caminho de reconhecimento e legitimação acadêmica e social. O processo de renovação do Serviço Social brasileiro foi marcado pelas vertentes de intenção de ruptura, perspectiva modernizadora e atualização do conservadorismo.

O processo de renovação aproximou o Serviço Social da tradição marxista, em um movimento de distanciamento e ruptura com os ideais conservadores, tendo em vista grande aproximação com movimentos sociais, principalmente na década de 1970, trazendo, ao Serviço Social, uma hegemonia progressista e democrática, com vistas à garantia de acesso a direitos e compromisso com a liberdade e emancipação humana.

A partir da década de 1980, com o legado da reconceitualização e a ruptura que veio com o processo de renovação, foi possível a construção do código de ética do Serviço Social de 1986 (revisado e substituído pelo de 1993), iniciando um novo estágio do *ethos* profissional. Uma nova proposta de base curricular surgiu para o ensino de Serviço Social, a regulamentação da profissão com a lei 8662/1993 e a consolidação de uma direção profissional expressa pelo projeto ético-político, de modo que é possível compreendermos que

Em resposta à histórica requisição social, bem como às finalidades, objetivos, valores e princípios com direção ética e política da profissão, os Assistentes Sociais brasileiros possuem o compromisso com a classe trabalhadora e os processos emancipatórios na perspectiva de uma sociedade igualitária. O projeto ético e político do Serviço Social, que orienta o exercício e a formação profissional, resultou de um processo histórico de construção coletiva, sob a direção das entidades nacionais da categoria (CFESS/CRESS, ABEPSS e ENESSO). Este projeto de profissão e sociedade é explicitado no Código de Ética Profissional, na Lei de Regulamentação da Profissão (Lei 8662/93) e nas Diretrizes Curriculares aprovadas pela ABEPSS em 1996. No cotidiano, os profissionais devem promover estratégias técnico-políticas nos diversos espaços sócio-institucionais que concretizem princípios como: - ampliação da liberdade, concebida como autonomia, emancipação e pleno desenvolvimento dos indivíduos; - defesa intransigente dos direitos humanos contra todo tipo de arbítrio e autoritarismo; - defesa e aprofundamento e consolidação da cidadania e da democracia (socialização da riqueza socialmente produzida e da participação política); - defesa da equidade e da justiça social, universalizando o acesso a bens e serviços relativos a programas e políticas sociais e a sua gestão democrática; - compromisso com a qualidade na prestação dos serviços, competência profissional e articulação com outros profissionais e trabalhadores. A profissão de assistente social é regulamentada pela

Lei Federal 8662/1993 e para exercê-la é necessário a graduação em Serviço Social e a inscrição no Conselho Regional de Serviço Social (CRESS). A intervenção profissional de mais de 60 mil assistentes sociais em todo o território nacional provoca impactos nas condições de vida de milhares de usuários no enfrentamento de desigualdades sociais, políticas, econômicas, ambientais e culturais. O assistente social desenvolve competências e atribuições no âmbito da elaboração, implantação, execução e avaliação de políticas, programas, projetos e benefícios sociais, bem como assessoria a movimentos sociais e populares. A atuação profissional exige um perfil crítico com competência técnica e ético-política para as respostas qualificadas que preservem e ampliem direitos (CFESS, 2006, p. 1).

Desse modo, observamos que o projeto ético-político apresenta importantes elementos em sua constituição, que, nos termos de Netto (2011), formam a autoimagem da profissão, tais como a explicitação de valores e princípios ético-políticos, a matriz teórico-metodológica em que se ancora, a crítica radical à sociedade capitalista bem como as lutas e os posicionamentos políticos trazidos pela categoria em aliança com setores progressistas da sociedade brasileira.

Os avanços recentes, contudo, indicam dois caminhos ou processos que estão relacionados entre si: de um lado, a firme continuidade do processo de consolidação do projeto ético-político e, de outro, as ameaças em face de políticas neoliberais que repercutem no interior dessa categoria profissional na forma do neoconservadorismo.

É justamente nesse cenário que vimos a intervenção profissional de Assistentes Sociais se transformar em uma ação recheada de complexidades, contradições e conflitos. É nesse sentido que, conforme acertadamente aponta lamamoto (2015), para entendermos o trabalho do Assistente Social na contemporaneidade, em que claramente vemos e sentimos as ações neoconservadoras, e para compreendermos as dificuldades de avanços em uma prática profissional com vistas à materialização do projeto ético-político, faz-se necessário enxergarmos o Assistente Social como parte da classe trabalhadora, trabalhador que vende sua força de trabalho em troca de um salário e está submetido à mesma relação de exploração a que está exposta toda a classe trabalhadora.

Nesse sentido, o projeto ético-político é crucial para o enfrentamento do atual cenário de força da ofensiva neoliberal e de enfraquecimento de batalhas e de resistência dos movimentos organizados (Teixeira; Braz, 2009).

Por isso, é possível compreendermos que a reafirmação do projeto ético-

político profissional indica as respostas políticas que serão oferecidas no âmbito da formação profissional e das ações profissionais nos mais diversos espaços socio-ocupacionais com vistas a uma atuação madura, qualificada e eticamente comprometida, uma vez que

[...] há um forte caráter conservador, que se espraia por todas as dimensões da vida, contexto em que a profissão e a formação em Serviço Social também estão inseridas. [...] nesse sentido, observamos de modo muito frequente uma tensão entre o projeto historicamente defendido pela categoria, que postula, dentre outros elementos, a defesa dos direitos humanos, e o atual contexto neoconservador, que se expressa inclusive em grupos inseridos na juventude universitária (Pinheiro, 2015, p. 195-196).

Faz-se necessária a compreensão de que o conservadorismo se moderniza também no campo da formação profissional e do trabalho do Assistente Social, como um velho travestido de novo que realimenta antigas teses, mas o faz sem sacudir ou alterar a base estrutural. Desse modo, conforme Silva (2015), três importantes desafios estão postos ao processo de reafirmação do projeto ético-político dessa categoria profissional na atualidade, a saber, a crítica ao capital e à sociedade capitalista, a explicitação de princípios que orientem para a direção da *necessidade do debate em relação às expressões do neoconservadorismo que têm ressurgido no Serviço Social* bem como a clareza em relação à direção social que se deseja seguir e aos desafios atuais para a conquista dessa direção.

É possível verificarmos cotidianamente, na arena social, a disputa de tratamentos e posicionamentos em relação às importantes temáticas da vida em sociedade nas esferas política, econômica e social, por exemplo. Algumas pesquisas científicas mostram que historicamente as religiões têm ocupado papel de destaque nessa disputa, influenciando opiniões, ações e demarcando suas convicções, inclusive na elaboração e execução de políticas sociais e públicas e no aparato jurídico legal que organiza e normatiza a vida em sociedade. Pautas conservadoras trazidas à baila nessa normatização e regulação recaem em toda a sociedade.

Fica evidente, assim, que todas as pessoas que vivem em sociedade estão nessa arena assim como os Assistentes Sociais e os estudantes de Serviço Social, ou seja, não há como se alienar.

Em alguns anos de pesquisa sobre a temática referente à religião e ao Serviço Social foi possível verificarmos que significativa parcela de Assistentes Sociais

brasileiros apresenta valores e convicções religiosas que exercem algum nível e forma de influência em seu cotidiano de exercício profissional, conforme é possível observarmos a seguir:

Perguntamos aos profissionais entrevistados se eles relacionavam os problemas sociais com que lidavam no cotidiano com a espiritualidade [...]. É possível verificar que o profissional atribui a 'culpa' dos casos de violência que trabalha no seu cotidiano ao fato de as famílias não terem uma prática religiosa. Passando a ideia de que não adianta o trabalho na instituição, ou seja, o trabalho na política social que atende essas situações se 'não seguem a Deus' (Dutra, 2012, p. 73).

Além disso, salientamos a relação entre valores religiosos e trabalho profissional, resultado de pesquisa para trabalho de conclusão de curso, conforme se segue:

[...] observamos a declaração do profissional que afirma que as expressões da questão social, as mazelas resultantes da relação entre capital e trabalho configuram uma espécie de consentimento da parte de Deus para que a humanidade perceba o plano Dele para a vida de cada um na terra (Dutra, 2012, p. 73).

É claro que os profissionais de Serviço Social não se separam de seus valores e convicções durante o período de trabalho; tais valores, opiniões e convicções foram formados ao longo da vida, nos grupos sociais em que estiveram inseridos como a escola, a família e a igreja, por exemplo, em transversalidade com as questões de classe, raça, gênero, sexualidade, entre outras.

De acordo com pesquisa realizada para a dissertação de mestrado, todas as entrevistadas afirmaram ter um vínculo religioso de família anterior ao processo de formação profissional, e as profissionais apresentam como motivação para a escolha da carreira a ideia de "ajuda ao próximo". "A gente não tinha muitas vezes o que fazer. Na verdade, era muitas vezes destituir e colocar o joelho no chão e pedir uma família que viesse e quisesse aquela criança para chamar de sua da forma como ela precisava" (Dutra, 2017, p. 56).

Ficou evidente como os profissionais não esperam, nas condições objetivas de trabalho, o trato com tais questões, mas em um ser superior. Tal tipo de espera desconsidera os fundamentos da formação e a atividade profissional vigentes.

A partir das colocações acima, apresentamos os resultados da pesquisa proposta. Temos por objetivo analisar a religiosidade de estudantes de Serviço Social da UNILA. Com isso, visamos responder à indagação acerca de como a religiosidade dos estudantes exerce ação em relação à leitura da realidade destes. A religiosidade, enquanto objeto de análise, nos possibilitou verificar que a existência de valores e princípios religiosos em estudantes de Serviço Social pode persuadir a análise da realidade nos diferentes âmbitos da vida em sociedade.

2 CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A presente proposta de pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina - UEL -, levando em conta que se trata de uma pesquisa com seres humanos, a fim de que esteja dentro dos padrões éticos exigidos. O comitê de ética aprovou o projeto, que está registrado sob o número CAEE 29986920.0.0000.5231.

A pesquisa foi realizada com os estudantes do curso de graduação em Serviço Social da UNILA, criada pela lei nº 12.189/2010, um órgão de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, estado do Paraná, localizada no extremo oeste do Paraná, na região trinacional formada por Argentina, Brasil e Paraguai, o principal polo de desenvolvimento econômico na região. A UNILA começou a ser estruturada em 2007 pela Comissão de Implantação com a proposta de criação do Instituto MERCOSUL de Estudos Avançados (IMEA), em convênio com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Itaipu Binacional.

À pesquisa proposta se aplicou a metodologia qualitativa, que fornece respostas a questões particulares – “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2012, p. 21) e “precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados” (Minayo, 2012, p. 22); tal modalidade de pesquisa tem como ciclo básico a fase exploratória, o trabalho de campo e o tratamento do material empírico.

Em relação à natureza das fontes utilizadas para a realização da abordagem e tratamento do objeto pesquisado, foi inclusa a pesquisa bibliográfica, aquela “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 42). Além disso, a pesquisa reconhecida como descritiva também foi utilizada, uma vez que objetiva “estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência [...], levantar as opiniões, atividades e crenças de uma população” (Gil, 2002, p. 42).

No que se refere à coleta de dados empíricos que deverá responder aos objetivos desta pesquisa, foi realizada pela aplicação de questionários e entrevistas abertas ou em profundidade, ambos os instrumentos aplicados aos estudantes em análise. O questionário pode ser definido como “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito”

(Minayo, 2012, p. 64) aos sujeitos da pesquisa, tendo por objetivos o conhecimento de opiniões e crenças e a construção de perfis. A entrevista, por sua vez, é reconhecida como um dos instrumentos mais utilizados na pesquisa de campo – “é acima de tudo uma conversa a dois”; no caso da entrevista aberta ou em profundidade, esta se refere àquela em que “o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (Minayo, 2012, p. 64).

Foram aplicados questionários e realizadas entrevistas abertas/em profundidade com estudantes do curso de graduação em Serviço Social da UNILA. Compreendemos que os estudantes formam o rol de sujeitos desta pesquisa, uma vez que ela objetiva, especificamente, construir o perfil deles.

A aproximação com o campo e com os sujeitos da pesquisa aconteceu sem dificuldades, isso porque atuamos profissionalmente no município de Foz do Iguaçu – PR, onde está localizada a UNILA, por quase cinco anos. Fui membro da coordenação do coletivo “Encontros pela Diversidade”, que está ligado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), da UNILA, e ao Instituto MERCOSUL de Estudos Avançados (IMEA-UNILA) também como um projeto de extensão. Particpei de eventos, entrevistas e workshops realizados pelo curso de Serviço Social da UNILA como convidada. Além disso, tive amplo contato e relacionamento com a coordenação do curso de Serviço Social da UNILA e com alguns estudantes quando exerci atividade docente e de coordenação do curso de Serviço Social de uma faculdade privada no município, além de ter sido supervisora acadêmica de estágio. Também tive muito contato com os estudantes que estão no campo de estágio, em razão de que o trabalho na Defensoria exige ampla interlocução com as instituições que formam a rede de serviços do município e campos de estágio.

Junto, a isso, ainda, o permanente contato com a coordenação do curso de Serviço Social da UNILA e de seus estudantes, tendo em vista a tentativa de que a Defensoria Pública do Estado do Paraná – instituição em que trabalho como servidora, exercendo a função de Assistente Social – possa se transformar em campo de estágio para os estudantes de Serviço Social. Além disso, enquanto Assistente Social, mantive permanente relação e contato com o curso, reconhecendo a universidade como componente da rede presente no município.

Os questionários físicos que foram aplicados estão arquivados em *nuvem online*. Para a sistematização dos dados, os questionários foram inseridos no *Google Forms*, o que possibilitou a junção dos dados de todos os questionários em um único lugar, além disso, tornou possível o resultado da pesquisa, incluindo gráficos para melhor visualização.

As entrevistas foram realizadas pelo *Google Meet*, foram gravadas e estão arquivadas na *nuvem online*. Tal mecanismo de registro possibilitou a posterior análise dos dados de forma fidedigna. As entrevistas foram transcritas e as transcrições também estão arquivadas em *nuvem online*.

Investigações científicas, como, por exemplo, as de Quintão (2012), Santana (2010), Silva, Dutra e Lanza (2016), Souza (2016), Simões Neto (2005), Kobayasi (2016), Dutra (2012, 2017), revelaram que não raro os profissionais de Serviço Social se socorrem em seus valores religiosos no exercício profissional com a finalidade de darem respostas às expressões da “questão social” com que lidam, colocando tais valores e convicções religiosas como um instrumento profissional que julgam ser capaz de dar as respostas que os instrumentos técnicos disponíveis e o conhecimento adquirido na formação profissional não seriam capazes de oferecer.

As convicções religiosas também são utilizadas pelos profissionais no auxílio à análise e posicionamento de matérias que carregam polêmica e controvérsia, como, por exemplo, a descriminalização do aborto, redução da maioria penal, eutanásia, questões ligadas aos direitos da população LGBT, raça e etnia, violência contra a mulher, entre tantas outras.

Por isso, ousamos dizer que, nessa categoria profissional, encontra-se uma parcela de profissionais que exerce sua profissão também à luz de valores e princípios religiosos em detrimento dos aparatos teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo. De acordo com Silva, Dutra e Lanza (2016, p. 432),

A partir de dados coletados, ficou evidente que o aparato profissional oriundo da formação em Serviço Social, assim como os instrumentos e técnicas, que conformam a prática profissional, sugere ser insuficientes para o enfrentamento das questões que se mostram no cotidiano institucional. Apresentou-se a necessidade de uma crença em alguma coisa, alguém, talvez não com o nome e a cara de Jesus Cristo, ou de qualquer outro deus, mas algo que possua uma dimensão e o poder que a humanidade e os aparatos humanos e sociais não oferecem.

Fato é que todos aqueles que são profissionais hoje passaram por um processo de formação profissional, que, no Brasil, se expressa na organização de entidades como a ABEPSS, a ENESSO, o CFESS e os CRESS, e formação orientada para um perfil profissional com

[...] capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para a apreensão teórico-crítica do processo histórico como totalidade. Considerando a apreensão das particularidades da constituição e desenvolvimento do capitalismo e do Serviço Social na realidade brasileira. Além da percepção das demandas e da compreensão do significado social da profissão; e o desvelamento das possibilidades de ações contidas na realidade e no exercício profissional que cumpram as competências e atribuições legais (ABEPSS, 1996, p. 2-3).

O tema descrito aqui despertou o interesse para a pesquisa, tornando-se objeto da busca científica, daí que o desejo de nos debruçarmos sobre o tema proposto vem dos estudos sobre religião e religiosidade no projeto de pesquisa “motivações que levam homens e mulheres a adentrarem às portas do templo de uma Igreja Pentecostal”, do departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina –UEL. Esses estudos tiveram início no meu primeiro ano do curso de graduação em Serviço Social, no ano de 2009.

Ao longo do curso de graduação, observamos, no cotidiano do processo de formação, a questão da religião e religiosidade dentro de sala de aula, manifestando-se em conflitos durante aulas com fundamentação na teoria social marxista. Nos primeiros anos, disciplinas com conteúdo que traziam à tona a crítica à marca da Igreja Católica na gênese da profissão – e, posteriormente, todo o processo do movimento de reconceituação – foram interpretadas, por alguns alunos, como tentativas individuais de professores de os afastarem de sua igreja ou doutrina.

Ao final do ano de 2010, quando da minha inserção no campo de estágio, marcando o início de um contato cotidiano com Assistentes Sociais fora da academia, a relação entre religião e religiosidade atrelada ao trabalho desses profissionais tornou-se objeto de inquietação. Tal inquietação deveu-se à percepção de valores e princípios religiosos no discurso e no fazer profissional utilizados como recurso, às vezes instrumento e justificativa para o fazer profissional.

Daí em diante, segui atuando no projeto de pesquisa citado. As reflexões resultantes de tal atuação de pesquisa tornaram-se substratos teóricos para a

construção do trabalho de conclusão de curso “Religião, religiosidade e Serviço Social: um estudo sobre a presença da religião e religiosidade na prática profissional de assistentes sociais”, defendido em 2012. A revisão teórica e os dados de análise demonstraram que a fé era um recurso que os profissionais utilizavam no desenvolvimento do trabalho e que a religião aparecia como um ranço da gênese do Serviço Social brasileiro, levando adiante pensamentos e práticas com características assistencialistas e moralistas.

Em 2017, essa inquietação evoluiu para a dissertação de mestrado “Manifestações socioreligiosas de assistentes sociais e suas repercussões imediatas nas práticas laborais do tempo presente no oeste do Paraná”, defendida em 2017 no programa de pós-graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus de Toledo, vinculada à linha de pesquisa Fundamentos do Serviço Social e do Trabalho do Assistente Social.

A dissertação de mestrado mostrou que, entre outras coisas, a religião e a religiosidade estavam postas como elementos de formação e desenvolvimento dos indivíduos, elementos postos como constitutivos da vida em sociedade. Os dados obtidos com a pesquisa empírica deram conta de revelar que o cotidiano profissional, com todas as suas contradições, traz, aos profissionais, um sentimento de carência que eles buscam suprir na religião; também procuram na fé em algo ou em alguém superior respostas às mazelas com as quais lidam cotidianamente. A religião ainda apareceu como um importante elemento na decisão da escolha do curso de Serviço Social, reafirmando a imagem social da caridade presente na área. Inclusive, esse é um dado que merece ser mais bem estudado e aprofundado com pesquisas acadêmicas.

A experiência docente em nível de graduação em uma instituição privada no ano de 2016 também mostrou que a escolha de jovens estudantes pela carreira de assistente social, além de carregar pontos objetivos, como o valor do curso e a disponibilidade no município de residência, trazia o elemento religioso.

Assim, é possível compreendermos que a temática que este trabalho propõe aqui é evidente e necessária. Tal importância pode ser validada pela existência de pesquisas – algumas mais desenvolvidas, em âmbito de pós-graduação, outras menos – e artigos publicados em revistas e anais de eventos. É notória a pouca produção bibliográfica, se comparada a outros temas, o que também justifica a importância de continuidade dessa proposta.

O levantamento de algumas dessas pesquisas pode ser evidenciado pela minha participação em reuniões do projeto de pesquisa “A influência de valores e princípios religiosos na execução das políticas sociais públicas no Município de Londrina: estudo de caso”, do departamento de Serviço Social da UEL, no primeiro semestre do ano de 2018, bem como a realização, como estudante especial, da disciplina “Cultura e Sociedade”, do mesmo departamento, que nos mostrou a necessidade de uma busca minuciosa em relação a publicações relevantes que possam contribuir com a análise do tema em tela.

Importantes títulos foram encontrados, tais como o livro de José Pedro Simões Neto (2005), “Assistentes Sociais e Religião: um estudo Brasil / Inglaterra”, e o de Luci Faria Pinheiro (2010), “Serviço Social, religião e movimentos sociais”. No caso de Simões Neto (2005), a pesquisa deste traz uma análise sobre a política de assistência social no Brasil e, para, além disso, problematiza a questão da religião no interior dessa categoria profissional, uma vez que identifica seus agentes profissionais encarando-a como uma missão. O pesquisador demonstra, como temos visto desde que iniciamos a pesquisa nessa temática, que o desejo da ajuda ao próximo, declarado por parte da grande maioria dos profissionais sujeitos da sua pesquisa (bem como da nossa) faz com que a mobilização de valores seja muito maior do que a de conhecimentos técnicos por parte dos profissionais de Serviço Social (Simões Neto, 2005).

Foi possível encontrarmos, também, alguns artigos, como “A relação entre manifestações religiosas e o exercício profissional dos assistentes sociais: um estudo das contradições e possibilidades no norte do Paraná” (Silva; Dutra; Lanza, 2016). Nós nos deparamos, ainda, dois artigos que analisaram a temática da religião entre alunos de cursos de Serviço Social em universidades públicas, um deles é de Pedro Simões Neto (2007), “Religião e Política entre alunos de Serviço Social (UFRJ)”; outro, de Tiemi Mori, resultado de seu trabalho de conclusão de curso de graduação na UEL, artigo publicado em 2016 juntamente com Cláudia Neves da Silva. Uma dissertação de mestrado, de autoria de Graziela Ferreira Quintão (2012), intitulada “A questão da Religião no Trabalho do Assistente Social. Fragmentos da realidade na Região dos Lagos, Rio de Janeiro”, também foi encontrada. Outros dois trabalhos de conclusão de curso defendidos na UEL trataram da temática religiosa entre Assistentes Sociais e estudantes, um de autoria de Susana Kobayasi (2016), “Religião e Serviço Social: As manifestações religiosas dos estudantes no cotidiano

da sala de aula”, e outro de autoria de Regiane Souza (2016), “A Presença da Religião e de Valores e Princípios Religiosos no Exercício Profissional do Assistente Social”; finalmente, localizamos o de Juliana Aguiar Santana (2010), “Assistentes sociais e religião: um estudo sobre os impactos da religiosidade no exercício profissional do assistente social na contemporaneidade”, trabalho de conclusão de curso de graduação.

O trabalho de autoria de Paulo Wescley Maria Pinheiro (2015), “Serviço Social, neoconservadorismo religioso e o desafio para a formação profissional”, resultado de dissertação de mestrado do autor, indica, entre outras coisas importantes, a tensão entre valores religiosos e conteúdos do curso.

De modo geral, perguntamos de que maneira princípios e valores religiosos induzem ou determinam a leitura de realidade de estudantes de Serviço Social, especificamente da Universidade Federal de Integração Latino-Americana.

Para isso, o capítulo da tese intitulado “Valores e princípios religiosos de estudantes do curso de graduação em serviço social da UNILA” apresenta o perfil dos estudantes de Serviço Social da UNILA, principalmente quanto à idade, gênero, nacionalidade, período de matrícula no curso, auxílios estudantis e religião. Esse capítulo também demonstra significativa queda de sentido dos valores religiosos entre os estudantes à medida que estes avançam no processo de formação, demonstrando as conquistas e perspectivas à luz do proposto pelo projeto ético-político do Serviço Social.

O capítulo intitulado “Temas emergentes, religião e serviço social” demonstra o ponto de vista dos estudantes entrevistados sobre a influência da religião e religiosidade na escolha do curso de Serviço Social bem como da interface da religião e da religiosidade com temas emergentes como descriminalização do aborto, tortura, orgulho LGBTQIAPN+, xenofobia, violência doméstica e intrafamiliar contra mulheres, direitos humanos, intolerância religiosa e atual conjuntura política do Brasil.

As considerações finais indicam a necessidade de reafirmação do projeto ético-político profissional, uma vez que o Serviço Social foi fundado em bases conservadoras. Ademais, a formação profissional não está descolada do real. As questões trazidas são do movimento do real. O destaque é para a demonstração de que o processo formativo tem cumprido, ao longo da História, a proposta do PEP,

com importantes rompimentos e a reconstrução dos valores aos estudantes que ganham criticidade ao longo do processo de formação.

3 VALORES E PRINCÍPIOS RELIGIOSOS EM ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA: CONQUISTAS E PERSPECTIVAS

3.1 PERFIL DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UNILA

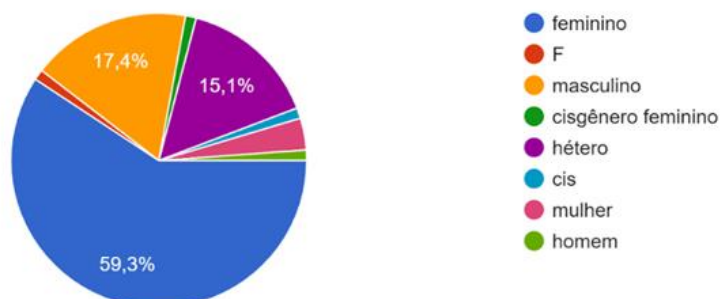
Aqui será apresentado o perfil dos estudantes de Serviço Social da UNILA. Para tal, foram aplicados questionários e entrevistas. A estrutura do questionário trouxe questões abertas, o que permitiu que os estudantes respondessem a algumas questões do seu modo. Foi conduzido dessa forma em atenção à diversidade presente no curso e na universidade, em atenção aos modos de falar e de autoidentificação de cada estudante. Isso pela ideia de que não é a realidade que deve se enquadrar aos instrumentos, mas os instrumentos é que necessitam dar conta da realidade. Com isso, a tabulação dos dados considerou as respostas da forma como elas foram dadas pelos estudantes. No entanto, a fim de obtermos certa padronização para facilitarmos a análise dos dados, também serão apresentados os dados unidos por respostas afins.

A média de idade dos estudantes é de 28,9. Dos 86 questionários respondidos, 53% foram de pessoas do gênero feminino; 1,2% f, 17,4%, de pessoas do gênero masculino; 1,2% de pessoa cisgênera feminina; 15,1% de pessoas héteros; 1,2 de pessoa cis; 3,5% de mulheres, e 1,2% de homens, em concordância com o gráfico abaixo.

Gráfico 1 - 6. Com qual/is gênero/s você se identifica?

6. Com qual/is gênero/s você se identifica?

86 respostas



Fonte: A autora.

Se considerarmos feminino, f, cisgênero feminino e mulher como pessoas do sexo feminino, temos um total de 65,11% de estudantes mulheres. Se considerarmos homem e masculino como pessoas do sexo masculino, temos um total de 18,60% de estudantes homens, em conformidade com as tabelas que seguem.

Quadro 1 - Unificação de respostas para gênero feminino

MULHERES		
FEMININO	51	
F	1	
CISGÊNERO FEMININO	1	
MULHER	3	
TOTAL	56	
$56/86 = 0,65 * 100 = 65,11\%$		65,11%

Fonte: A autora.

Quadro 2 - Unificação de respostas para gênero masculino

HOMENS		
HOMEM	1	
MASCULINO	15	
TOTAL	16	
$16/86 = 0,18 * 100 = 18,60\%$		18,60%

Fonte: A autora.

No caso das pessoas que responderam “hétero”, acreditamos que tenham confundido gênero com orientação sexual. Nesse sentido, encontramos uma maioria

feminina no curso de Serviço Social da UNILA em relação ao total de questionários aplicados. Esse resultado não é uma surpresa – pesquisas realizadas ao longo do tempo corroboram tal realidade.

Dados de pesquisas de Simões (2007, 2009), que apresentam o perfil tanto de estudantes quanto de profissionais de Serviço Social, revelam a continuidade da histórica supremacia feminina nessa categoria profissional. De acordo com Simões (2007, p. 14), em relação à dimensão de gênero da profissão de Serviço Social, pesquisas evidenciam que, no “Brasil, desde o final dos anos de 1960, e independente da região do país considerada, aproximadamente 95% dos profissionais são mulheres”. Além disso, o autor menciona que “nos países em que essa é uma característica forte, como no Brasil, a hegemonia feminina parece atuar na profissão de forma atemporal, ou seja, faz parte da história do Serviço Social, desde sua origem até os dias atuais” (Simões, 2007, p. 14 - 15).

Nesse caso, é importante apontarmos, especificamente sobre a característica de gênero, o que Pedro Simões (2009) traz em sua pesquisa sobre o perfil de estudantes de Serviço Social no Rio de Janeiro. O autor fez investigação sobre profissionais da Assistência Social e verificou que, do total de trabalhadores dessa política com nível superior, pouco mais da metade se refere a Assistentes Sociais, a outra metade diz respeito a profissionais da psicologia e da pedagogia. Para o autor, isso indica que tais profissões têm perfis semelhantes porque disputam mercado de trabalho, ainda que a Assistência Social não seja a única área de atuação profissional dessas profissões. O autor destaca, também, que, em sua opinião, considerando a pesquisa mais ampla sobre os profissionais da Assistência Social e o fato de que, passado o pioneirismo do Serviço Social, o recrutamento para essa profissão se deu por instituições de ensino não confessionais, a questão da identidade feminina se refere ao campo da Assistência Social e do cuidado e seria anterior ao Serviço Social. A prática assistencial carrega a característica feminina, e a ideia de ajuda e cuidado é atribuída à característica feminina; isso se deve, também, ao fato de que tal característica esteve presente na origem da Assistência Social, além de se encontrar nas primeiras escolas de Serviço Social.

A pesquisa sobre o perfil profissional dos profissionais de Serviço Social, elaborada pelo CFESS em 2005, que traz dados de todo o Brasil, mostrou a marca feminina dessa profissão ao revelar que 97% dos profissionais inscritos nos CRESS são do gênero feminino. No mesmo sentido, Simões (2009), acerca da pesquisa com

estudantes de Serviço Social de universidades do Rio de Janeiro, indicou que, em 1999, o percentual feminino ultrapassava os 93%, e entre 2006 e 2007 esse dado permaneceu, com pouquíssima diminuição em duas das seis universidades pesquisadas pelo autor. O curso de Serviço Social é o que contém o maior percentual de mulheres do Brasil, em comparação com os demais cursos de nível superior (Beltrão; Teixeira, 2004).

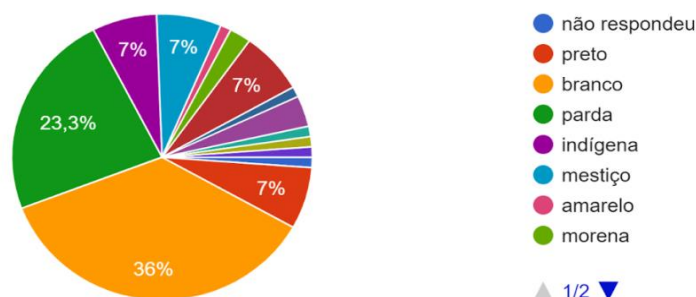
Esse resultado, porém, não é sem razão, está intimamente relacionado com a imagem social que essa profissão carrega historicamente desde as prefigurações do Serviço Social, quais sejam, a de uma mulher religiosa, disposta a atuar na oferta de ajuda aos mais necessitados, havendo aí uma relação formada pela “boazinha”, de um lado, e pobres, do outro. Essa relação evidencia o cerne do assistencialismo, prática de caridade religiosa que oferece auxílio aos pobres e desvalidos. Os atributos do cuidado, da ajuda e do auxílio foram socialmente empregados às pessoas do gênero feminino, firmando a ideia de que é a mulher quem cuida e quem ajuda, enquanto, ao homem, foi designada a vida pública (Iamamoto, 2008).

Em relação à pertença étnico-racial os dados da pesquisa, o resultado apontou 36% de pessoas brancas, 23% de pessoas pardas, 7% de indígenas, 7% de mestiços, 1% de pessoa amarela, 2,3% de pessoas “morenas”, 7% de pessoas negras, 3,5% de pessoas “mestiças/indígenas”, 1% de pessoa “preta/negra”, 7% de pessoas pretas e 1% de indígena Tikuna. Ainda, 1,2% de pessoa que respondeu “não sei opinar”, 1,2% de pessoas que apontaram “importante” e 1,2% de pessoas que não retorquiu à pergunta, de acordo com o gráfico que segue.

Gráfico 2 - 7. Como você se declara em relação à pertença étnico-racial?

7. Como você se declara em relação à pertença étnico-racial?

86 respostas



Fonte: A autora.

No caso da pessoa que respondeu “importante”, acreditamos que possa ter entendido que a pergunta buscava saber sua opinião sobre o tema da pertença étnico-racial, daí que, para essa pessoa, o tema era “importante”.

No caso do termo “mestiço” se refere à pessoa que descende de pais de etnias diferentes, o que é uma realidade comum no espaço da UNILA que recebe estudantes de diversos países pois está localizada em uma cidade brasileira de fronteira trinacional em que as relações são transversais.

Sobre o uso do termo “morena”, é comumente empregado para se evitar dizer que é preto, negro ou pardo. Moreno é um termo que se popularizou, faz menção à pessoa preta, mas não problematiza a questão racial.

Não é tão simples compreender o caráter estrutural do racismo, tampouco lidar com isso ao longo da vida, vez que,

Desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era ‘normal’. ‘Neguinha do cabelo duro’, ‘neguinha feia’ foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. Ser a diferente - o que quer dizer não branca - passou a ser apontado como um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida. Como diz a pesquisadora Joice Berth: ‘Não me descobri negra, fui acusada de sê-la’ (Ribeiro, 2009, p. 23-24).

Nesse sentido, demonstramos, a seguir, as respostas sobre a pertença étnico-racial e como elas foram dadas pelos estudantes – Quadro 3 – e em relação à unificação de respostas afins de acordo com as categorias utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Pois bem, se considerarmos que preto, preta/negra e negra se referem à mesma etnia, temos 38,37% de estudantes que se declaram pretos. Se considerarmos indígena e indígena tikuna como indígena, temos um total de 8,13% de estudantes indígenas. Se considerarmos que morena e parda se referem à parda, temos 25,58% de estudantes autodeclarados pardos:

Quadro 3 - Respostas como foram dadas sobre pertença étnico-racial

RESPOSTAS COMO FORAM DADAS (sobre pertença étnico-racial)		
BRANCA	31	36%
PARDA	20	23,3%
INDÍGENA	6	7%
MESTIÇO	6	7%
AMARELO	1	1,2%
MORENA	2	2,3%
NEGRA	6	7%
IMPORTANTE	1	1,2%
MESTIÇO/INDÍGENA	3	3,5%
PRETA/NEGRA	1	1,2%
INDÍGENA TIKUNA	1	1,2%
NÃO SEI OPINAR	1	1,2%
NÃO RESPONDEU	1	1,2%
PRETO	6	7%

Fonte: A autora.

Ao unificarmos as respostas sobre a pertença étnico-racial de acordo com a nomenclatura do IBGE, verificamos que os resultados para pessoas que se declararam brancas e amarelas não mudam, como é possível visualizarmos no quadro que segue.

Quadro 4 - Unificação das respostas sobre pertença étnico-racial conforme IBGE

UNIFICAÇÃO CONFORME IBGE (sobre pertença étnico-racial)		
INDÍGENA	7	8,13%
AMARELA	1	1,16%
PARDA	22	25,58%
PRETA	13	38,37%
BRANCA	31	36,04%

Fonte: A autora.

Os dados sobre a pertença étnico-racial dos estudantes revelaram um número expressivo de estudantes indígenas, o que demonstra avanço no acesso e permanência desse segmento à universidade. Além disso, na análise unificada dos dados, a maioria dos estudantes é negra, o que aponta para mais um importante avanço no acesso e permanência de pessoas negras na universidade brasileira.

De acordo com Amaral e Luciano (2021), atualmente o Brasil expressa um importante panorama no que diz respeito ao ingresso de indígenas no ensino superior. Os autores apontam que, em 2018, o Brasil tinha mais de 57 mil indígenas no ensino superior, entre instituições de ensino superior públicas e privadas. Tal panorama contou com a implementação da Lei de Cotas – lei 12.711/2012 – e com políticas afirmativas destinadas aos povos indígenas, exercidas por universidades. Para Amaral e Baibich-Faria (2012, p. 199),

Não obstante, a presença dos índios nas universidades públicas oportuniza ainda mais a manifestação das contradições, dos paradoxos e das incoerências que nela residem e a constituem, fundamentalmente, a partir das estratégias de ingresso e de permanência desses sujeitos no ambiente universitário. É nele que

passam a se constituir e identificar como estudantes indígenas universitários – categoria emblemática, uma vez que se forja a partir de relações sociais marcadas por interações, intercâmbios, resistências, resiliências, ocultamentos, negações e afirmações.

Nesse sentido, compreendemos que o panorama positivo não deve mascarar os desafios que se impõem depois de decorridas duas décadas da referida lei. Ainda se faz necessário avançar na permanência do estudante indígena no ensino superior, racismo estrutural e práticas pedagógicas que considerem os conhecimentos indígenas.

A mesma Lei de Cotas, que completou 22 anos em 2022 e abriu os caminhos para a instituição de ações afirmativas no que se refere ao ingresso no ensino superior, também é um marco da luta do movimento negro no Brasil. O movimento sempre colocou em evidência a história de restrições que recaem sobre a população negra, sinalizou a importância do reconhecimento do racismo estrutural e requereu formas de enfrentamento.

No entanto, não podemos perder de vista que os dados do censo do IBGE indicam que a maioria dos brasileiros se autodeclararam pretos ou pardos, no entanto as pessoas pretas e pardas, em dados gerais, não são maioria nas universidades e na vida pública, por exemplo.

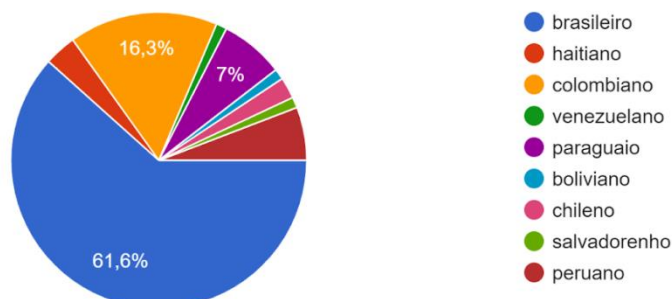
A UNILA tem 7.097 estudantes com vínculo, de 39 nacionalidades diferentes. O curso de Serviço Social tem 278 alunos vinculados, destes, 47 são pretos (dos quais, 15 recebem auxílio estudantil), quatro são amarelos, 118 são brancos, 12 são indígenas (dos quais, 7 recebem auxílio estudantil), 75 são pardos e 22 são não declarados (UNILA, 2022).

Essa variedade encontrada na observância dos dados coletados pela aplicação do questionário fica ainda mais indiscutível pela incontestabilidade ao analisarmos as nacionalidades dos estudantes: são nove nacionalidades diferentes apenas entre 86 estudantes que responderam ao questionário:

Gráfico 3 - 1. Qual a sua nacionalidade?

1. Qual a sua nacionalidade?

86 respostas



Fonte: A autora.

Portanto, sobre a **nacionalidade** dos estudantes, os dados mostraram que 62,8% são brasileiros. Já no caso das outras nacionalidades, 3,5% são haitianos; 16%, colombianos; 1,2%, venezuelanos; 7%, paraguaios; 1,2%, bolivianos; 2,3%, chilenos; 1,2%, salvadorenhos; e 5,8%, peruanos.

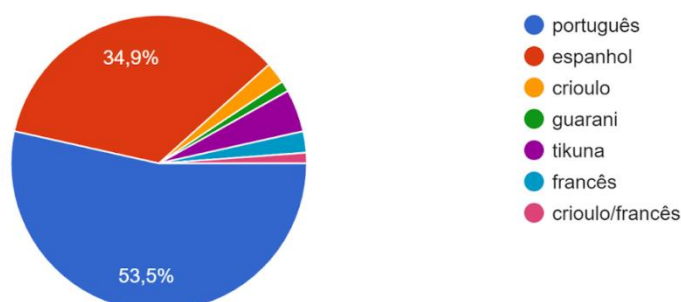
O perfil de nacionalidade e conseqüentemente das **línguas maternas** dos estudantes retrata um dos pilares da UNILA que é a integração latino-americana, assim compreendida:

A expressão 'integração latino-americana' não se restringe à concepção de uma América Latina como um continente nascido da colonização ibérica. A América Latina compreende todos os países do continente americano que falam espanhol, português ou francês, bem como outros idiomas derivados do latim. Compreende a quase totalidade da América do Sul, exceto a Guiana e o Suriname, que são países germânicos. Engloba todos os países da América Central e engloba alguns países do Caribe como Cuba, Haiti e República Dominicana. Da América do Norte, apenas o México é considerado como parte da América Latina. Os demais países americanos restantes tiveram colonização majoritariamente anglo-saxônica, com exceção de Quebec, que é de colonização francesa (portanto, latina) e dos estados do sudoeste dos Estados Unidos, de colonização espanhola, além da Luisiana, que tem colonização francesa. A América Latina engloba 21 países: Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Ainda na América Latina existem mais 11 territórios que não são independentes e, portanto, não podem ser considerados países (IMEA, 2009a, p. 9).

Os questionários mostraram que 53% dos estudantes têm a língua portuguesa como primeiro idioma, 34% responderam que seu idioma materno é o espanhol, 2%, crioulo, 1,2%, guarani, 4,7% informaram que sua primeira língua é o idioma tikuna, 2,3%, francês e 1,2%, crioulo/francês.

Gráfico 4 - 2. Qual a sua língua materna?

2. Qual a sua língua materna?
86 respostas



Fonte: A autora.

Por língua materna entendemos se tratar do primeiro idioma que uma pessoa aprende. No caso dos haitianos, o artigo 5, de *La Constitution de la République d'Haïti du mars 1987*, diz o seguinte: “Tous les Haïtiens sont unis par une Langue commune: le Créole.- Le Créole et le Français sont les langues officielles de la République” (Haiti, 1987, p. 3).

Dito isso, é possível compreendermos a resposta “crioulo/francês”, dada por um dos estudantes que respondeu ao questionário. É possível que as duas línguas oficiais do país de sua nacionalidade se cruzem de modo que ambas, além de serem oficiais, se tornem, também, maternas.

Além disso, merecem atenção os idiomas tikuna e guarani. Os tikuna (ou ticuna em português) são um povo indígena da Amazônia brasileira, e as comunidades tikuna também estão no Peru e na Colômbia (Soares, 2021). No caso do povo Guarani, a família linguística é tupi-guarani, os indígenas dessa etnia ocupam território no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina (Guarani, 2021).

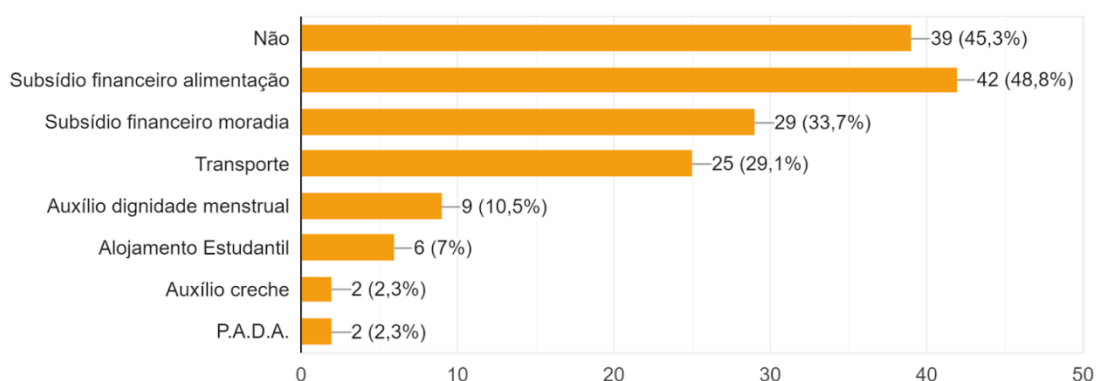
Os estudantes de Serviço Social da UNILA também responderam sobre o tema da **assistência estudantil**. Dos 86 questionários aplicados, foi possível observar que, em 48,8% deles, a afirmação é de que os estudantes recebem

subsídio financeiro alimentação; 33,7%, subsídio financeiro moradia; 29,1%; auxílio transporte; 10,5% são beneficiados com o auxílio dignidade menstrual; 7%, com o alojamento estudantil; 2,3% com auxílio creche; e 2,3% com Programa de Apoio Financeiro ao Desenvolvimento Acadêmico dos Estudantes com Deficiência – PADA PcD.

Gráfico 5 - 8. Beneficiário de algum auxílio de assistência estudantil?

8. Beneficiário de algum auxílio de assistência estudantil?

86 respostas



Fonte: A autora.

Inclusive, os dados sobre esse tema também mostraram que 44,18% dos estudantes são beneficiados com mais de um auxílio estudantil. São 16,27% dos estudantes que acumulam dois auxílios; 22,09%, três; 4,65%, quatro; e 1,16% é beneficiado com cinco auxílios. Esses dados demonstram que a origem popular dos estudantes de Serviço Social também é uma característica presente e já foi identificada em várias outras pesquisas sobre o mesmo tema.

Os benefícios estudantis oferecidos pela UNILA aos estudantes estão no âmbito do Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, cuja disposição foi dada pelo decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010, do governo presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, à época, e de Fernando Haddad, ministro da Educação no mesmo período. A finalidade do referido programa é a de “ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal”, e os objetivos estão elencados no art. 2º:

I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal;

- II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da superior;
- III - reduzir as taxas de retenção e evasão;
- IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação (Brasil, 2010).

A resolução COSUEN n. 16 de 07 de dezembro de 2018, em seu terceiro artigo, menciona os objetivos do PADA PcD:

- I – viabilizar a permanência de estudantes com deficiência nos cursos de graduação da UNILA; II – minimizar os efeitos das desigualdades sociais, por meio de adoção de Políticas Afirmativas que promovam com qualidade, a equidade, e o pleno direito à educação, bem como o desempenho acadêmico dos(as) estudantes com deficiência nos cursos de graduação da UNILA; III – estimular a conquista e o exercício da autonomia dos(as) estudantes com deficiência no ensino superior; IV – subsidiar a universidade na promoção da acessibilidade e inclusão, em atividades acadêmicas; V – promover a alteridade, o respeito e o reconhecimento de toda e qualquer diferença; VI – contribuir para a redução da evasão e da retenção dos(as) estudantes com deficiência dos cursos de graduação (MEC, 2018, p. 2).

Os benefícios indicados nos questionários de pesquisa dizem respeito a necessidades essenciais de qualquer pessoa, pois estão nos campos da alimentação, moradia, transporte e saúde e aqui figuram como essenciais ao direito à educação. Por isso, o quantitativo de estudantes que é beneficiado por esses auxílios revela a imprescindibilidade destes no que diz respeito ao acesso e à permanência de jovens de baixa renda na universidade, a fim de se reduzir desigualdades sociais e democratizar o acesso ao ensino superior. Recentemente, por meio da INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 2/2023/PRAE (10.01.05.22), ficou estabelecida a prioridade de vagas no alojamento estudantil da universidade a estudantes vítimas de violência de gênero, mediante apresentação de boletim de ocorrência ou medida protetiva (UNILA, 2023a).

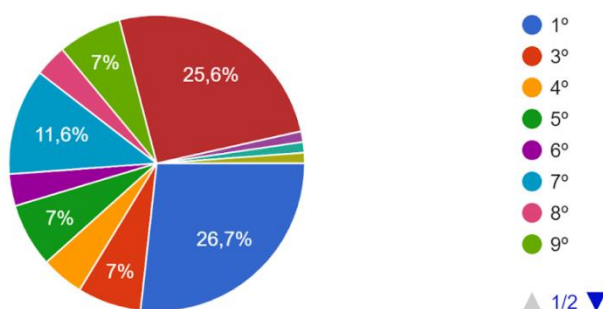
O curso de Serviço Social da UNILA tem dez semestres, ou seja, cinco anos. No entanto, foi possível observarmos que algumas respostas dos questionários indicam que o estudante que respondeu está no 11º ou 12º período. Isso aconteceu, segundo a explicação dos próprios estudantes, porque a ausência de professores no curso fez com que uma quantidade significativa deles tivesse a formação atrasada. Assim, eles informaram, em alguns casos, a soma dos períodos cursados e não o **período** em que estão matriculados, independentemente do atraso.

A comparação dos dados sobre o ano em que o estudante entrou no curso e o período em que ele estava quando respondeu ao questionário (2º semestre de 2022) mostra que 21, ou 24,41%, deles poderiam estar formados quando da data da aplicação do questionário, isso porque eles ingressaram no curso nos anos de 2015, 2016 e 2017, portanto, poderiam ter se formado nos anos de 2019, 2020 e 2021, respectivamente.

A realidade desses estudantes em 2022, em relação ao período em que estavam matriculados no curso, é a de que 26,7% estavam no primeiro período; 7%, no terceiro período; 4,7%, no quarto; 7%, no quinto; 3,5%, no sexto; 11,6%, no sétimo; 3,5%, no oitavo; 7%, no nono; e 25,6%, no décimo. Em razão da situação mencionada, o atraso na formação por causa da defasagem de professores, alguns estudantes informaram estar em mais de um período, e a maneira como essas respostas foram dadas significa que o estudante informou o período em que estava no momento da resposta e em qual período deveria estar, assim, 1,2% dos estudantes afirmou estar nos 10º/11º períodos, e a mesma quantidade declarou estar nos 4º/6º períodos e 6º/8º períodos. O gráfico que segue ajudará a visualizarmos melhor esse panorama.

Gráfico 6 - 5. Em qual semestre do curso de Serviço Social você está matriculado/a atualmente?

5. Em qual semestre do curso de serviço social você está matriculado/a atualmente?
86 respostas



Fonte: a autora.

A preocupação com a defasagem de professores no corpo docente do curso de Serviço Social e os resultados disso, mencionados por diversos estudantes, foram pauta de reunião do Núcleo Docente Estruturante de Serviço Social - NDE -,

conforme a ata n.01/2021. Uma das pautas dessa reunião, portanto, foi a discussão do estudo sobre o impacto do atraso na formação dos estudantes tanto pelos reflexos da pandemia de covid-19 quanto pela insuficiência de professores no corpo docente. A aflição dos estudantes foi materializada em diversos contatos telefônicos para a coordenação do curso em que questionaram sobre estágio e TCC – mencionados nas entrevistas -, além do risco de jubramento. A coordenação já havia se reunido com os estudantes do Centro Acadêmico de Serviço Social – CASS – antes dessa reunião. Como encaminhamentos diante desse problema, o NDE indicou a realização de uma assembleia geral, participação dos estudantes nas reuniões do NDE, quando houvesse pauta sobre esse problema, além de concurso para o ingresso de professores e formas de recuperar os atrasos na formação bem como bem como a reoferta de disciplinas (UNILA, 2021).

O balanço sobre os 13 anos da UNILA, expresso pelo Caderno de Informações – “UNILA 13 Anos: Conquistas e Desafios”, demonstrou que o quadro de pessoal não acompanhou o aumento na oferta de cursos de graduação e pós-graduação, sendo que os cursos de Administração Pública, Políticas Públicas e Serviço Social estão em condições sobressalta. O curso de Serviço Social conta com apenas 60% da quantidade necessária para a formação do corpo docente. Em termos gerais, o Caderno mostra que a universidade conta com apenas 68,16% do número de professores necessários para a oferta dos componentes curriculares dos diversos cursos oferecidos (UNILA, 2023b).

Daqui para a frente vamos apresentar os dados referentes às **religiosidades** dos alunos de Serviço Social da UNILA. Uma olhada rápida já revela o processo do sincretismo religioso, 21 respostas diferentes foram dadas, algumas são afins, ou seja, se trata da mesma religião, mas, dito ao modo do estudante que respondeu, isso levando em consideração os dados da realidade que demonstram o trânsito religioso no Brasil e a múltipla pertença religiosa para um mesmo indivíduo.

Assim, sobre a pertença religiosa dos estudantes, 30,2% deles afirmaram não ter religião, e a mesma quantidade declarou ser católica, 9,3%, evangélica, 5,8%, cristão – Igreja do Nome de Jesus, Batista, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Umbanda, Candomblé, espírita, protestante, testemunha de Jeová, Adventista do Sétimo Dia, Cristão/Protestante, livre pensador, livre pensamento, católica/espírita, católica/umbanda, católica/candomblé –, 1,2% não responderam e 1,2% se afirmaram crentes. Um estudante respondeu “nordeste”, acreditamos que

ele possa ter lido “região” ao invés de “religião”, mesmo que o contexto do questionário fosse sobre religião.

Com essa variedade de respostas, tentamos uni-las por afinidade com o intuito de obtermos uma visão mais geral sobre as religiões dos estudantes; desse modo, respostas que indicaram mais de uma religião, como, por exemplo, “católica/umbanda”, foram quantificadas tanto no grande grupo dos católicos quanto no grupo das religiões de matriz africana. A demonstração dos números organizados pelo que estamos denominando de grandes grupos ficou da seguinte forma: no grande grupo de religião católica, o que inclui católicos, católico/espírita e católico/umbanda, 32,55% dos estudantes formam esse grupo. No grande grupo de religiões de matriz africana, em que estão as respostas católico/umbanda, candomblé e umbanda/candomblé, a porcentagem é de 4,65%. No grande grupo dos evangélicos tradicionais, que se referem à testemunha de Jeová, Adventista do Sétimo Dia, Batista, Igreja do Nome de Jesus, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cristão, cristão/protestante, crente, evangélica, evangélica/cristão e protestante, a porcentagem é de 26,74%. O número de 30,23% é de pessoas que afirmaram não ter religião, 1,16% não respondeu, e livre pensador e livre pensamento, 1,16% cada, ainda que não possamos denominar de religião, foram quantificados aqui, concordante o gráfico subsequente.

Gráfico 7 - 7. Você pertence a alguma religião?

9. Você pertence a alguma religião?

86 respostas



Fonte: a autora.

Os dados demonstram uma diversidade religiosa importante, mesmo naquelas religiões em que o número de estudantes é menor. Esses dados importam, pois nos mostram o retrato da relação desses estudantes com as diferentes expressões religiosas.

Chamaram a atenção as respostas “livre pensador” e “livre pensamento”. Ambas não são religiões, mas, ao serem informadas justamente na pergunta sobre qual era a religião do estudante, isso nos leva a pensar que talvez tenham sido dadas como uma afronta em relação à religião de modo geral.

Além disso, ambos os termos não eram do nosso conhecimento, daí a necessidade de uma pesquisa dentro da própria pesquisa, o que nos levou ao encontro de Anita Helena Schlesener, professora e pesquisadora vinculada à Universidade Tuiuti do Paraná. Anita se dedica aos estudos de Gramsci desde a década de 1980 e traduziu algumas das obras desse autor. No artigo “Linguagem acadêmica e educação: um campo de disputas e de consolidação da hegemonia” (Schlesener, 2021), a autora se debruçou sobre a questão da linguagem e, com isso, mencionou observações de Gramsci relacionadas ao livre *pensamento* e ao livre *pensador*. Nesse sentido, ao falar sobre como a cultura popular passou a ser ideologia no contexto da sociedade burguesa, ela diz que,

No fundo, a colocação de Adorno vai na linha das observações de Gramsci (1975, p. 160), quando este acentua que o livre pensamento e o pensamento livre não são a mesma coisa: o livre pensamento é individualista, escravo das convenções e dos preconceitos. O pensamento livre, por sua vez, é considerado pela história e se reconhece como tal, entendendo que a verdade jamais deve ser apresentada dogmática e absoluta, mas depende de condições históricas (Schlesener, 2021, p.14).

Schlesener faz uma citação direta a Gramsci sobre esse assunto:

O livre pensador é um utopista, ou seja, seu pensamento é escravo, não saiu ainda do caos, da convencionalidade e do preconceito. Concebe a liberdade de um modo estreito e limitado: liberdade somente para determinadas opiniões, para determinadas conexões de pensamento. Se pode dizer que, no fundo, concebe a liberdade somente para si, para as próprias opiniões, de modo exclusivista e tirânico (Gramsci, 1978, p. 260 *apud* Schlesener, 2021, p. 14).

No mesmo sentido, a autora aponta que

O pensamento livre sai dos limites de todas as convenções e de todos os preconceitos. Mesmo sendo livre, é um pensamento condicionado pelas circunstâncias sociais e pela história, tendendo a uma unidade coletiva, a partir da tolerância nos debates e polêmicas. Pensar livremente implica reconhecer as contradições e tentar superá-las 'alargando a esfera ideal e humana das próprias ideias' (Gramsci, 1978, p. 260 *apud* Schlesener, 2021, p. 14).

Em busca da obra de Gramsci referenciada por Schlesener, no entanto, esbarramos no limite do idioma do autor, o italiano. Ainda que existam publicações em português dos "Cadernos do Cárcere", nenhuma delas se refere ao tratamento que o autor deu a esse tema, e a referência que Schlesener utiliza não está traduzida para o português.

Em razão disso, em contato com a professora Anita a fim de entendermos um pouco melhor essa questão, foi possível compreendermos, portanto, que livre pensador e livre pensamento não se referem a religiões – que porventura poderíamos não conhecer –, de modo que, consoante o que afirmou Anita, "livre pensador geralmente é usado como referência a filósofo ou ainda a quem não tem religião", o que faz todo o sentido diante da análise de nossa pesquisa.

Por e-mail e mensagens de WhatsApp, a autora esclareceu que,

Na verdade, livre pensamento e pensamento livre expressam dois projetos diferentes de sociedade, entende? Livre pensamento é a expressão que apresenta o individual solitário, que é a ideia de cidadão, de indivíduo que perpassa o pensamento liberal, enquanto que pensamento livre tem como pressuposto o projeto socialista, que é um projeto que acentua a cooperação, a solidariedade entre os indivíduos e que as pessoas só podem ser livres se forem todas livres, a liberdade é uma condição social. O liberalismo, ele se apoia na religião e também na maçonaria. O socialismo, não. O socialismo é uma proposta de sociedade que supera a religião. Livre pensador geralmente é usado com referência a filósofo ou ainda a quem não tem religião. No caso de Gramsci, o texto citado não está traduzido, mas é interessante porque mostra a diferença entre o pensamento liberal, concentrado na individualidade e na solidão da pesquisa e o pensamento socialista, voltado para construir uma sociedade que supere o individualismo em favor de um coletivo no qual só pode existir liberdade se todos forem livres, se todas as opiniões forem respeitadas, ou seja, o pensamento livre coincide com uma ampla liberdade de expressão e de ação que só é possível em uma ampla democracia. Citando o texto: 'O livre pensamento é expressão burguesa, filisteia e depende do individualismo jacobino: eis porque encontramos agrupados em torno a esta ideia os maçons, radicais... e libertários. Um indivíduos (sic) têm uma opinião sobre uma certa atividade humana: esta opinião é, para ele, a verdade. Ele raciocina assim: se esta é a verdade, todos deveriam aceitá-la, todos deveriam

pensá-la'. Implicitamente Gramsci está dizendo que o livre pensador é dogmático, escravo de sua ideia, dominado por preconceitos e, por isso, intolerante. O pensamento livre reconhece-se como condicionado pelas múltiplas determinações materiais e sociais que permeiam a vida em sociedade e, por isso, aceita o debate, a dúvida, as polêmicas porque entende que o pensamento deve ser construído coletivamente (Schlesener, 2023).

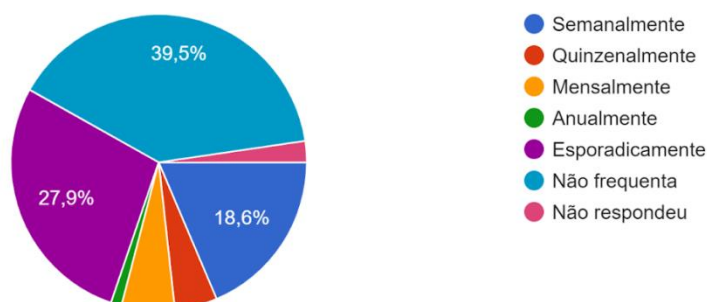
Outro dado interessante sobre o assunto do livre pensamento e livre pensador é que essas respostas foram dadas por dois estudantes do sexo masculino, que se autodeclararam mestiços/indígenas e de nacionalidade chilena. Ainda mais interessante é que cada um deles tenha dado respostas distintas, e, conforme vimos em Gramsci e Schlesener, livre pensamento e livre pensador não são sinônimos e indicam distintos projetos societários, vez que livre pensador está associado a quem não tem religião, de modo dogmático e segmentado pelo pensamento liberal, enquanto livre pensamento se vincula ao projeto socialista que considera determinações sociais e materiais presentes à vivência em sociedade. Ainda que nosso rol de conhecimento sobre esse assunto tenha se formado quando da análise dos dados do questionário, ou seja, seja completamente escasso, acreditamos que as menções a Gramsci e à professora Anita Helena tenham sido suficientes para elucidarmos esse importante destaque nesta pesquisa.

Dentre os estudantes que afirmaram ter alguma pertença religiosa, mais da metade deles, 58,1%, informaram que não frequentam o espaço religioso referente à sua pertença, 39,9% afirmaram frequentar e 2,3% optaram por não responder à pergunta. Perguntados, portanto, sobre a frequência aos seus espaços religiosos, 2,3% dos estudantes não apresentaram resposta, 18,6% afirmaram ter frequência semanal, 4,7%, quinzenal, 5,8%, mensal 1,2%, anual e 39,5% declararam ir ao seu espaço religioso esporadicamente. É considerável o número de estudantes que tem frequência a algum espaço religioso, o que demonstra que o exercício institucional de suas crenças faz parte da sua organização cotidiana. Além disso, como as instituições religiosas manifestam seus posicionamentos sobre os mais diversos assuntos da sociedade, certamente o estudante que frequenta um espaço religioso é atingido de alguma forma pelos posicionamentos da instituição a que comparece. A visualização desses números pode ser facilitada pelo gráfico a seguir.

Gráfico 8 - 9.3. Qual a frequência?

9.3 Qual a frequência?

86 respostas



Fonte: a autora.

Em relação a **como se sentem na UNILA**, no que concerne à religião professada, ou seja, se se sentem respeitados, 68,6% dos estudantes afirmaram sentir-se respeitados, 2,3% declararam não se sentir respeitado, 23,3% não responderam à pergunta. A essa pergunta, outras respostas foram dadas à moda do estudante: "Depende do âmbito. Político não!!!", "parcialmente", "algumas vezes", "muito" e "diria que eu, por ser indígena, às vezes não sou respeitada" – cada uma dessas respostas corresponde ao percentual de 1,2%. Esse panorama aponta mais uma vez para diversos posicionamentos e sentimentos sobre a religião e religiosidade dos estudantes. As expressões sobre a ausência de sentimento de respeito dentro da universidade, seja pouco ou muito, vão aparecer nas entrevistas. Nelas, os estudantes narraram terem sido vítimas de situações de desrespeito em razão de sua religião ou crença, assim como presenciaram outros estudantes sofrendo a mesma coisa.

Dado digno de atenção e inegável expressão da realidade e do comportamento religioso desses estudantes, que não foge ao registro de bibliografias que versam sobre o tema aqui estudado, diz respeito a estudantes que afirmaram não ter religião e/ou não frequentar seu espaço religioso, mas assinalaram alguma frequência na pergunta posterior. Ou seja, o estudante afirmou não ir à igreja alguma e em seguida declarou que vai esporadicamente. Assim, 66,66%, em relação ao total de 86 estudantes, responderam ao questionário da forma narrada; esse total se refere a estudantes católicos e 33,33%, a estudantes cristãos, evangélicos e crentes. De modo geral e popular, os 66,66% de católicos referem-se aos "católicos não praticantes", que não se trata de um segmento oficial da Igreja Católica, mas

daquelas pessoas que certamente foram batizadas e casaram-se nessa religião, por exemplo, sem, contudo, a praticarem de forma integral, como teria estabelecido a instituição Igreja Católica. Além disso, pode se referir, também, a pessoas que simpatizam com outras denominações religiosas, como vimos, por exemplo, o caso do “católico/espírita e católico/umbanda”.

Por isso, não sem razão,

A esse tipo de católico que mantém simultaneamente religiosidades diferentes – cada uma localizada num plano da vida do fiel – acrescentam-se ainda os chamados ‘não-praticantes’, categoria sociologicamente pouco precisa, mas com uma auto-identificação significativa que compõe uma parcela importante do segmento. São os católicos dos batismos, casamentos e enterros, para os quais os sacramentos atuam como ritos de passagem tradicionais na sociedade brasileira. Trata-se daqueles indivíduos que acreditam na Igreja, batizaram seus filhos nela, aceitam-na como identidade religiosa, mas não a praticam, como ir periodicamente aos templos ou manter alguma devoção a um santo, por exemplo. A auto-identificação de ‘não-praticante’ deve-se à pouca frequência aos serviços religiosos e à ausência de relações mais comunitárias. Por meio de entrevistas qualitativas, é possível inferir que um número considerável de pessoas pode muito bem se identificar como católico ‘não-praticante’, ou simplesmente sem religião, dependendo do dia em que for entrevistada (Monteiro; Almeida, 2001, p. 4).

É incontestável que as experiências vivenciadas pelas pessoas que têm alguma religião e transitam por diversas outras demonstram alterações nas fases da vida e que não necessariamente o pertencimento religioso das pessoas diga respeito unicamente à religião institucionalizada, mas contém elementos mais que extrapolam a religião enquanto instituição. Tais elementos podem se referir diretamente à fé e às experiências pessoais de cada pessoa.

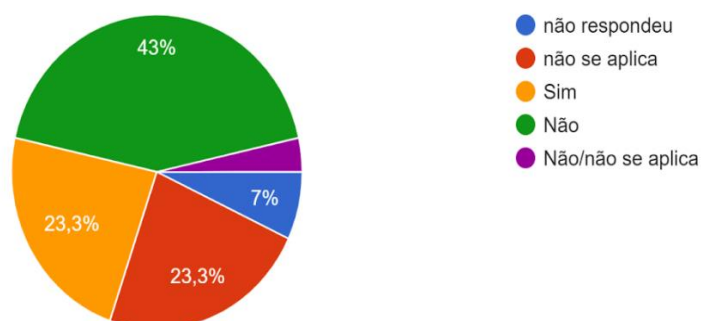
Nesse caminho, aproximando um pouco mais o assunto da religião da escolha do curso de Serviço Social, 43% dos estudantes afirmaram que sua religião ou crença não os ajudou a decidir cursar Serviço Social, enquanto 23,3% declararam que sua religião ou crença os auxiliou nessa decisão. O total de 23,3% dos estudantes informou que essa pergunta não se aplica à sua realidade, ou seja, se refere aos estudantes que, por não terem denominação religiosa, não constituem a referida ajuda como possibilidade. A dualidade nas respostas não deixou de se fazer presente nessa pergunta em que 3,5% dos estudantes responderam “não/não se aplica”, o que pode significar que, ainda que não tenham religião, a crença ou fé

possa ter ajudado, ou o contrário, que, tendo religião, não a considera influência para tal decisão. Esses dados mostram que a religião tem lugar importante na vida desses estudantes e que ela imprime algum sentido, em maior ou menor medida, para suas existências e exercício da vida cotidiana. Demonstaram, também, que a religião traz algum sentido ou norte para as pessoas. Já 7% dos estudantes não responderam a essa pergunta, de acordo com a exposição gráfica seguinte.

Gráfico 9 - 11. A sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?

11. A sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?

86 respostas

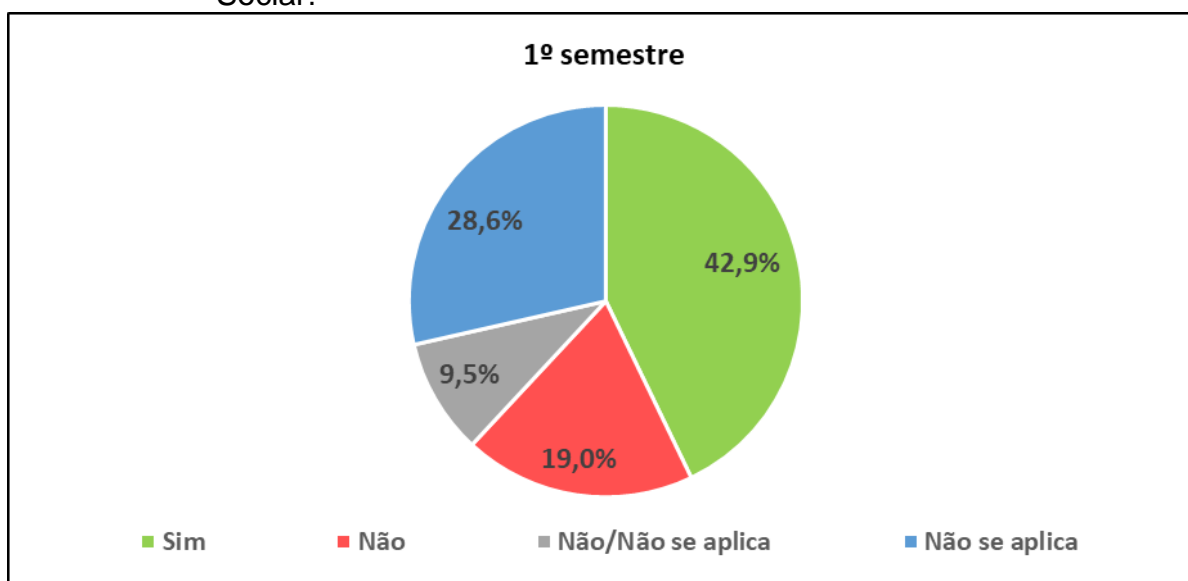


Fonte: A autora.

Se relacionarmos a pergunta anterior “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?” com os **períodos** em que os estudantes estavam matriculados quando da aplicação do questionário, veremos que, à medida que o estudante avança no curso, menos essa relação de ajuda aparece. Os gráficos adiante facilitarão a visualização de tais dados.

Dos 23 estudantes matriculados no 1º semestre, 42,9% afirmaram que sua religião os ajudou a decidir cursar Serviço Social.

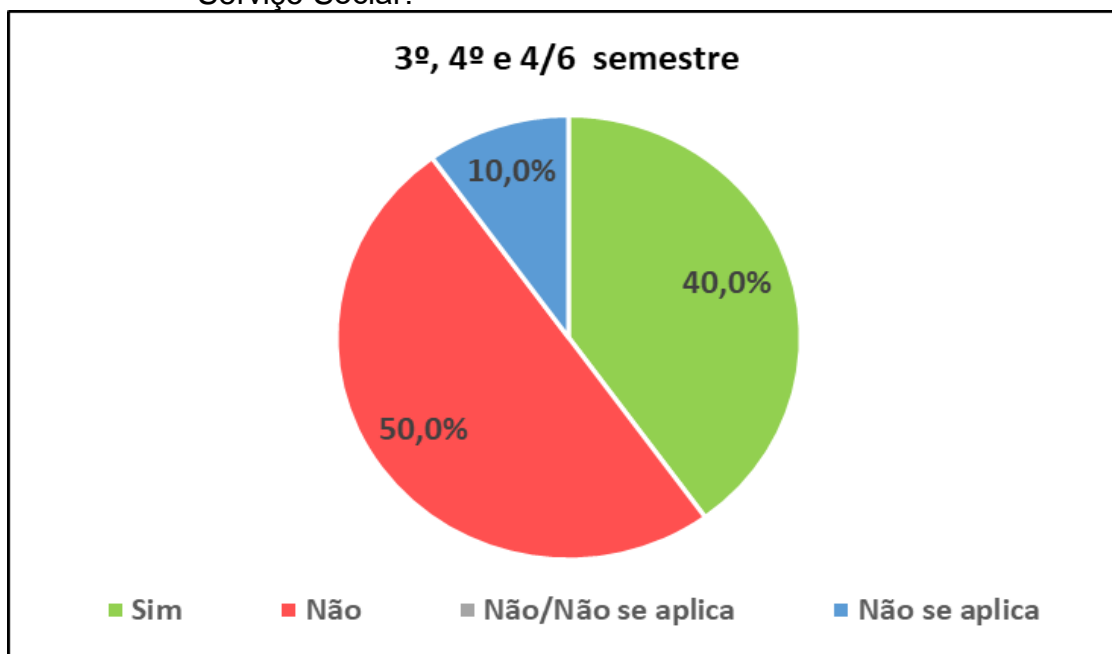
Gráfico 10 – 1º semestre / “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”



Fonte: a autora.

Dos 11 estudantes que afirmaram estar no **3º, 4º e 4º/6º períodos**, 40% responderam que a sua religião os ajudou na escolha do curso.

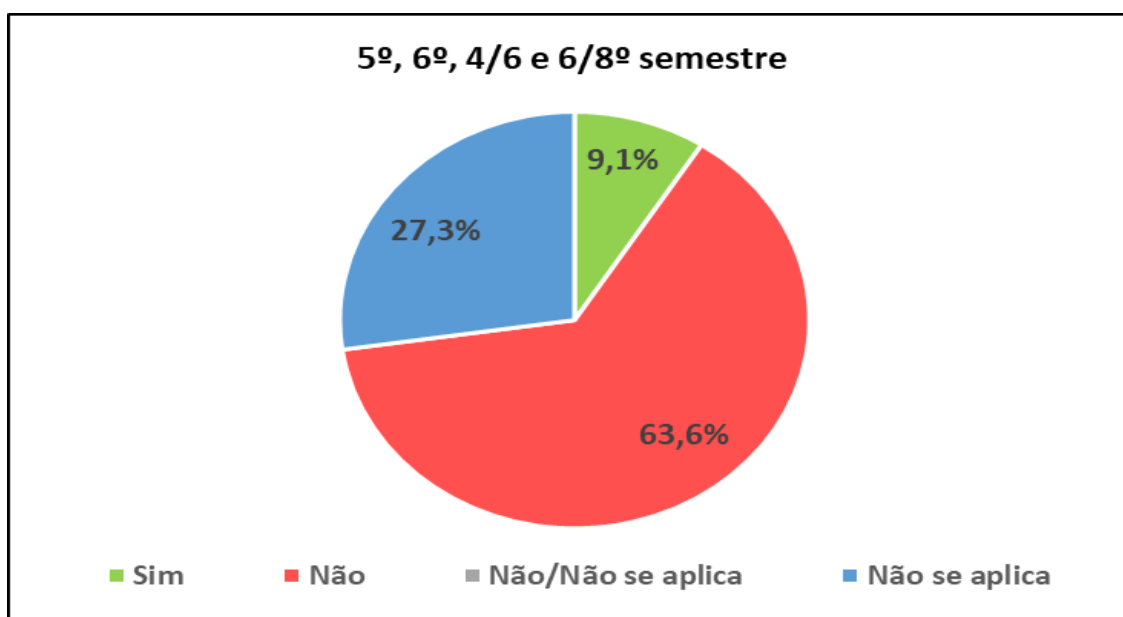
Gráfico 11 – 3º, 4º e 4/6º semestres/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”



Fonte: A autora.

Em relação aos também 11 estudantes matriculados nos **5º, 6º, 4º/6 e 6º/8º semestres**, 9,1% responderam positivamente à pergunta.

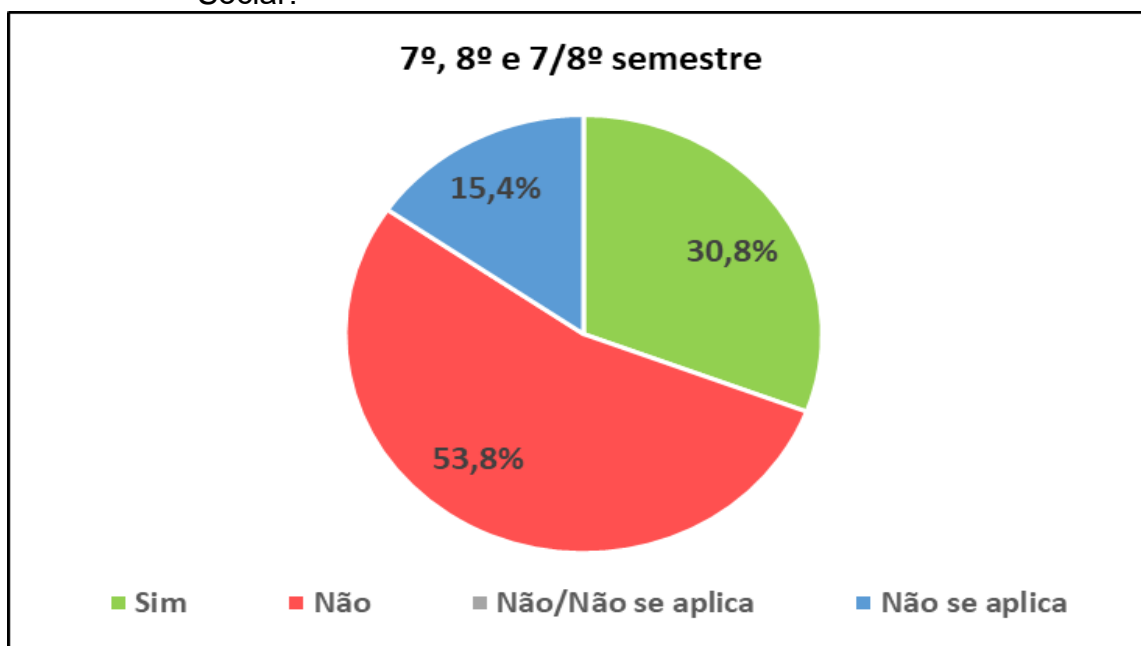
Gráfico 12 – 5º, 6º, 4/6º e 6/8º semestres/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”



Fonte: A autora.

Nos 7º, 8º e 7º/8º períodos, 30,8%, do total de 14 estudantes, responderam sim para a pergunta número 11 do questionário.

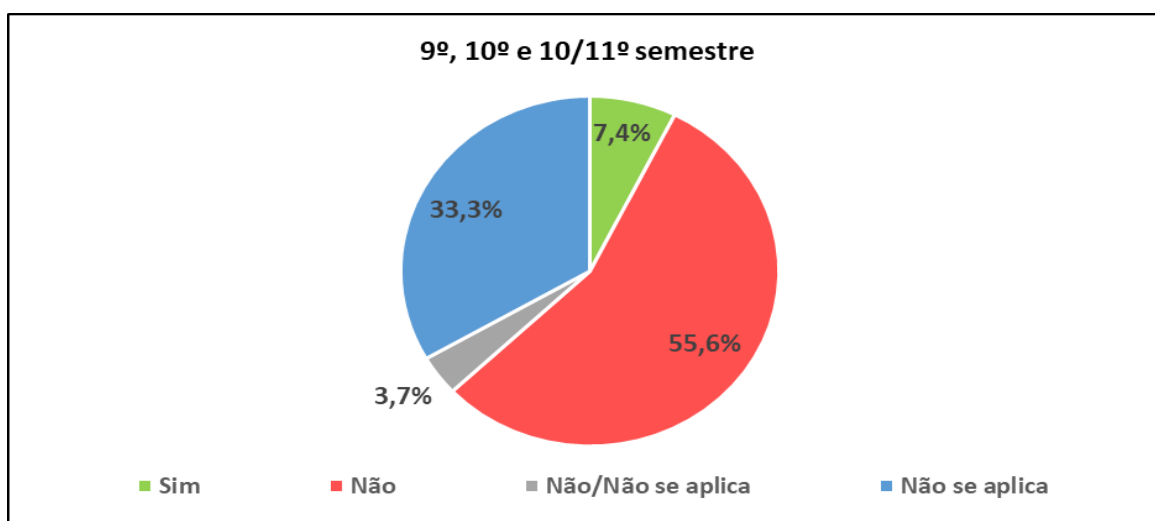
Gráfico 13 – 7º, 8º e 7º/8º/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”



Fonte: A autora.

Finalmente, entre os estudantes dos 9º, 10º e 9º/10º semestres, apenas 7,4% informaram que sua religião ou crença os/as ajudou na escolha da profissão.

Gráfico 14 – 9º, 10º e 9º/10º semestres / “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”



Fonte: A autora.

Os números demonstram queda de sentido a essa ideia do primeiro até o oitavo semestre, de 42,9% no primeiro semestre para 40% entre o terceiro e o sexto semestre, disso para 9,1% entre o quinto e o oitavo semestre. Há retomada de 30,8% de sentido para essa pergunta entre o sétimo e o oitavo semestre, e finalmente existe nova queda, apenas 7,4% dos estudantes responderam sim. Nisso, vemos expressiva diminuição de 42,9% para 7,4%.

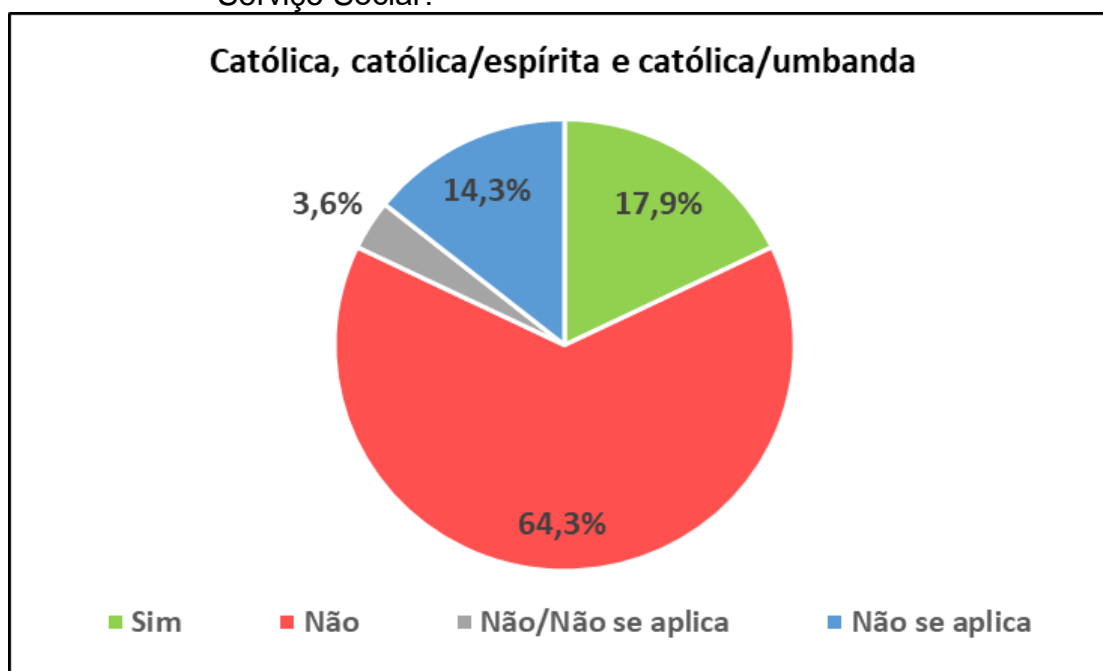
Essa comparação evidencia que, certamente, a histórica imagem social da profissão ainda persiste, de modo que considerável número de pessoas ainda busca essa profissão por algum grau de influência religiosa, que, no campo dessa profissão, equivale à ideia da filantropia, da caridade e da ajuda aos pobres. Mas temos de destacar justamente a queda desse sentido ao longo do curso, o que pode significar que a formação profissional reconstruiu, em alguma medida, a ideia desses estudantes.

Aqui nós temos um resultado que nos mostra conquistas e perspectivas para os rumos da nossa profissão. E cabe uma comparação crítica. Em anos de pesquisa sobre esse tema com profissionais e estudantes de Serviço Social, nunca tivemos um resultado tão positivo como esse.

Ainda em relação à questão 11, trazemos as respostas relacionadas com os grandes **grupos de religiões**. Desse modo, no caso dos estudantes do grande grupo “católico” (que inclui católico, católico/espírita e católico/candomblé), 64,3% responderam negativamente, 14,3% responderam que tal pergunta não se aplica a

seu caso, 3,6% indicaram “não/não se aplica”, 17,9% afirmaram que sim, que sua religião/crença – neste caso, o grupo católico – os ajudou a decidir cursar Serviço Social.

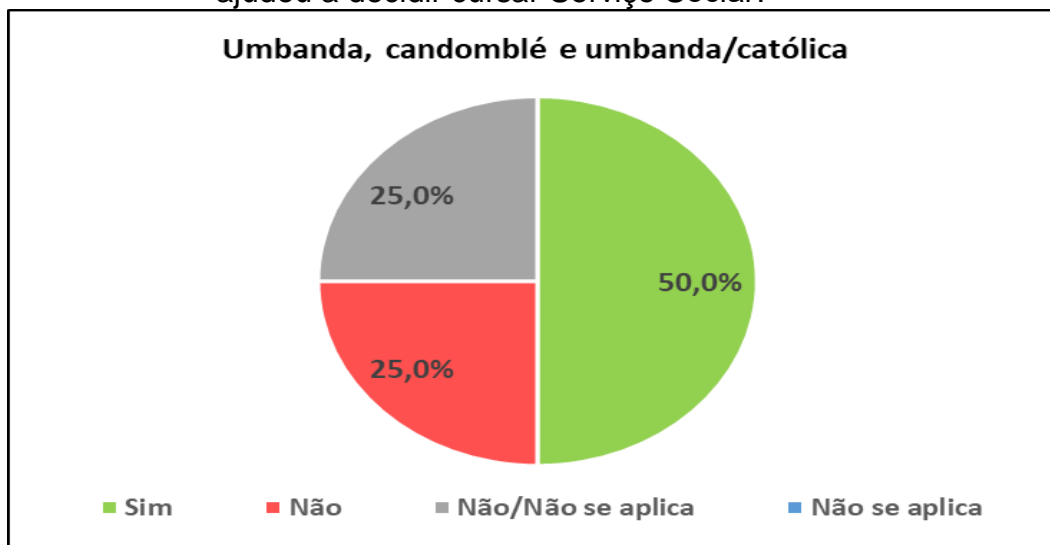
Gráfico 15 – Grande grupo católico/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”



Fonte: A autora.

Em relação ao grande grupo de religiões de matriz africana (umbanda, candomblé e umbanda/candomblé), 25,0% responderam que sua religião/crença não os ajudou a tomar decisão de cursar Serviço Social, enquanto 50,0% responderam que sim e 25,0% afirmaram que “não/não se aplica”:

Gráfico 16 – Grande grupo de religiões de matriz africana/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”



Fonte: A autora.

Já entre o grande grupo dos evangélicos tradicionais (testemunha de Jeová, Adventista do Sétimo Dia, Batista, Igreja do Nome de Jesus, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cristão, cristão/protestante, crente, evangélica, evangélica/cristão e protestante), 45,5% dos estudantes afirmaram que sua crença/religião o ajudaram a escolher essa profissão, 36,4% responderam que não, 18,2% apontaram que a pergunta não se aplica a seu caso. A representação gráfica a seguir traz melhor visualização.

Gráfico 17 – Grande grupo de evangélicos/ “Sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?”



Fonte: A autora.

Com isso, vimos que os estudantes do grupo de religiões de matriz africana e evangélicos tradicionais são os que mais atribuem sentido a essa ideia, foram os que mais contaram com sua religião/crença para a tomada de **decisão** sobre que profissão escolher. Ao que parece, o elemento decisivo, neste caso, foi a religião/crença.

Nesse sentido, de trabalhar um pouco mais a relação dos estudantes com a esfera do sagrado, o questionário apresentou três afirmações sobre a relação da pessoa com Deus e deste com a vida acadêmica no curso de Serviço Social. A cada uma das três afirmações, o estudante poderia assinalar a opção que mais o representasse, ou seja, se concordava total, parcialmente ou se discordava completamente. As mencionadas afirmações diziam o seguinte: “12. Tudo o que faço está relacionado com a minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”, “13. Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça” e “14. “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”.

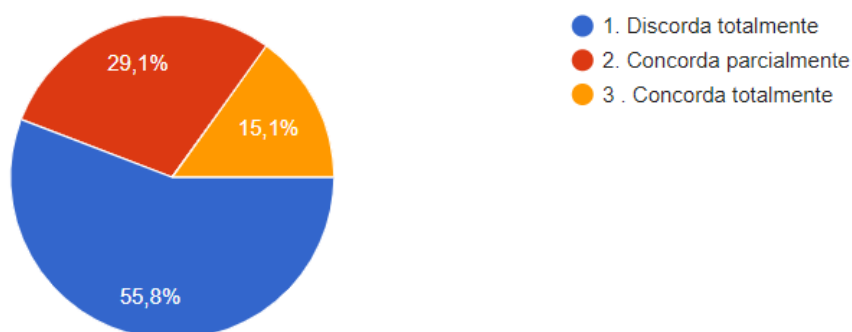
Essas afirmações foram formuladas a partir do acúmulo de conhecimento e experiência de pesquisa sobre o tema desta tese que demonstrou diversas vezes os sujeitos das pesquisas fazendo esses tipos de afirmações em contexto em que o assunto se referia às motivações da escolha e vivência religiosa, bem como a análise de como isso se encontrava e se cruzava no caso da nossa profissão.

Consoante os dados sobre as mencionadas afirmações, de modo geral 55,8% dos estudantes afirmaram discordar totalmente da afirmação: “12. Tudo o que faço está relacionado com a minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”, 29,1% responderam concordar parcialmente e 15,1%, totalmente. A descrição pode ser figurada no gráfico a seguir.

Gráfico 18 - 12. Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo

12. Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de estar vivendo.

86 respostas



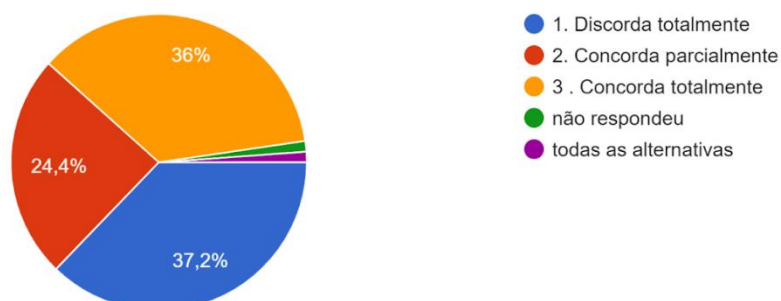
Fonte: A autora.

No caso da afirmação “13. Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”, os dados em relação ao total de questionários aplicados mostraram que 36% dos estudantes concordam totalmente com ela, 37,2% discordam totalmente e 24,4% concordam parcialmente, como é possível notarmos na demonstração gráfica a seguir.

Gráfico 19 - 13. Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que eu sou é por sua graça

13. Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo que eu tenho e que sou é por sua graça.

86 respostas



Fonte: A autora.

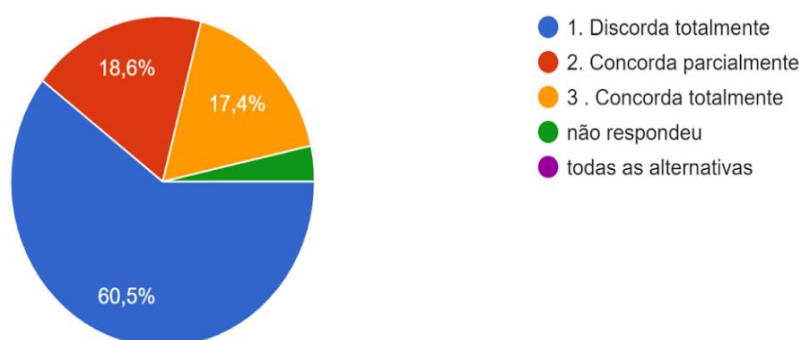
Questionados sobre o grau de concordância em relação à afirmação “14. Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”, 17,4% indicaram concordar totalmente, 18,6%, parcialmente e 60,5% discordam

completamente da máxima em análise. O total de 3,5% não apresentou resposta à questão, como é possível visualizarmos no gráfico a seguir.

Gráfico 20 - 14. Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social

14. Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar serviço social.

86 respostas



Fonte: a autora.

Sobre essas afirmações, se compararmos as respostas da pergunta “11. A sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?” com o grau de concordância da afirmação “14. Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”, ambas referentes à totalidade dos questionários respondidos, vamos ver que os resultados são correspondentes e praticamente se mantêm. Vejamos que 23,3% responderam sim à pergunta 11 e 24,9% afirmaram concordar totalmente com o conteúdo da questão 14.

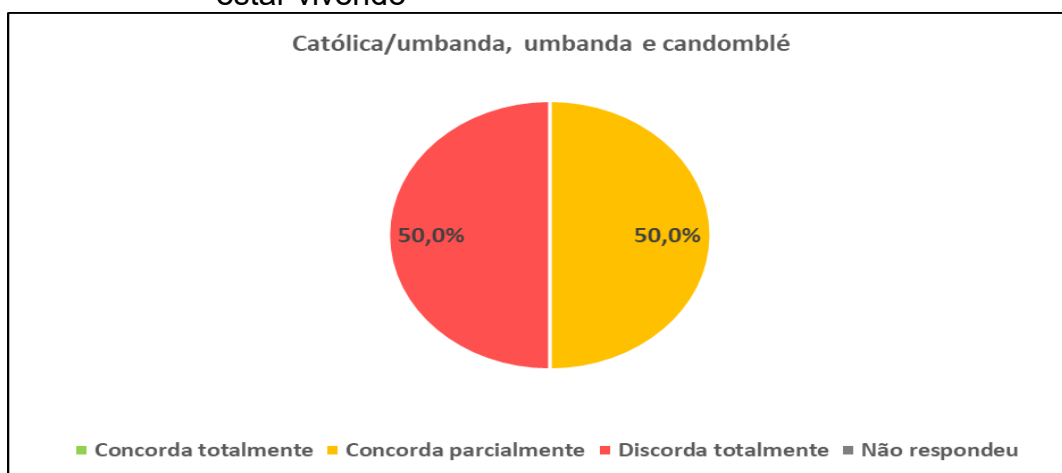
Do mesmo modo, se excluirmos as respostas “discordo totalmente” de cada uma das afirmações nas perguntas 12, 13 e 14, veremos que recai, sobre um número extremamente expressivo de estudantes, algum grau de influência religiosa na forma como eles pensam a realidade em relação a aspectos da vida pessoal e da acadêmica, o que se desdobrará na influência em relação a questões que provocam disputa e controvérsia na arena social, como, por exemplo, descriminalização do aborto e adoção de crianças por casais homoafetivos.

A partir daqui, será apresentado o perfil das respostas às perguntas 12, 13 e 14 em relação à religião e ao semestre em que o estudante está matriculado, à semelhança do que fizemos anteriormente, na exposição dos dados referentes à

pergunta 11. Seguiremos utilizando gráficos a fim de facilitarmos a compreensão das informações apresentadas.

Iniciando com os grandes grupos religiosos, no caso das religiões de matriz africana, 50% dos entrevistados afirmaram discordar totalmente da afirmação número 12 – Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo – e 50% declararam concordar parcialmente.

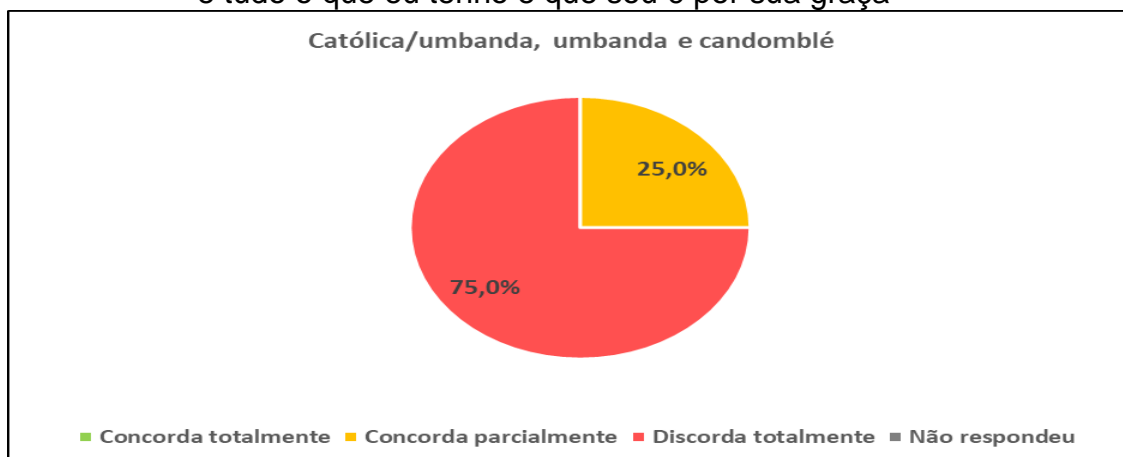
Gráfico 21 - Grande grupo religiões de matriz africana/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”



Fonte: A autora.

No caso da afirmação 13 – Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça –, 75% dos entrevistados que declararam pertencer a alguma religião de matriz africana responderam discordar totalmente e 25% concordam parcialmente.

Gráfico 22 - Grande grupo católicos/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”

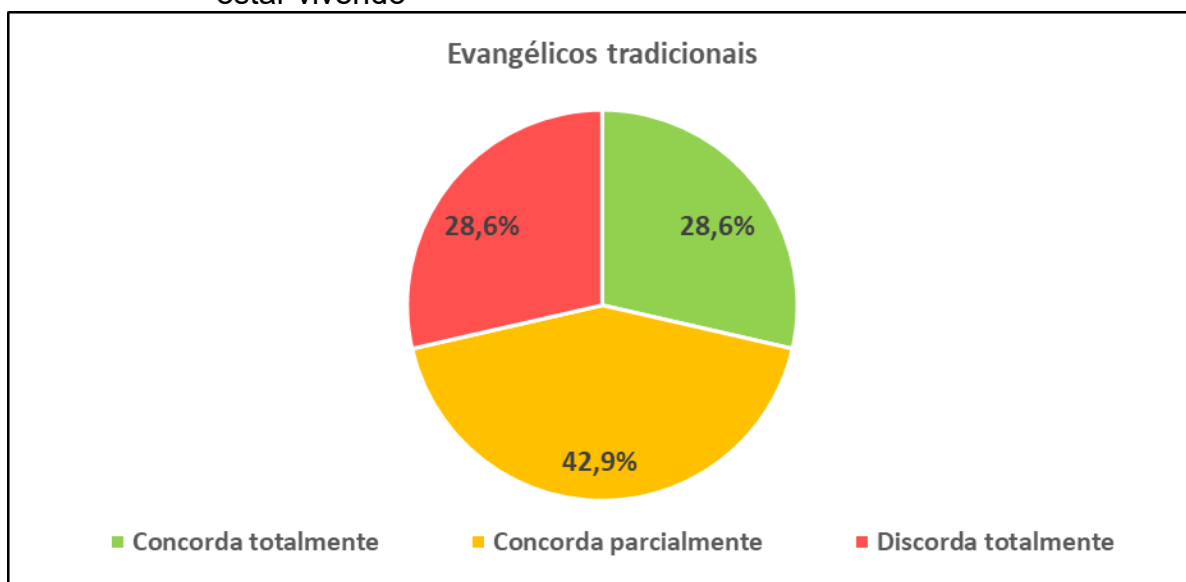


Fonte: A autora.

Sobre o grau de concordância em relação à afirmação 14 – Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social –, o resultado é idêntico ao da afirmação 13. Observamos que nesse panorama nenhuma das afirmações recebeu grau de concordância total.

Na mesma análise, porém em relação ao grupo dos evangélicos tradicionais, 28,6% afirmaram discordar totalmente, 42,9%, concordar parcialmente e 28,6%, concordar totalmente da afirmação contida na questão 12.

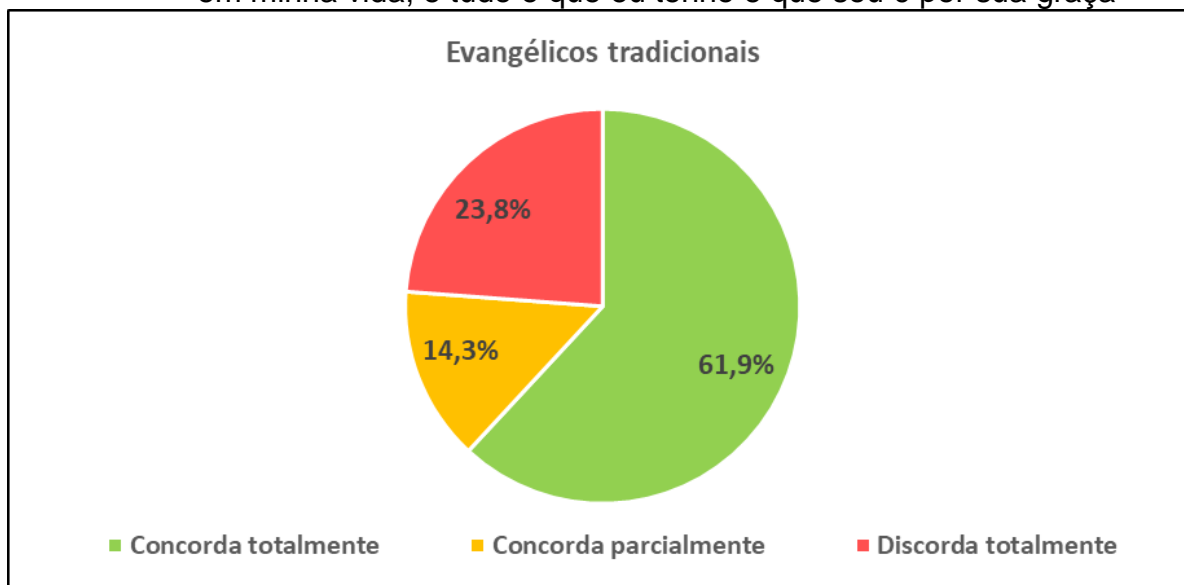
Gráfico 23 - Grande grupo de evangélicos tradicionais/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”



Fonte: A autora.

No mesmo grupo, 61,9% das respostas indicam concordância total com a afirmação 13, 14,3%, concordância parcial e 23,8%, discordância total.

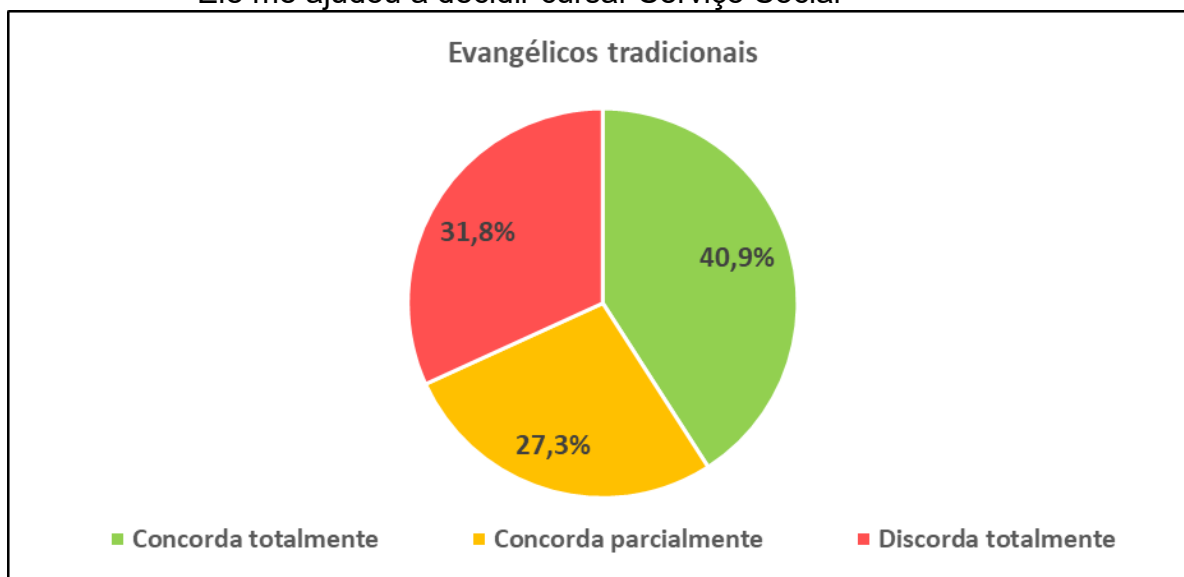
Gráfico 24 – Grande grupo evangélicos tradicionais/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”



Fonte: A autora.

No caso da afirmação 14, 31,8% dos evangélicos afirmaram discordar totalmente, 27,3%, parcialmente e expressivos 40,09%, totalmente.

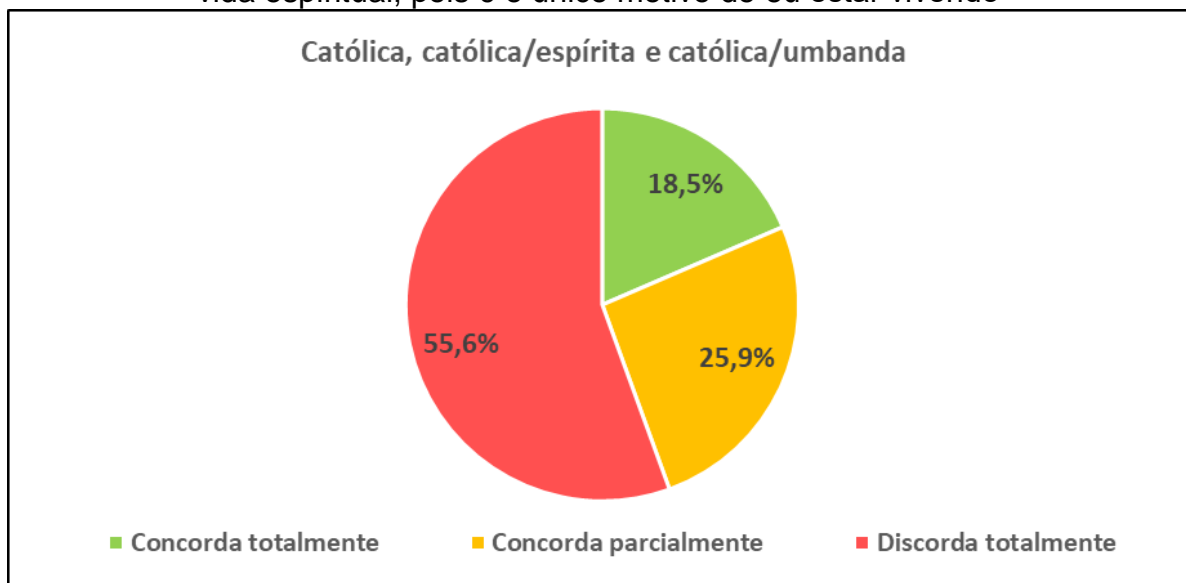
Gráfico 25 - Grande grupo evangélicos tradicionais/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”



Fonte: A autora.

Sobre o grupo dos católicos, foi possível observarmos que, no que se refere à afirmação 12, 55,06% afirmaram discordar totalmente, 25,9% concordaram parcialmente e 18,05% concordaram totalmente.

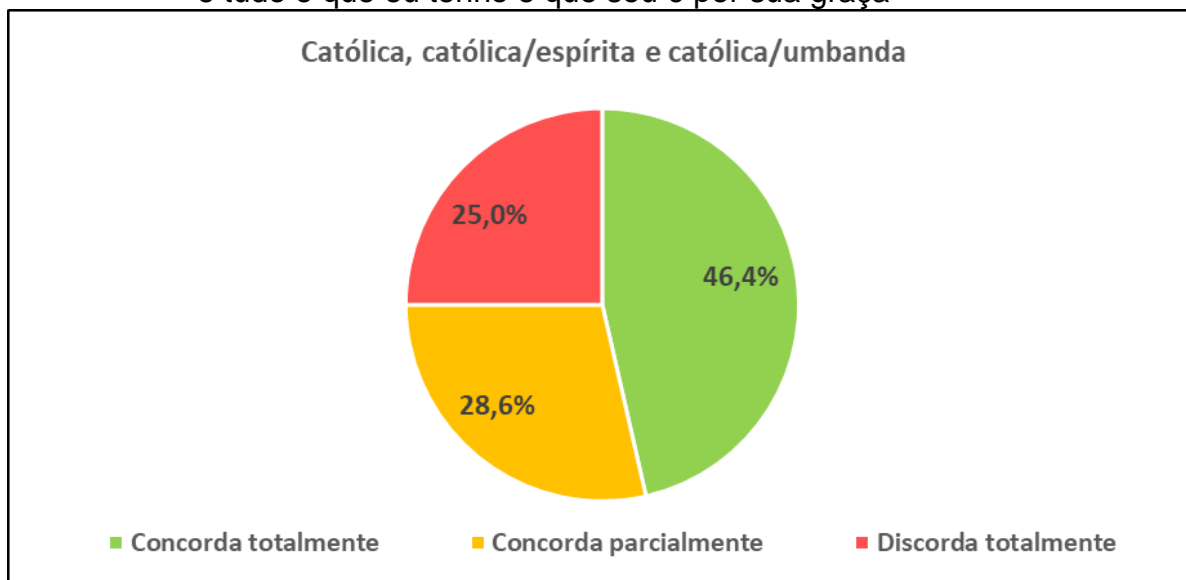
Gráfico 26 - Grande grupo católicos/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”



Fonte: A autora.

Para a questão 13, as respostas dos estudantes do grupo católico indicaram que 25,0% discordam totalmente, 28,6% concordam parcialmente e 46,4% concordam totalmente.

Gráfico 27 - Grande grupo católicos/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”

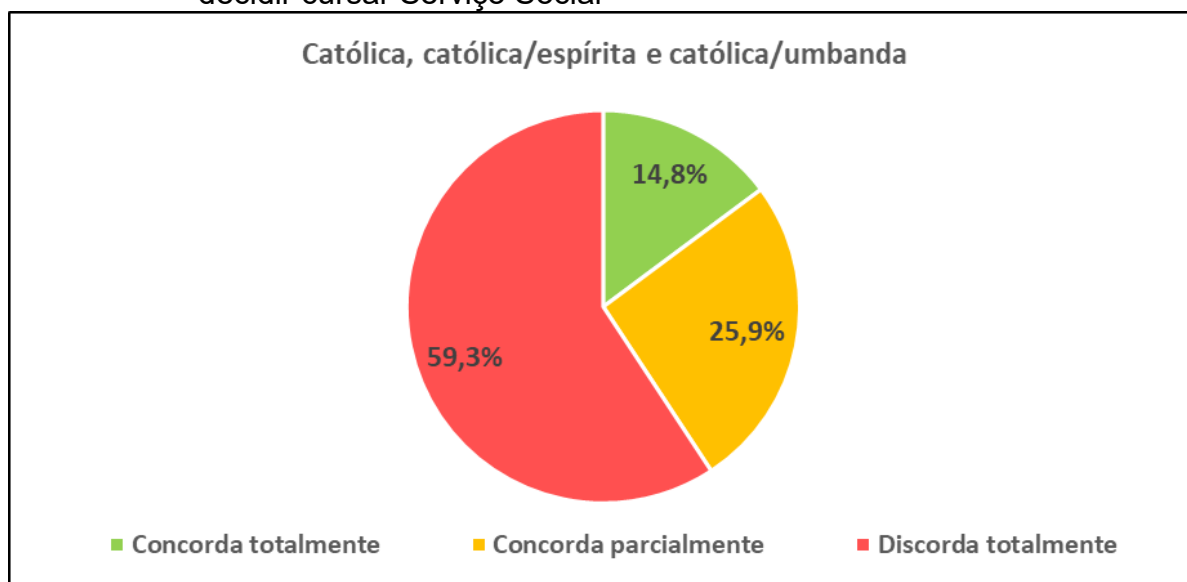


Fonte: A autora.

Ao olharmos para o grau de concordância do grupo católico em relação à afirmação 14, tomaremos conhecimento sobre o fato de que 59,03% deles

responderam discordar totalmente, 25,9%, concordar parcialmente e 14,8%, concordar totalmente.

Gráfico 28 - Grande grupo católicos/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”



Fonte: A autora.

Essa relação de dados mostrou uma diferença muito importante em relação ao grupo das religiões de matriz africana. Ainda que o referido grupo fosse numericamente menor do que o dos evangélicos, em nenhuma das questões eles afirmaram concordar totalmente; já no caso dos evangélicos, nas afirmações 13 e 14, a porcentagem de estudantes que responderam concordar totalmente com elas é superior aos que discordaram.

Importa destacarmos que o conservadorismo não é exclusividade de pessoas que professam alguma fé, assim como não é exclusividade do Serviço Social. É necessário fazermos essa colocação para evitarmos estereótipos em relação às pessoas que declaram ter alguma religião e para coibirmos entendimentos que possam não ter relação com a realidade. O conservadorismo encontra muita semelhança com o comportamento dos cidadãos brasileiros, por exemplo. Isso significa que expressões conservadoras são vistas dentro e fora da academia, entre pessoas que se dizem sem religião e entre aquelas declaradamente religiosas, e dentro da política.

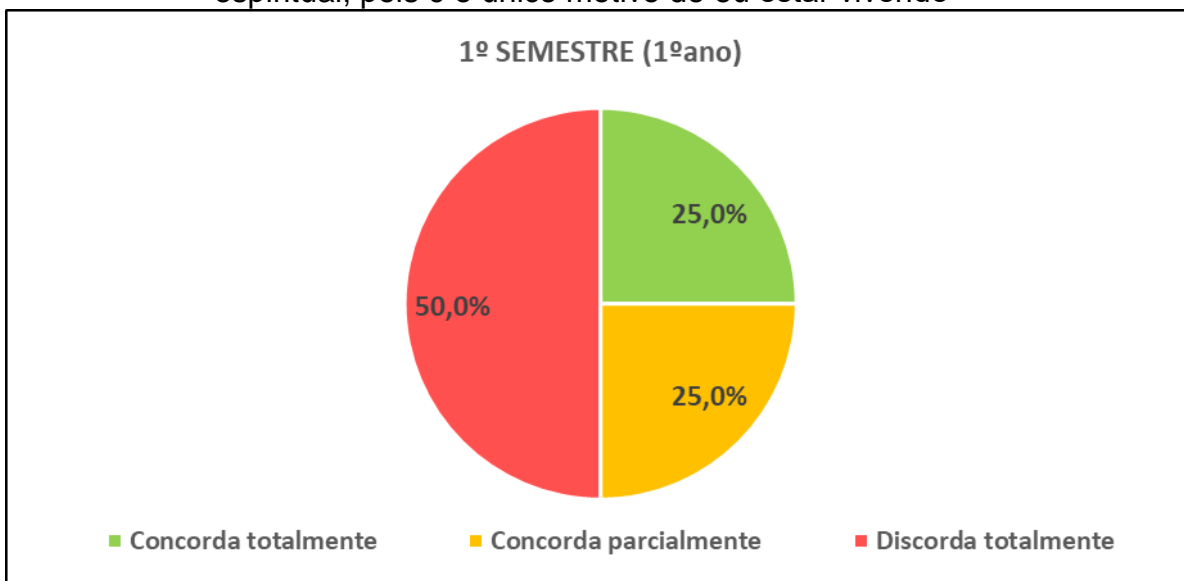
No Brasil, até o ano de 1890, a religião oficial era a Católica, a desunião dos católicos ocorreu pelo¹ *Decreto nº 119-A*, de 7 de janeiro de 1890, firmado na Constituição do ano seguinte. A Constituição de 1988 consagrou o caráter laico do Estado.

Cabe aqui uma reflexão sobre a laicidade do Estado. Estado laico não é Estado ateu. Ateu é aquele que não **acredita** em divindades. Ao Estado não cabe a performance de crer ou não. O Estado é laico. O caráter laico envolve o desmembramento entre o Estado e a Igreja e o dever do Estado em relação à liberdade e à proteção de crença, além disso a laicidade do Estado significa também a garantia de que do Estado não pode obrigar pessoa alguma a exercer qualquer religião ou religiosidade, do mesmo modo, ainda, o próprio Estado tem na laicidade a garantia de autonomia em relação à religião. Ou seja, o Estado não acredita ou desacredita em Deus, tampouco professa esta ou aquela fé. Ao Estado cabe a garantia da liberdade de crença para que crentes ou descrentes bem como os adeptos desta ou daquela religião possam desfrutar do direito de exercer o pensamento, a consciência e a religião, de acordo com suas convicções.

Sobre as afirmações contidas nas questões 12, 13 e 14, também recaiu análise em relação aos semestres do curso em que o estudante estava matriculado à época da aplicação da pesquisa. Com isso, identificamos que a quantidade de estudantes matriculados no primeiro semestre que afirmaram discordar totalmente do conteúdo da questão 12 é de 50%, e concordar parcialmente e discordar totalmente é de 25% para cada opção.

¹ Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890. Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências. (Brasil, 1890)

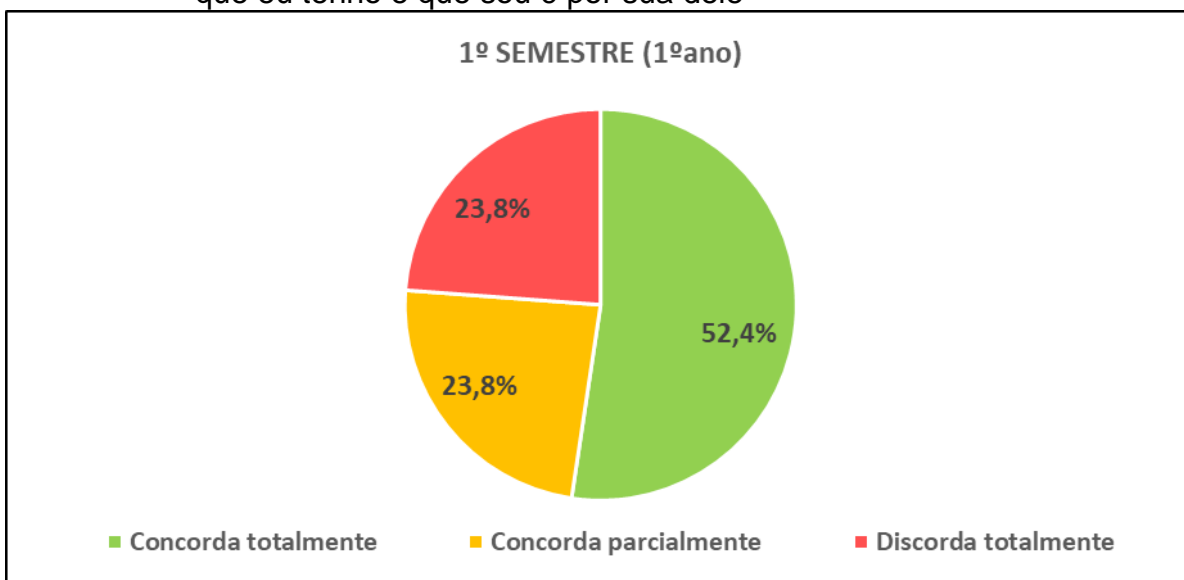
Gráfico 29 - 1º semestre/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”



Fonte: A autora.

Na questão 13, o valor para a discordância total é de 23,8%, concordância parcial de também 23,8% e concordância total de 52,4%.

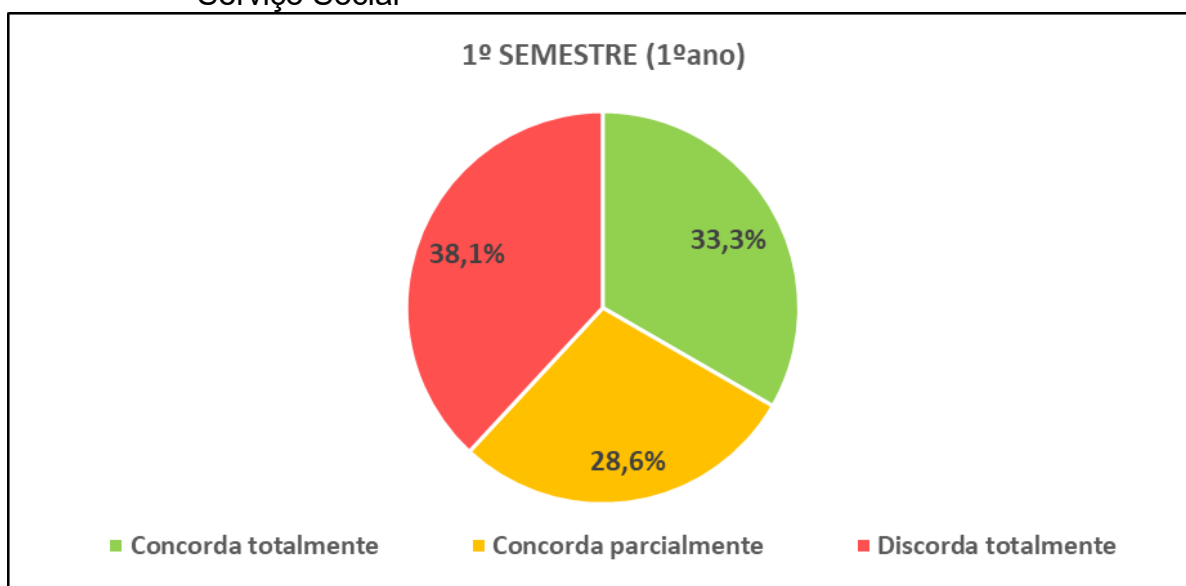
Gráfico 30 - 1º semestre/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua dele”



Fonte: A autora.

Ao nos debruçarmos sobre a questão 14 para os estudantes do primeiro semestre, observamos que 38,1% deles discordam totalmente da questão, 28,6% concordam parcialmente e 33,33% concordam totalmente.

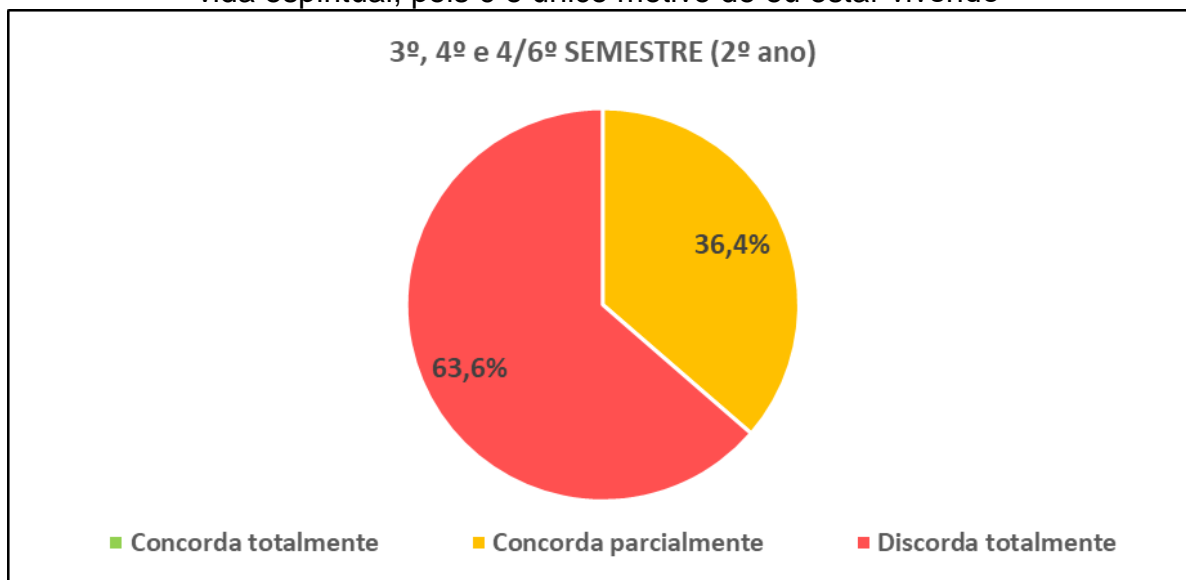
Gráfico 31 - 1º semestre/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”



Fonte: A autora.

Dos estudantes matriculados nos semestres 3º, 4º e 4º/6º 63,6% discordam totalmente da questão 12 e 36,4% concordam parcialmente, assim, houve porcentagem de concordância total.

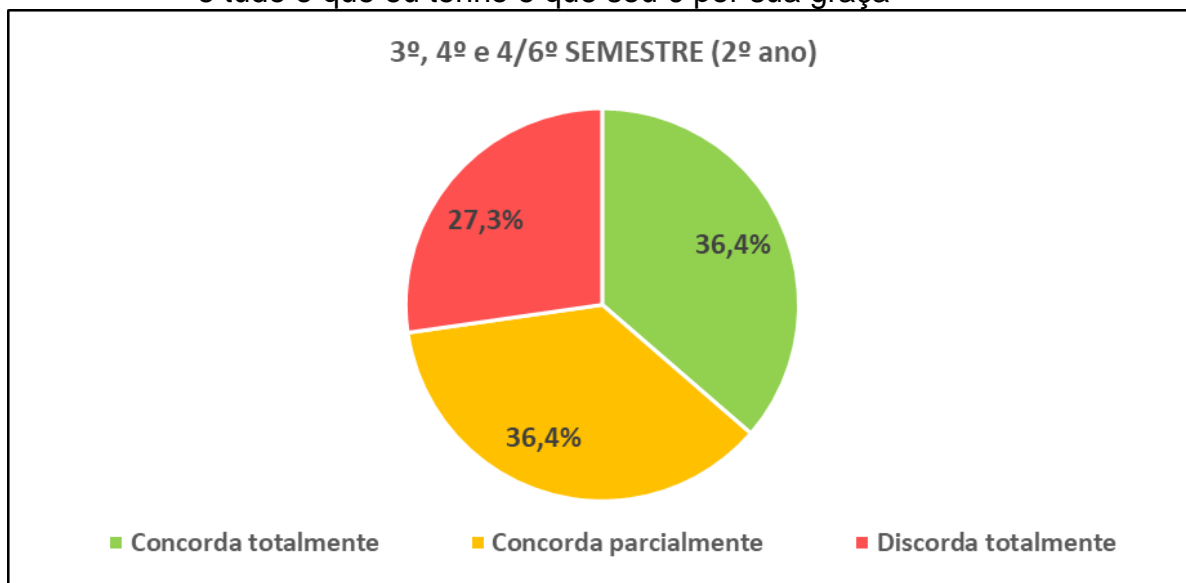
Gráfico 32 - 3º, 4º e 4º/6º semestre/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”



Fonte: A autora.

No caso da questão 13, a porcentagem de estudantes que afirmaram discordar totalmente com o conteúdo é de 27,3%; concordaram parcialmente, 36,4%; e 36,4% concordaram completamente.

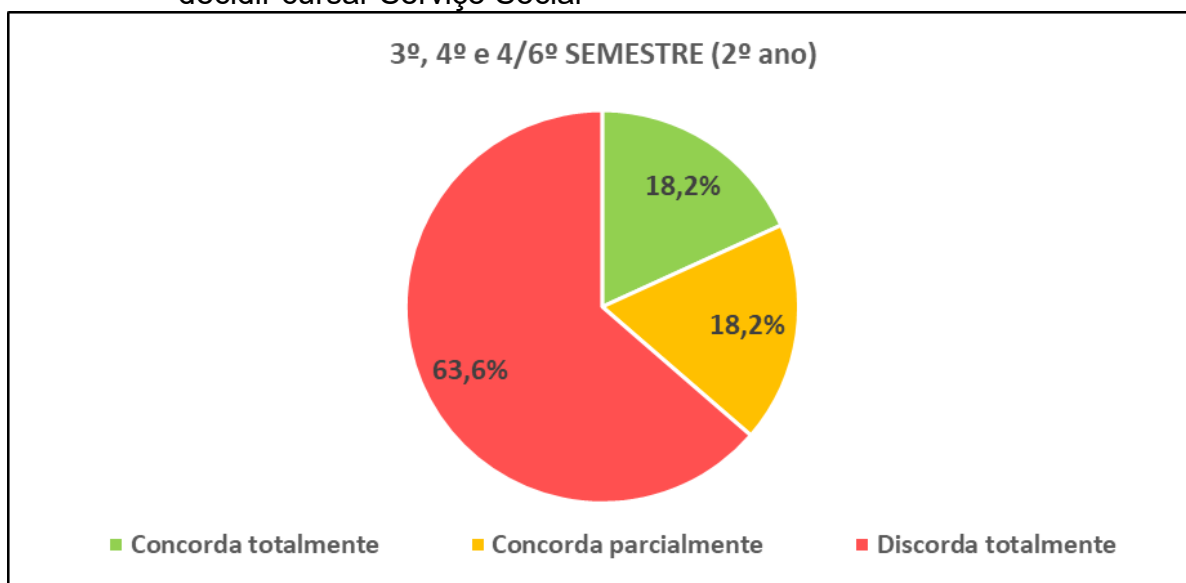
Gráfico 33 - 3º, 4º e 4º/6º semestre/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”



Fonte: A autora.

Na questão 14, 63,6% afirmaram discordar totalmente do contido nessa questão, 18,2% concordaram parcialmente e 18,2%, completamente.

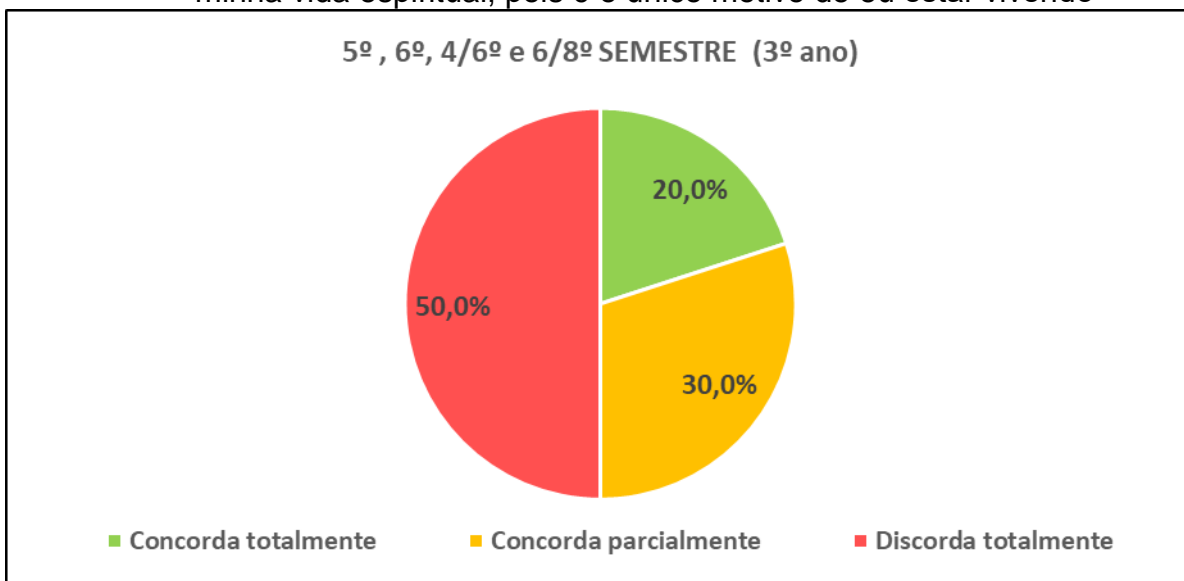
Gráfico 34- 3º, 4º e 4º/6º semestre/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”



Fonte: a autora.

Nos semestres 5º, 6º, 4º/6º e 6º/8º, dos estudantes que aí estavam matriculados, 50% disseram discordar completamente da pergunta 12, 30% concordaram parcialmente e 20% concordaram completamente:

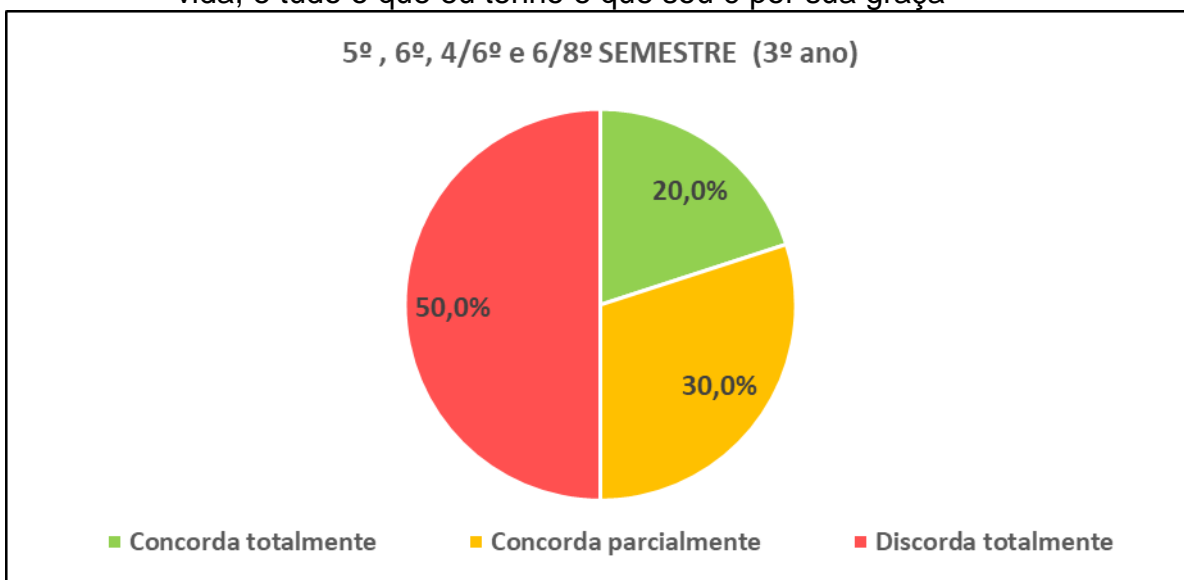
Gráfico 35 - 5º, 6º, 4º/6º e 6º/8º semestres/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”



Fonte: A autora.

No caso da questão 13, 50% discordam totalmente, 30% concordam parcialmente e 20,0% concordam completamente.

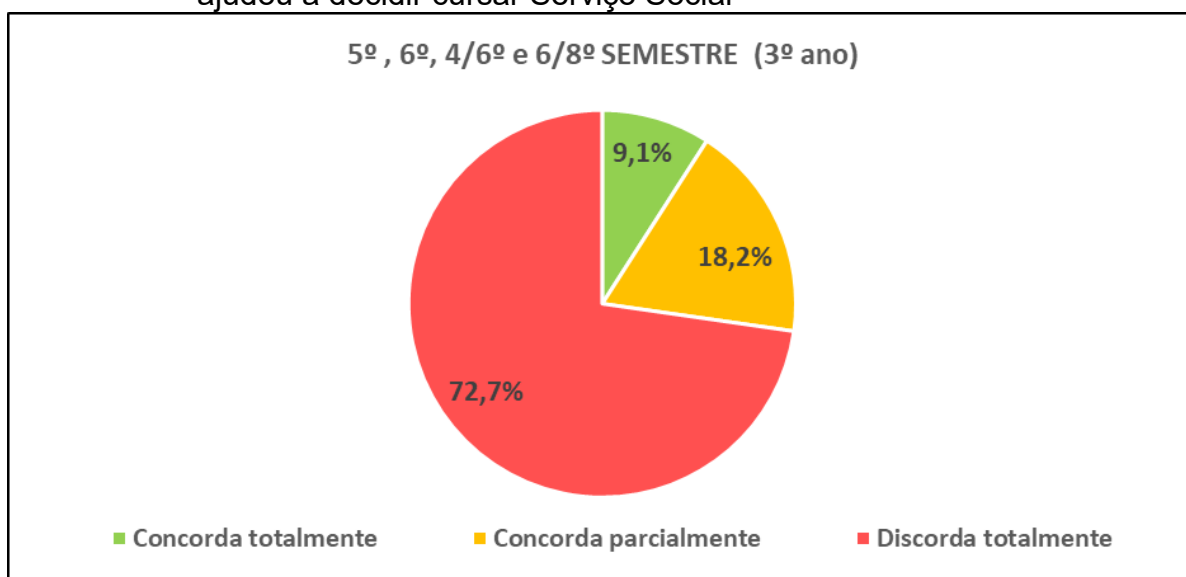
Gráfico 36 - 5º, 6º, 4º/6º e 6º/8º semestres/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”



Fonte: a autora.

Na questão 14, 72,2% discordam totalmente, 18,2% concordam parcialmente e 9,1% concordam totalmente.

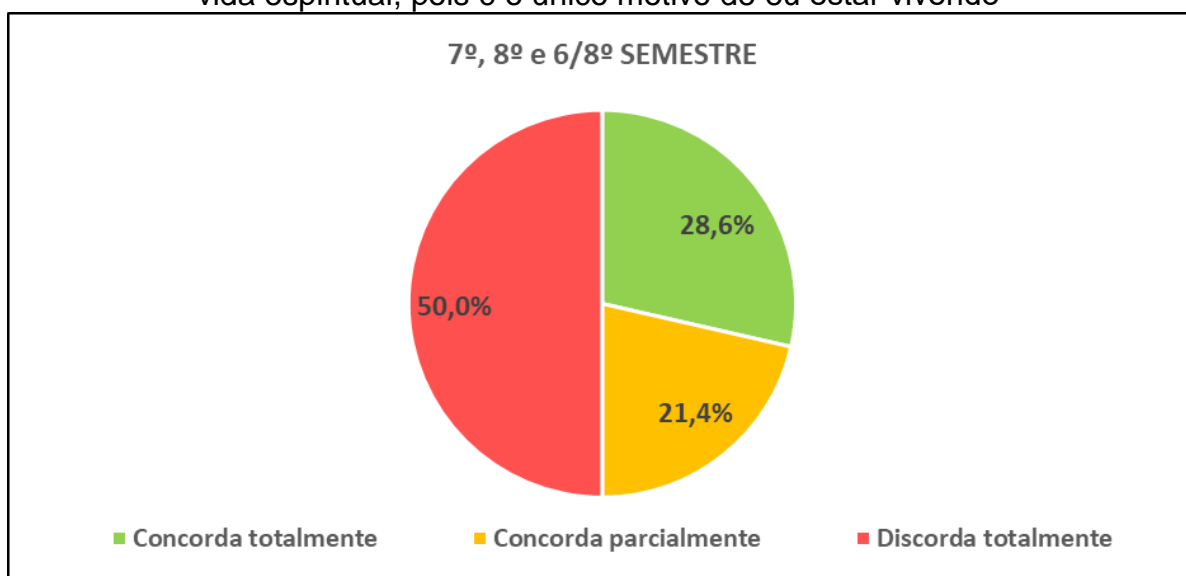
Gráfico 37 - 5º, 6º, 4º/6º e 6º/8º semestres/“Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”



Fonte: A autora.

Os alunos do 7º, 8º e 6º/8º semestres afirmaram em 50% discordar totalmente da questão 12, 21,4 % concordaram parcialmente e 28,6% concordaram totalmente.

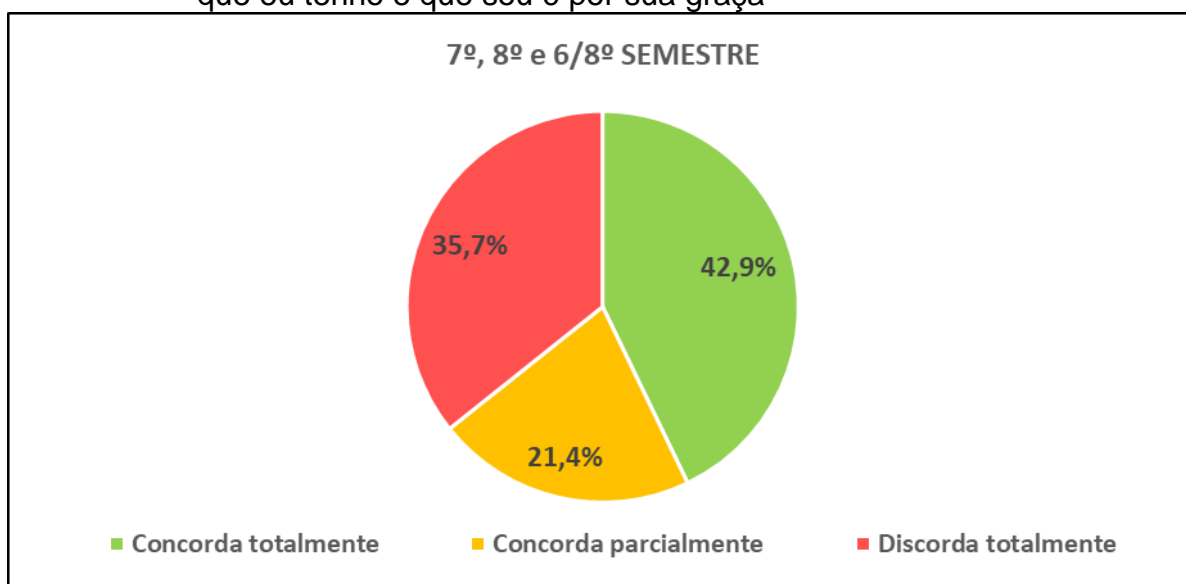
Gráfico 38 - 7º, 8º e 6º/8º semestres/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”



Fonte: A autora.

No que diz respeito à questão 13, discordaram totalmente do conteúdo 35,7% dos estudantes, concordaram parcialmente 21,4%, e concordaram totalmente 42,9%.

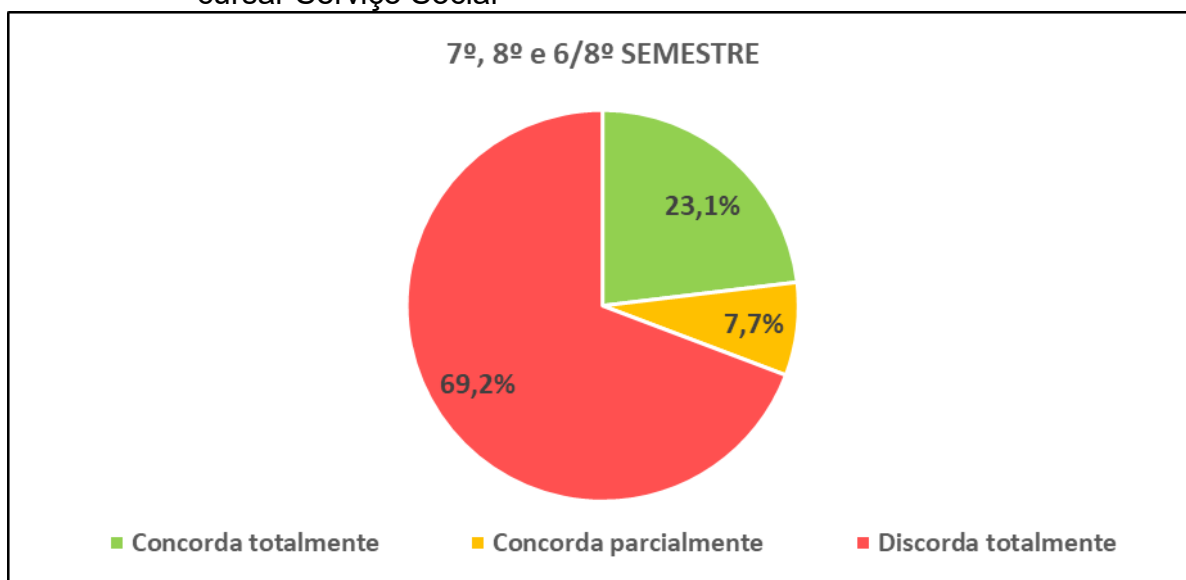
Gráfico 39- 7º, 8º e 6º/8º/“Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”



Fonte: A autora.

É de 69,2% a porcentagem de estudantes que discordam completamente da questão 14, 7,7% concordam parcialmente e 23,1% concordam completamente.

Gráfico 40 - 7º, 8º e 6º/8º/“Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”

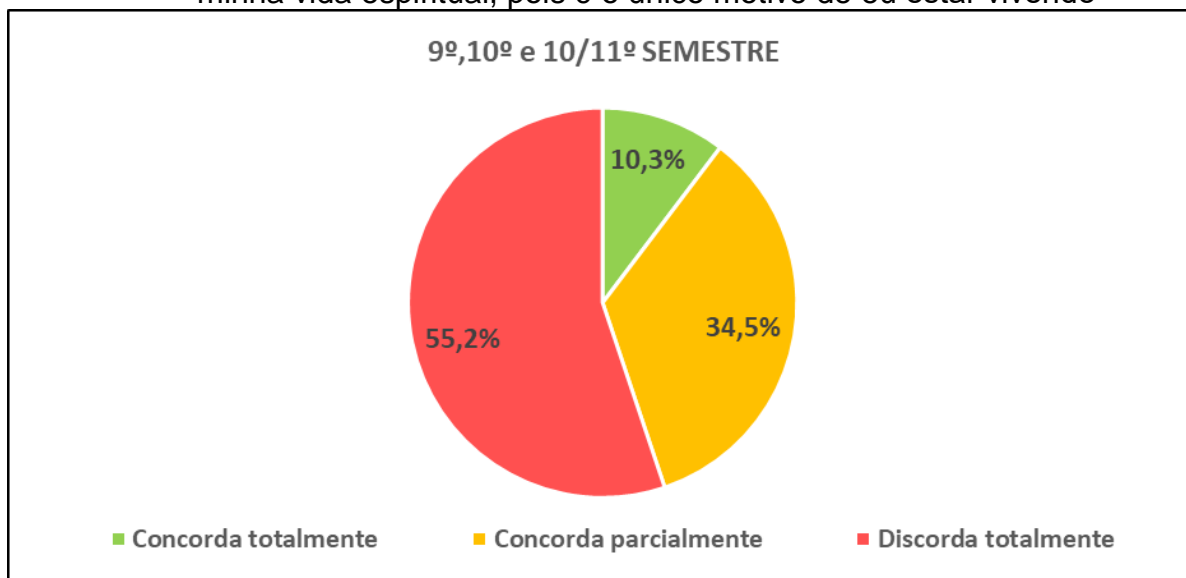


Fonte: a autora.

Quanto ao número de estudantes matriculados nos 9º, 10º e 10º/11º semestres do curso, 55,2% informaram que discordam completamente do conteúdo

da questão 12, 34,5% concordam parcialmente e 10,3% apresentam concordância total.

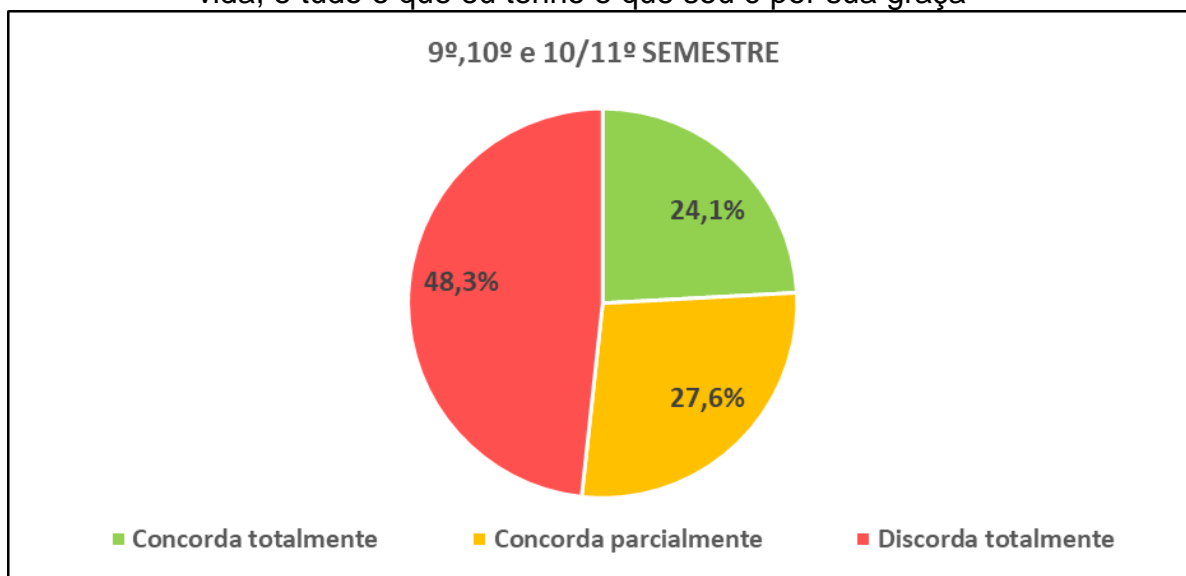
Gráfico 41 - 9º, 10º e 10º/11º semestres/ “Tudo o que faço está relacionado com minha vida espiritual, pois é o único motivo de eu estar vivendo”



Fonte: A autora.

A respeito da questão 13, é de 48,3% a quantidade de estudantes que discorda completamente de seu conteúdo, 27,6% concordam parcialmente e 24,1% concordam completamente.

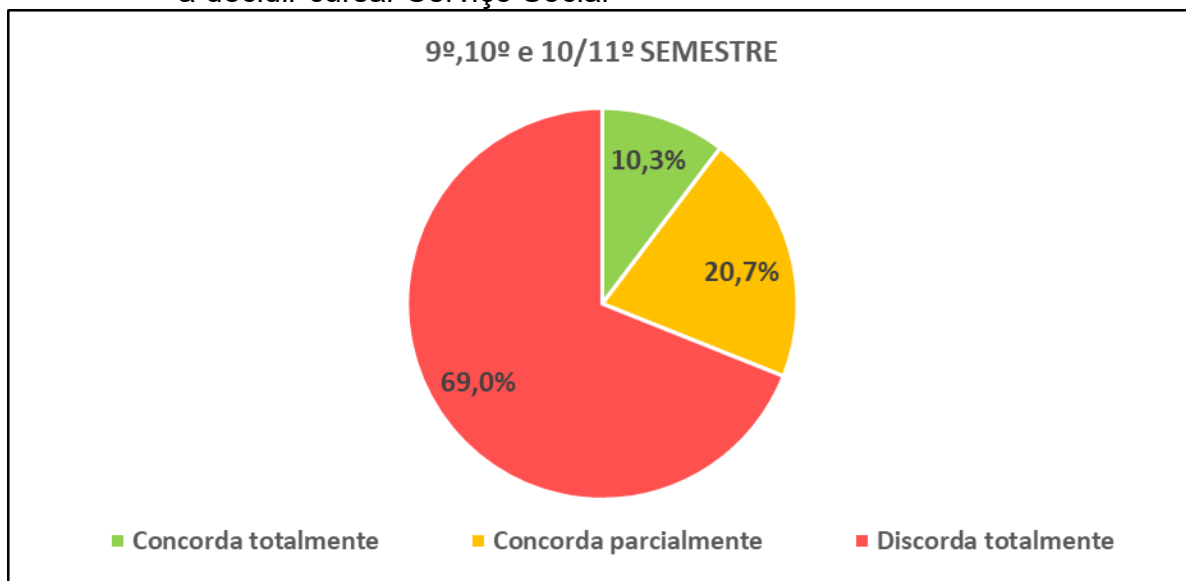
Gráfico 42- 9º, 10º e 10º/11º semestres/ “Deus sempre esteve presente em minha vida, e tudo o que eu tenho e que sou é por sua graça”



Fonte: A autora.

Na questão 14, os dados são os seguintes: 69% discordam totalmente, 20,7% concordam parcialmente e 10,3% concordam completamente.

Gráfico 43- 9º, 10º e 10º/11º semestres/ “Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social”



Fonte: A autora.

José Paulo Netto, ao comentar o livro de Simões Neto (2007), indica a importância e relevância da religião como tema de pesquisa no Serviço Social. Para o autor,

A análise do Serviço Social, enquanto prática profissional, não pode marginalizar o estudo do universo ideocultural que parametra, em maior ou menor medida, o desempenho do sujeito técnico – vale dizer do assistente social. Neste universo, a esfera da religiosidade (ou, menos frequentemente, da superação da carência religiosa) constitui componente ineliminável (Netto, 2005 *apud* Simões Neto, 2005).

A socióloga Maria Alice Resende de Carvalho, ao tecer comentários sobre a mesma obra citada no parágrafo anterior, aponta a essencialidade dos estudos e pesquisas relacionados aos temas da religião, religiosidade e Serviço Social. A autora afirma que

Há vínculos inextricáveis entre a temática religiosa e o Serviço Social; a qualificação profissional do Assistente Social permanece em segundo plano, quando se trata de uma relação pautada no desejo de ajudar ao próximo, mobilizamos valores, mais do que conhecimentos técnicos; a de que a formação das novas gerações de profissionais tem incidido na reiteração desse quadro, malgrado o fato de que intelectuais qualificados do Serviço Social brasileiro privilegiam a construção de valores políticos e cívicos em detrimento de religiosos; e a de que noções como reconhecimento e identidade cultural, presentes na agenda crítica da modernidade, deverão ser

incorporadas pela assistência social contemporânea, dadas as exigências postas pela clientela atendida (Carvalho, 2015 *apud* Simões Neto, 2005).

A Assistente Social e pesquisadora Paula Bonfim (2015), por sua vez, analisa que

As particularidades da nossa formação social, com sua tendência ao conservadorismo moral e o peso das relações sociais reificadas, reatualizam práticas conservadoras no cotidiano de trabalho dos assistentes sociais, tensionando o projeto ético-político da categoria. Os profissionais de serviço social trazem consigo valores de nossa formação sócio-histórica e que, muitas vezes, vão de encontro aos princípios ético norteadores da profissão. Além da peculiaridade da nossa formação, a sociabilidade do capital repõe e aprofunda valores que se confrontam com o projeto profissional dos assistentes sociais (Bonfim, 2015, p. XVI).

Por isso, os dados aqui apresentados demonstram sua relevância social na contribuição para a melhor compreensão do objeto estudado, trazem contribuição acadêmica e científica para a respectiva área do conhecimento e fazem importante acréscimo ao conjunto de conhecimentos científicos já produzidos, ou em construção, sobre a mesma temática.

O questionário aplicado aos estudantes continha um espaço aberto ao final para que eles manifestassem sugestões. Dos 86 questionários, 23 apresentaram algum conteúdo nesse espaço, e os mais relevantes serão apresentados aqui.

Alguns comentários trouxeram à vista algo da relação do estudante com sua fé, religiosidade, crença e Deus em uma tentativa de expressar certo equilíbrio dessa relação com tendência crítica sobre aspectos da vida social e da formação profissional. Os comentários apontam grau de influência religiosa em relação à formação profissional. Também mostram a tendência que diz respeito ao crescimento de pessoas que acreditam em Deus, no entanto não se vinculam ou se desvinculam do exercício da religiosidade ligado à igreja enquanto instituição. As pessoas buscam ser crentes à sua maneira, da forma como acreditam que terão bem-estar em relação a isso, de acordo com o que é possível percebermos nos comentários que seguem:

Acredito em Deus, mas não pratico minha fé nem minha religiosidade.

Minha relação com a religião é complicada já que discordo de muitas coisas, no entanto mantenho minha crença da minha maneira.

Mesmo católico, isso não impede o meu olho crítico dessa religião, destacando a história universal a religião tem um grande peso na história da alienação do mundo.

Creio que 'religião', no meu entendimento remete a uma doutrina algo que na minha compreensão não abarca na pesquisa, que está mais relacionado à religiosidade ou a aproximação ou práticas de preceitos religiosos, algo que tem crescido.

Em outros comentários, os estudantes afirmam sua religiosidade e tentam explicitar que, apesar de terem crença e religião, não recaem sobre eles tamanha influência nos aspectos de suas decisões e definições tanto em relação à formação profissional quanto em relação a questões da vida em sociedade. Isso pode ser observado pelo uso da conjunção "mas" e da palavra "não", que expressam negativa enfática e denotam restrição ao que foi dito na mesma frase. Essa situação pode ser vista em pelo menos três comentários:

A religião/crença é algo que nos agrega, *mas* não nos define.

A religião *não* influencia muito nas decisões das pessoas.

Deus é o centro da minha vida. *Mas*, minhas decisões não são baseadas na minha fé; porém, me ajudou de alguma forma a me identificar com o curso.

Houve manifestações de estudantes que opinam pela importância do tema estudado e pelo instrumento de coleta de dados que tratou do assunto em pesquisa sem apontar julgamentos sobre a religiosidade ou não deles. Desse modo, dois comentários apontaram o seguinte:

Sempre é bom apartar a religiosidade do mundo intelectual - secularização total. Bem legal!

Interesante responder perguntas que sean objetivas además neutrales en las opciones, sin juzgamientos.

Podemos dizer que o estudante de Serviço Social passa por uma transformação muito importante em relação às suas crenças e à sociedade, sobretudo se esse estudante tiver feito a escolha por essa profissão baseado no perfil socio-histórico conservador dessa profissão diretamente ligado a instituições religiosas. Tal transformação também leva os estudantes a compreender que o trabalho do Assistente Social recai diretamente sobre as mais diversas expressões da “questão social” de vários segmentos populacionais, como é o caso dos indígenas. Por isso, dois estudantes da UNILA contaram:

Eu me considerava católica quando ingressei no curso, hoje porém, não pertenço a nenhuma religião.

Acredito que como indígena tikuna vou ser uma pessoa que irá contribuir muito na questão social dentro da minha aldeia.

Sobre as declarações dos estudantes que disseram não ter religião, é importante nos atentarmos ao indicado por Mariz (2012) sobre a suspeita de que, em atenção ao papel das Igrejas pentecostais, o sem religião pode ser a pessoa que deixou de frequentar as atividades da igreja e de praticar sua religião. No caso dos católicos, seriam os “católicos não praticantes”.

O aspecto da profissionalização da ajuda também pode ser observado nos comentários dos questionários. Tal aspecto não passa longe de dados da realidade que demonstram que muitas mulheres evangélicas procuram o curso de Serviço Social a fim de paramentarem práticas de ajuda e caridade junto à comunidade religiosa, porque

Es muy importante para nosotros saber el modo de trabajar con nuestra sociedad cristiana y cómo podemos contribuir con ellos.

Observamos que a religião é uma das dimensões mais importantes da vida dos entrevistados e que está intimamente ligada à decisão pela escolha dessa profissão, principalmente por afinidade com valores historicamente empregados ao Serviço Social, que foram reformulados por essa categoria profissional na direção da defesa dos direitos humanos.

A religião está presente na sociedade e sofre transformações a partir do cenário social que se dá a cada tempo histórico. Ainda que a modernidade tenha oferecido, à humanidade, respostas de cunho científico e altamente tecnológico,

algumas respostas ainda são dadas pela religião. Algumas angústias, medos, necessidade de estar em lugar e em meio a pessoas onde se sente bem e identidade, por exemplo, são algo que as pessoas ainda buscam nas religiões.

Com isso, é imperioso afirmarmos que a formação profissional dos futuros assistentes sociais integra uma série de conflitos advindos de valores e princípios religiosos. Ainda que não intencional, os estudantes não saíram do lugar em que são envoltos pela cultura religiosa. A questão, nesse sentido, é que tal presença de valores religiosos pode estar sendo naturalizada; isso retira toda a crítica do processo de formação e se choca com o projeto ético-político profissional. Colide, também, com o código de ética profissional e com a premissa de que vivemos em um Estado laico, cuja formação profissional também é laica, e que a religião é um direito humano previsto constitucionalmente.

Considerando o exposto até aqui, é chegado o momento de demarcarmos as relações entre algumas das principais conclusões encontradas e temáticas que se cruzam na atualidade, esse universo de preocupações com as particularidades da “questão social” no Brasil, a partir dos olhos dos estudantes.

3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UNILA

Na perseguição da interpretação do tema aqui apresentado e estudado, importantes entrevistas realizadas sobre esse tema encontraram estudantes brasileiras e de outras nacionalidades que foram religiosamente ensinadas a buscar a profissionalização da ajuda que exerciam em suas instituições religiosas. Além disso, ficou evidente o choque entre OS valores dos estudantes e os valores estimados para a formação e exercício profissional no Serviço Social. A boa notícia, queremos pensar que podemos dizer dessa forma, é o processo de transformação que esses estudantes experimentam ao longo da formação, ainda que tal transformação não recaia sobre a totalidade deles.

Do total de oito entrevistas, seis se referem a pessoas do sexo feminino e duas, a do sexo masculino. Quatro dos entrevistados são de nacionalidade brasileira, sendo três mulheres e um homem. Dois são colombianos, sendo um homem e uma mulher. Uma mulher é paraguaia e outra é peruana.

O roteiro de entrevista indagou os estudantes sobre suas motivações para decidirem cursar Serviço Social, se a religião lhes conferiu algum grau de influência.

Perguntou, também sobre os valores que devem nortear a atuação profissional, acerca de possíveis tensões entre a visão de mundo do estudante e a formação profissional e quanto à imagem social da profissão.

Além disso, temas em voga na arena social foram abordados de forma mais aberta, ou seja, como uma conversa livre, em que o estudante poderia ir e voltar no raciocínio sem a necessidade de dar respostas objetivas. Esses temas eram a descriminalização do aborto, tortura, orgulho LGBTQIAPN+, xenofobia, violência doméstica e intrafamiliar contra mulheres, direitos humanos, intolerância religiosa e atual conjuntura política do Brasil.

Cada entrevista foi muito importante, observamos que, em que pese o conjunto variado de nacionalidades, idiomas, idades e períodos no curso, valores conservadores universais marcam presença. Ficou patente o papel da religião enquanto instituição reguladora de normas e como instrumento que age ideologicamente em favor do conservadorismo.

Perguntados sobre os motivos pelos quais escolheram cursar Serviço Social, respostas objetivas como disponibilidade de vagas no curso se cruzam com o clássico ideário da ajuda aos pobres. Sem ressalvas, podemos dizer que a maioria das pessoas não conhece o profissional de Serviço Social enquanto tal, ou têm ciência da imagem do senso comum, até ingressar no curso. De modo geral, reina a ideia da relação entre caridade religiosa e pobreza.

Nesse sentido, o estudante número 1, à primeira vista, informou que sua decisão em cursar Serviço Social não teve relação com o fato de ser católico, de vir de uma família católica, mas com uma questão objetiva de disponibilidade de vaga no curso. Isto é, quando da submissão ao processo de seleção da UNILA, o estudante deve indicar três opções de curso, neste caso, o estudante nº 1 não conseguiu ingressar em sua primeira opção, tendo-o feito em sua opção seguinte.

Além disso, o entrevistado número 1 afirmou que sua irmã é Assistente Social e exerce a profissão em seu país de origem e acredita que isso possa tê-lo influenciado de alguma forma, pode ter criado algum tipo de identificação com a profissão. A irmã desse estudante, segundo ele relatou, se formou em 2015 e o deixava participar da produção de documentos realizada por ela em seu exercício profissional. É possível que essa proximidade tenha causado certo conforto em relação a esse campo do conhecimento, de modo que o curso de Serviço Social entrou como opção no momento da seleção. No entanto, seguindo a entrevista, o

estudante respondeu afirmativamente quando perguntado se acreditava que, de alguma forma, seu pertencimento religioso o havia influenciado a essa escolha de curso que, a olho nu, parece não passar de objetividade.

É importante mencionarmos que, durante as entrevistas, os estudantes foram levados a pensar mais de uma vez sobre o assunto em geral. Isso demonstrou que, quando perguntados se sua religião influenciou a escolha do curso, mesmo alguns dos estudantes que de pronto pensaram no momento objetivo em que tiveram de marcar três opções de curso no processo seletivo, posteriormente analisaram que sua experiência religiosa lhes conferiu certa afinidade com o Serviço Social.

A segunda entrevistada também passou pelo processo das opções de cursos no momento da seleção e informou que queria cursar Fisioterapia, sua primeira opção. A estudante explicou que não conhecia qualquer Assistente Social, tampouco a profissão. Passara 30 anos sem estudar, concluíra o supletivo e, cinco anos depois dessa conclusão, decidiu entrar na universidade. O filho da estudante opinou que o curso de Fisioterapia seria muito pesado para a mãe, e a indicou ao curso de Serviço Social, pensando que era mais o perfil da mãe. Ele tinha uma amiga cuja mãe é Assistente Social, daí a opinião dele que influenciou a mãe. Nesse sentido, a entrevistada contou:

Não. Nunca tinha tido contato nenhum com assistente social, aliás eu não conhecia nem a profissão. Isso foi porque eu resolvi estudar depois de velha, né, tinha mais de trinta anos que eu tinha parado de estudar, aí fiz o supletivo, depois de cinco anos eu resolvi fazer uma universidade. Só que eu queria fisioterapia. Aí o meu filho: 'ah, para você fisioterapia vai ser muito pesado, que não sei o que', aí me mandou para o serviço social, só que eu não conhecia o serviço social (Estudante 2).

Essa estudante complementou essa questão dizendo que o pensamento de cursar Serviço Social para ajudar as pessoas hoje lhe parece superado, mas que, no clássico primeiro dia de aula da faculdade, em que os professores perguntam aos alunos suas motivações para escolherem Serviço Social, viu muita gente responder que era porque queria ajudar as pessoas:

Ainda estão com esse pensamento? Disso eu não sabia. Eu lembro que no primeiro dia de aula a professora perguntou para várias alunas, porquê escolheram serviço social e muita gente falava sobre isso, 'ah, porque eu quero ajudar'. Aí depois ela explicou que o serviço social não era mais nada desta... de estar vinculado uma

igreja, essas coisas assim. Aí então, desde o primeiro dia de aula eu aprendi que isto já estava errado, né. Mas o curso não rompeu com essa visão messiânica, essas coisas toda? Pelo que eu aprendi no curso a gente não tem nada que estar olhando o lado religioso de ninguém (Estudante 2).

A estudante entrevistada número 6 respondeu às perguntas com bastante receio, com um comportamento desconfiado. Em alguma medida, parecia ter tentado responder às perguntas como quem não tivesse a menor ideia da mais remota relação entre o Serviço Social e a religião. Essa estudante é colombiana, declarou-se católica e, ao ser perguntada se sua religião a influenciou a cursar Serviço Social, riu e demorou um pouco a responder que não, como quem buscava em seus próprios pensamentos uma análise necessária à surpresa em relação à pergunta.

A mesma entrevistada, à forma dos expostos nos parágrafos anteriores, explicou que sua primeira opção de curso era Sociologia e a segunda, Serviço Social. Como não atingiu nota suficiente para a primeira, aceitou cursar a opção disponível, até mesmo por imaginar semelhanças entre as duas formações.

Já a terceira entrevistada revelou:

Quando eu estava na minha cidade eu pertencia a um movimento católico que tem (incompreensível), então a gente fazia práticas de voluntariado com diversas organizações, mas nunca tive um contato direto com assistente social. E por isso que me chamou a atenção o curso e depois eu percebi que era tipo que a gente fazia era muito de caridade.

Sua fala aponta duas coisas de extrema importância: a influência religiosa em relação à profissão, apesar de não ter tido contato com um profissional em suas práticas de caridade junto à instituição religiosa, e a já percepção de que sua experiência com as práticas religiosas diz respeito à caridade, ou seja, há alguma coisa diferente nessas práticas voluntárias e caridosas em relação ao exercício profissional. Há identificação com a assistência.

A terceira estudante completa afirmando que sua religião a influenciou a escolher o curso de Serviço Social e que sua trajetória de formação até aqui está recheada de descobertas e tomadas de consciência. Isso é perceptível quando ela explica:

Bom, começando desde o primeiro semestre que eu via em algumas aulas, tipo eu percebi que eu não sabia muito do capitalismo, toda a

questão do Marxismo, tinha escutado uma vez sim, mas nunca aprofundei. Então, quando eu escutava lá na minha cidade sobre essas questões? da parte mais política da esquerda, direito e tudo isso. Então, quando a gente começa a estudar, aprofundar eu me dei conta de muitas coisas, uma dessas que era o modo socialismo, o mundo do Marx, da história de como está vinculado o curso com a igreja com a medicina, estava vinculada também na história com a questão militar, com a educação também.

_quando você fala militar, você se refere ao período da ditadura militar?

Exatamente. E das ditaduras também, das ditaduras nas diferentes partes da latino América, que tem uma ligação (Estudante 3).

Outra importante razão apresentada pelos entrevistados como justificativa para o ingresso no curso de Serviço Social diz respeito às experiências como usuários de políticas públicas, como a Assistência Social e a saúde, o que ocasionou contato com profissionais de Serviço Social. Essa experiência divide espaço com a história religiosa dessas pessoas que foram membros de pastorais e estiveram em importantes eventos da Igreja Católica como a **Jornada Mundial da Juventude**.

De acordo com a direção de Pastoral da Jornada Mundial da Juventude - JMJ - Lisboa 2023, a JMJ é uma solenidade cujas características são factualmente católicas. Em 2023, o fundamento teológico da JMJ é formulado de tal modo a

[...] constatar a existência de uma «pluralidade de mundos juvenis»³. Em segundo lugar, refere que «a juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. Na realidade, 'a juventude' não existe; o que há são jovens com as suas vidas concretas» (ChV 71). No que diz respeito aos aspetos negativos que afetam os jovens, o documento refere que, apesar do progresso do mundo atual, muitos jovens estão sujeitos ao sofrimento e à manipulação (cf. ChV 71), e são marcados pelas «feridas das derrotas da sua própria história, dos desejos frustrados, das discriminações e injustiças sofridas, de não se ter sentido amado ou reconhecido» (ChV 83). (JMJ, 2023, p. 8).

A Jornada Mundial da Juventude tem sua gênese datada em 1984, quando, na celebração do ano Santo da Redenção, o papa São João Paulo II convocou a juventude mundial a experienciar o Jubileu Internacional da Juventude. Quando da celebração desse jubileu, no Domingo de Ramos de 1984, aproximadamente 250.000 mil jovens atenderam à convocação do papa. Com essa ampla participação, a JMJ vem sendo replicada até os dias atuais. No ano da primeira JMJ, o papa São João Paulo II protagonizou o gesto de entregar aos jovens uma grande

cruz de madeira, nisso evidenciava a importância destes na evangelização do mundo. Disse o papa:

Queridos jovens, no final do Ano Santo confio-vos o sinal deste Ano Jubilar, A Cruz de Cristo! Levai-a pelo mundo como sinal do amor de Nosso Senhor Jesus Cristo pela humanidade e anunciai a todos que só em Cristo morto e ressuscitado está a salvação e a redenção (João Paulo II, 1984 *apud* JMJ, 2023, p. 8).

A entrevistada número 4 é uma das pessoas que narrou um pouco da experiência com a JMJ:

Então, a minha mãe, ela sempre esteve assistencializada, assistida, digamos assim. Porque ela participava do CREAS, do CRAS, do CAPS, de tudo, do posto de saúde. Então, todos os momentos da minha vida eu lembro de estar com a minha mãe falando com uma assistente social e em todas as vezes ela era maltratada. Desde criança, então isso ficou sempre na minha mente, né. Aí teve um dia em específico que eu era da pastoral da juventude, eu estava com os meus amigos em um rolê e uma mulher em situação de rua estava caída na rua e a gente foi ver como ajudar ela, chamou o SAMU na época, e aí eu fui com ela dentro da ambulância, porque se tratava... na época eu já percebi que tinha alguma coisa errada com aquela mulher e a gente descobriu que ela sempre estava por lá pelo mesmo motivo, era violência familiar, UPA. E aí eu fiquei pensando, falei para a assistente social: 'mas se ela está sempre aqui, porque você não investigou isso ainda?'. Na minha cabeça eu achava que era competência da assistente social e é, de fato. E aí, neste momento que eu também fui maltratada pela assistente social lá na UPA da minha cidade, que é Cascavel, aí eu falei 'não, de fato é isso'. Aí teve um outro momento em que eu estava em Brasília em uma conferência da juventude e aí eu passei pela cracolândia, aí o meu amigo me falou: "ah, (incompreensível) na cracolândia fica a sede do PSOL. E aí eu lembro exatamente de um menino vindo pedir esmola pra gente, mas era uma criança muito, muito criança, infantil, deveria ter uns cinco anos, assim. E aquilo me marcou muito, eu fiquei com raiva. Na verdade eu sempre fiquei com raiva das coisas, das desigualdades e o serviço social foi o mais próximo que eu encontrei. Então, eu sempre fui militante da Igreja Católica, pela pastoral da juventude e ao catolicismo, assim como a umbanda e outras religiões de (batuque?) foram presentes na minha vida e infância. Então eu sempre tive essa mistura de religião, de fé. Minha avó por mais católica que fosse, ela acreditava muito em mandinga, por causa que o meu avô também era do terreiro. Então, eu sempre tive essa mistura. Só que, por ser obrigada, né. A gente, geralmente quando é adolescente, criança, a gente é obrigado a ir na religião dos pais. A minha avó me levava muito na igreja e eu comecei a participar da igreja, mas nunca me dei muito bem assim com a parte conservadora da igreja. Então, tentei, mas não deu certo e daí em um determinado momento conheci a pastoral e fui... católica. Então, eu comecei com

12 anos na pastoral da juventude, eu fiquei até 17, 18 anos. Eu cheguei a ser coordenadora de grupo de jovens [...] junto com a pastoral da juventude eu conheci o PT, aí eu comecei a fazer militância no PT, na juventude do PT, então sempre o catolicismo estava se relacionando nas políticas em que eu estive envolvida. Depois um momento eu comecei a achar isso estranho, mas eu não fazia serviço social ainda. O catolicismo influenciou, porque eu comecei a seguir as minhas questões pessoais religiosas, que seriam a umbanda e o candomblé, depois que eu comecei a fazer serviço social. Mas a determinado momento sim, porque sempre eu estava nas pastorais da criança, porque eu sempre fui pobre, então a gente que é sempre pobre sempre está precisando de ajuda, eu não tinha essa noção, era criança. Mas é, sim, sim. Porque sempre tinha aquelas coisas da campanha da fraternidade, de ajudar. Não tem como dizer que eu sempre fui católica, porque a minha mãe, ela sempre foi em várias religiões, evangélica, então eu sempre fui também. Então, a gente nunca teve problema com religião, dentro do núcleo familiar, né. Porque as pessoas de fora já não curtiam muito a gente ir em tantas religiões assim que não fosse a católica. Então sempre a minha mãe estava envolvida nas coisas da questão social, porque ela também foi militante, mas também sempre foi religiosa, buscava a fé dela em qualquer lugar. [...] doente, por achar que isso fosse ajudar ela.

A estudante número 7 narrou ter conhecido o que denomina de “duas caras” do Serviço Social. Ela não é brasileira, é usuária da rede de serviços no Brasil e é pessoa com deficiência. Em sua trajetória de vida, ao buscar por seus direitos no Brasil, explicou:

E eu falei assim, eu já sei o curso que eu quero, por que? Porque eu sou usuária da rede, eu sou usuária da rede como pessoa com deficiência, como pessoa em situação de vulnerabilidade, então eu faço uso de vários programas federais e municipais. E eu conheci essa profissão, mas conheci as duas caras e achando que eu conheci porque ‘Ah, serviço social é para ajudar o pobre! ‘cesta básica’, ‘dar a mão’, mal conhecia que o fato que há três anos atrás que é trabalho social no Paraguai, não era reconhecido, era praticamente um curso e não tinha o mesmo objetivo, não era a mesma coisa, até agora, é muita diferença. Até porque eu conheci, como eu te falo, conheci as duas caras. Aquela que eu fui pedir ajuda no CRAS e jogaram meu documento e falou assim, assistente social falou: ‘você não tem nada aqui, volta para o seu país’ e a outra que me acolheu, que ajudou, que mostrou quais eram os meus direitos. Nossa! Essa é a profissão que eu quero. Mas eu te digo assim, as duas caras no sentido de que a primeira assistente social que me atendeu, eu, meu marido e minha filha, ela foi discriminativa, ela não falou dos meus direitos. Ela jogou os meus documentos e me mandou embora, sabendo que eu tinha direito, eu tinha uma filha brasileira e nesse momento eu falei assim: ‘nossa, eu nunca mais vou vir’. Depois de dois anos eu conheci outra assistente social que realmente me acolheu, me falou dos meus direitos e aí eu comecei a

pesquisar sobre essa profissão. Bem superficialmente, porque eu achava que era, justamente ajudar, cesta básica, visitar, ir na casa.

Além das experiências religiosas e de uso das políticas públicas, chamam a atenção os relatos de maus serviços prestados por profissionais do Serviço Social, o que, de alguma forma, provocou nessa estudante – o relato de maus serviços prestados também aparece em outra entrevista – o desejo de aprenderem a profissão em uma perspectiva de que já sabiam como não a exercer.

Ainda, a estudante número 7 traz um relato muito importante em que demonstra como sua formação pessoal, prestada por sua família, e sua religião, também de berço, lhe ensinaram a importância de ajudar as pessoas, inclusive profissionalmente, de modo que sempre foi incentivada a seguir esse caminho por seu pai e chegou a buscar em outra profissão a materialização desse objetivo à época. Nesse sentido, sobre sua motivação para cursar Serviço Social, ela contou:

Sempre tinha a presença da religião, de ajudar as pessoas. Sempre foi muito presente, até meu pai que era muito católico, ele sempre falava: ‘** estuda...’, eu adoro estudar, ‘Estuda sempre para ajudar as pessoas iguais a ti’ (Referência à deficiência física). Eu tentei no Paraguai, medicina, mas não consegui. Então, quando eu vim aqui para o Brasil, eu tinha 13 anos. Vai fazer 14 anos esse ano. Eu tinha casado e minha filha, e neste momento eu não tinha pensado em estudar nada, só que eu me estabeleci aqui, eu estava no Rio Grande do Sul, vim para Foz, meu pai viu que eu estava estabelecida, ‘**’, agora que você está estabelecida, está bem, volta a estudar! Volta a estudar para ajudar os demais. Volta a estudar medicina’. Eu falei: Pai, medicina é muito... e a Julia, minha filha, minha filha tem 12 anos, eu preciso cuidar dela e medicina eu vou estar muito ausente e esperei que serviço social fosse assim também porque às vezes eu saía oito da manhã e voltava meia noite, entende? (Estudante 7).

Nesse caminho, a estudante aponta diferenças encontradas entre a profissão no Brasil e no Paraguai. A percepção sobre essas diferenças se deu principalmente pelo fato de a estudante ser pessoa com deficiência e usuária da política de assistência social, principalmente. Na condição de pessoa com deficiência, ela observou as distintas atuações por parte dos profissionais de Serviço Social e a diferença da cobertura da rede de políticas públicas. Ela explica que atualmente o Serviço Social é uma profissão de nível superior no Paraguai, mas que esse reconhecimento não tem muito tempo. A estudante coloca em evidência que a diferença da profissão entre os dois países chamou a atenção dela e a fez se

interessar pelo curso no Brasil, de modo que ela poderia conquistar seu objetivo e pedido do pai de estudar para ajudar as pessoas. Assim, sobre as diferenças da profissão no Brasil e no Paraguai e como a profissão no Brasil chamou sua atenção, ela contou:

É, agora sim. Faz poucos anos que foi reconhecido, ele dependia da reitoria do curso de filosofia. Então há poucos anos atrás ele começou a ser uma profissão, porém o Paraguai não conta com todos os programas que contam no Brasil, porque lá não tem, por exemplo, o BPC, só tem alguns programas básicos de ajuda econômica que são de 50 reais. Então não tem uma função, tanto que existe as senades que eu tratei no meu tcc sobre as políticas públicas de acessibilidade para a pessoa com deficiência no Paraguai, eu tratei sobre isso. Até a senades, que é a secretaria nacional pelos direitos das pessoas com deficiência (SE secretaria NA nacional DES descapacidad), não tem o assistente social, entende? A coordenadora, diretora é uma psicóloga, então a equipe multidisciplinar, a maioria deles não tem uma profissão. Então o curso, a profissão não é, porém existe hoje, estão saindo aos poucos, saiu um concurso faz pouco tempo, estão fazendo, vai aparecendo demandas já de alguns trabalhos preexistentes, porém programas federais e municipais dentro do país não existe, igual no Brasil, onde ele possa trabalhar (o assistente social). Então, assim era muito... é uma profissão bem simples, não chamava a minha atenção como me chamou aqui, entende? Até porque eu conheci, como eu te falo, conheci as duas caras. Aquela que eu fui pedir ajuda no CRAS e jogaram meu documento e falou assim, assistente social falou :'você não tem nada aqui, volta para o seu país' e a outra que me acolheu, que ajudou, que mostrou quais eram os meus direitos. Nossa! Essa é a profissão que eu quero (Estudante 7).

O relato da estudante número 7 também traz elementos de sua atividade como participante de movimentos sociais e de como isso, junto com as diferenças observadas por ela, mencionadas no parágrafo anterior, bem como o papel da religião em sua vida a fortaleceram a continuar atuando nesses movimentos e a levaram a proferir uma frase clássica entre estudantes de Serviço Social que ingressam no campo de estágio; conflitados pelos ensinamentos em sala de aula e pela realidade que tal momento da formação lhes proporciona, concluem que aprendem como não ser um Assistente Social. A entrevistada número 7 explica isso ao contar que as experiências ruins na utilização dos serviços, narrados anteriormente, se deram no Brasil e esclarece:

Foi. Foi aqui no Brasil. Eu fiz parte do conselho municipal de assistência social por dois anos e sempre participo de congressos, sempre sou chamada também para participar e sempre vejo essas

duas profissionais, no sentido de pessoas, esses dois tipos sempre (da assistente social que acolhe e mostra os direitos e daquela discrimina) sempre estou olhando, sempre estou enxergando uma profissional igual a aquela que me maltratou e igual a aquela que me acolheu. E tem um professor que falou assim pra mim, porque eu saía do conselho, eu saía chorando, chorando literalmente. Hoje faço parte do comitê do cadastro único aqui em Foz, então eu sou muito participativa, gosto muito dessas atividades, até porque represento os usuários, levo as demandas, brigo, não calo a boca né? Eu sou a briguenta, mas assim, eu saía chorando e falava: 'que eu ligar para a minha professora', que eu tenho maior admiração, e falava: 'o que eu estou fazendo neste curso?'. Sabendo que eu estou lutando, levando as demandas e vão praticamente rir na minha cara, não estão enxergando, vocês estão me ensinando uma coisa e eu estou vendo outra coisa no dia-a-dia. Então o que eu estou fazendo? Eu vou trabalhar com essas pessoas. Porque era justamente o conselho municipal, era a prefeitura, se eu fizer concurso eu vou trabalhar com ela, se eu continuar dentro da área, dentro do serviço, eu vou trabalhar com ela. Como que eu vou lidar com esse tipo de pessoa que não olha na sua cara quando você fala das demandas dos usuários. E eu saía chorando de lá. E ela falava: 'calma, que isso sirva para você entender que tipo de profissional você não deve ser'. Isso ficou, isso acalmou, por mais que seja... eu tinha que engolir e eu tinha que me preparar para responder essa pessoa sempre na próxima, na próxima e na próxima, entende? Mas isso subiu muito, porque eu sempre ia me deparar com esse tipo de profissional o qual o sistema absorveu e aquela luta não existia. Então, assim, foi algo que serviu e serve até agora e está me ajudando, né? (Estudante 7).

É importante mencionarmos que, assim como outros estudantes – maioria aqui nesta pesquisa –, a estudante número 7 percorreu um excelente processo de formação e adquiriu uma visão crítica sobre o trabalho de um Assistente Social. Também é importante não perdermos de vista, nesses relatos, que, de modo geral, as respostas às perguntas sobre a motivação da escolha do curso e sobre a influência religiosa em tal escolha vieram sempre juntas, como se uma explicasse a outra.

À semelhança da sexta entrevistada, o oitavo estudante disse que trabalhava com a ideia de semelhança entre Sociologia e Serviço Social e que, no caso do deste, o exercício profissional é mais interventivo, enquanto no caso da Sociologia a atuação é mais teórica. Explicou ele:

Então, eu vinha de uma outra universidade, né? Eu vim para o Serviço Social a partir de transferência. Então eu vim pra cá pra Foz do Iguaçu em 2015 e não sabia o que ia fazer, né. Aí a gente, a ** minha companheira, como é professora na UNILA, ela conheceu uma professora do Serviço Social e ela ficou nossa amiga então. Aí como eu venho de outra universidade, das ciências sociais que é

meio próximo, né, aí eu achei bem sugestivo o que ela me falou sobre o Serviço Social, né. A ciências sociais estuda mais, vamos supor, administrativamente, né. E o Serviço Social é mais na realidade com o povo mesmo, então foi isso que me chamou a atenção. Até então eu achava que era, que a função do assistente social era só o conselho tutelar, só trabalhava com crianças. Não tinha conhecimento do universo do serviço social, do que é a profissão. Depois que eu fui aprofundando e conhecendo o curso e tal que eu fiquei ah, não tem nada a ver. Se eu não tivesse eu poderia estar concorrendo ao cargo de conselheiro (Estudante 8).

Segundo os resultados da pesquisa de Simões Neto (2005), o fato de atuar direta e pessoalmente com pessoas aproxima-se da ideia de ajuda. Assim como na Pedagogia, outra profissão também marcada pela ideia da ajuda, o profissional trabalha pessoalmente com crianças desde o sexto mês de vida destas. Em cinco dias da semana, o profissional de Pedagogia é responsável em intervir na higiene, alimentação, proteção e educação de crianças até que estas estejam aptas para ingressarem em outro nível de ensino. Isso não acontece nas Ciências Sociais, a exemplo do entrevistado acima. Além disso, as profissões de Serviço Social, Pedagogia e Enfermagem têm perfis parecidos, em sua maioria, são mulheres. Isso merece destaque porque supera a ideia de que tal perfil é exclusividade do Serviço Social.

O estudante nº 8 também pontuou certo trânsito entre cursos até chegar ao Serviço Social. Ele ficou quase um ano e meio no curso de Ciências Sociais e foi “navegando por cursos”: “Fui para a engenharia elétrica, quando saí da engenharia elétrica eu pedi transferência para a gastronomia, aí surgiu a oportunidade de vir embora, se não eu estaria na gastronomia”.

O entrevistado número 8, apesar de vir de uma família de adeptos à Igreja Adventista do Sétimo Dia, se declarou como pessoa que não tem religião. Em um posicionamento bastante maduro e crítico durante a entrevista, explicou que não acredita que a religião lhe tenha oferecido influência em cursar Serviço Social. Em uma análise mais geral, ou seja, se a religião pode influenciar as pessoas, respondeu:

Olha, eu acho que varia muito da pessoa. Se ela é uma pessoa meio, vamos colocar assim, no fanatismo religioso, a pessoa nem continua o curso, é o que eu vejo ali, o que eu vi dentro destes anos que eu estou na universidade. Então quando a pessoa é muito fanática [...] (Entrevistado 8).

Inquirida sobre a causa que a levou a cursar Serviço Social, a quinta estudante começa mencionando uma difícil experiência pessoal, a morte da mãe após período de doença grave. Era necessário ocupar o tempo que antes era destinado aos cuidados da mãe, era imprescindível conseguir superar tal adversidade e elaborar o luto, e uma das indicações terapêuticas dizia respeito à busca por uma formação profissional.

A essa resposta, poderíamos acrescentar a pergunta “Por que Serviço Social e não outro curso para ocupar o tempo e elaborar o luto?”, a fim de problematizarmos a situação narrada, mas, antes que esse acréscimo se concretizasse, veio a solução: “Já fui muito católica, fui casada com um líder religioso por 21 anos, da RCC, que é um movimento pentecostal dentro da igreja católica”. Além disso, a estudante mencionou afinidade com a área social.

No caso da quinta estudante, é possível percebermos, como nas demais entrevistas, que a resposta à motivação vem sempre como também resposta à influência da religião, que o fato de serem usuários das políticas públicas também traz elementos que na atualidade compõem a formação nessa profissão. Sobre isso essa entrevistada narrou:

Mas eu passei muita dificuldade, passei muita fome, fui abusada pelo meu pai até os oito anos de idade e minha mãe não conseguia me proteger. Então a Igreja Católica, de alguma forma, reduziu os riscos e a vulnerabilidade que eu passava me doando uma cesta básica, por exemplo (Estudante 5).

Já em relação à pergunta sobre a influência de sua religião na opção pelo curso de Serviço Social, quando realizada de forma direta, levou essa entrevistada a explicar: “Diretamente não, ao inverso sim. Depois que entrei no curso eu deixei a Igreja, deixei de ser católica” (Estudante 5). “Ao inverso sim” é uma afirmativa carregada de significados e demonstra uma estudante respondendo do lugar de quem passou por um processo de transformação provocado pela formação profissional. A estudante completou dizendo que as ações assistencialistas da Igreja Católica incidiram sobre ela e sua família em um contexto de fome, desproteção e violência. Nessa fala se repete o fato de que alguns estudantes tinham alguma afinidade com a profissão em razão de terem sido, de alguma forma, beneficiados por algum serviço em que havia um profissional de Serviço Social.

Perguntadas sobre quais valores devem fundamentar a formação em Serviço Social, as entrevistadas número 1 e 6 não souberam responder à pergunta. Uma delas, inclusive, disse que não se lembrava de algum valor, que não se recordava sobre isso – entrevistada número 6. Ela disse: “Ai, eu não sei te responder essa não. Tem como me perguntar de outra forma, porque eu não entendi muito bem”. Mesmo mencionando alguns elementos do código de ética, a estudante não se lembrou. Essa ausência de lembrança é preocupante, pode ser um indício de que a formação profissional foi insuficiente e de que tal esquecimento se mantenha na prática profissional. As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Serviço Social (2002) indicam que a organização do curso deve promover o respeito à ética profissional. Os valores e princípios norteadores do Código de Ética talvez não estejam na ponta da língua de formandos, mas também não podem estar em lugar algum, pois os atuais documentos e legislações norteadoras da formação profissional e do exercício profissional são expressão de que a formação profissional em Serviço Social é ausente de apego a doutrinas e/ou denominações religiosas.

O entrevistado número 1 não deu uma resposta muito objetiva a essa pergunta, pois avalia que não se trata de uma questão tão simples. Afirmou: “Precisa achar um meio termo. É complexo. Seria importante ter um posicionamento bem demarcado no pensamento crítico”. Essa resposta também gera preocupação se nos perguntarmos quanto a um meio termo entre o que deve fundamentar a formação profissional: seria um meio termo entre os princípios postos pelos documentos profissionais e por crenças religiosas? No entanto, o estudante termina a frase apontando a necessidade de um pensamento crítico bem demarcado, o que, salvo engano, não incluiria uma base comum entre valores religiosos e os valores defendidos pela categoria profissional.

Ficamos com a impressão de que, se essa pergunta tivesse sido feita em uma pesquisa de outro tema, talvez tivéssemos obtido resposta de todos os entrevistados. Isso porque o contexto da entrevista leva os estudantes a sempre fazer uma comparação em relação ao campo religioso, principalmente aqueles que são religiosos, o que pode conduzir o estudante a não ficar muito à vontade em expor suas reflexões.

Esse medo de assumir ideias e posicionamentos, no âmbito do tema tratado, pode ter fonte no despreparo da própria universidade bem como do corpo docente, em receber e dar tratamento para a questão da religião e da religiosidade. Esse

tópico tanto aparece especificamente em uma disciplina – como é o caso de FHTM – quanto se trata da orientação religiosa pessoal dos estudantes. Mencionamos esse componente, neste ponto do texto, porque situações de intolerância religiosa foram mencionadas pelos entrevistados durante as entrevistas. É certo que tal receio pode ter natureza no medo de os entrevistados darem respostas contrárias às suas próprias convicções religiosas. Ou seja, o estudante não quer falar contra seus princípios religiosos, mas também sabe, em alguma medida, que seus valores religiosos não são os que devem nortear a formação em Serviço Social, e isso gera certo conflito, daí a busca por um “meio termo”.

Para a terceira entrevistada, a neutralidade é um valor que deve fundamentar a formação profissional. De algum modo, foi possível observarmos que a estudante coloca a neutralidade em oposição ao conservadorismo quando afirma:

Bem, essa é uma questão que a gente está discutindo faz tempinho. O assistente social tem que ser crítico, mas eu acho da maneira do desempenho, mas não do, tipo [...] Bom ele não deve [...] ele deve ser parcial, ele não tem que ter julgamentos com as demais pessoas. Ele [...] tem uma palavra que eu esqueci.

neutralidade?

É, ele tem que ser neutro para desenvolver um bom trabalho. Infelizmente eu também conheci uma... eu conheci agora uma assistente social do meu país, mas que ela não exerceu o curso e ela é católica, mas era acho que, também pela questão de idade, já é idosa, pelo ambiente que ela tem da religião, ela é uma pessoa conservadora e, bom ela não desenvolveu o curso, então acho que não viu a realidade ainda (Estudante 3).

Na verdade, pelo contexto da resposta, acreditamos que a estudante quis dizer “imparcial” ao invés de “parcial” e que afirmar que o profissional de Serviço Social não deve julgar as pessoas tenha relação com alguns princípios do Código de Ética Profissional, como o reconhecimento da autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais, eliminação das formas de preconceito e construção de uma sociedade sem dominação e exploração de qualquer natureza.

Ainda que a estudante tenha empregado a palavra neutralidade, demonstrou-se uma pessoa muito crítica; isso, junto à explicação que deu em sua resposta, pode significar que ela não quis dizer que o profissional não deve se intrometer, opinar ou ficar em cima do muro. Mas utilizou a palavra de forma coloquial durante a reflexão que a entrevista lhe causou.

A quarta entrevistada respondeu de forma categórica quando foi perguntada sobre os valores para a formação profissional: “Os valores do código de ética, simplesmente. O código de ética e o projeto político do curso também. Não tem como ser fora disso, independente se a gente tem uma fé ou não”. É importante vermos o movimento da estudante em pensar criticamente que, ainda que as pessoas tenham fé – aqui, nesse contexto, estamos falando da fé cristã, da crença em um Deus –, a questão é sobre a fundamentação do curso, da formação, o que deve ser observado, mesmo que o estudante seja uma pessoa de fé. Essa observação é importante porque não se trata de delimitar se as pessoas podem ou não ter fé ou exercerem sua religião, inclusive porque a manifestação religiosa é um direito garantido pela Carta Magna brasileira, mas de pensar a formação profissional.

Difícil não pensarmos na atual realidade brasileira até mesmo para refletirmos sobre os valores para a formação. Isso pode ser observado na resposta da quinta entrevistada que afirmou: “Valores do código de ética, todos os valores do código de ética! Eu acho que a religião atrapalha muito. Vendo a atual conjuntura do Brasil, um ataque terrorista à democracia, a sede dos 3 poderes e isso tudo tem religião envolvida”.

De fato, um pouco de atenção não permite que a evidência religiosa conservadora na atual administração de nosso país passe despercebida, isso porque o próprio jargão do ex-presidente Jair Bolsonaro, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, escancara essa questão. Junto a isso, não é possível esquecermos que Bolsonaro deslanchou em sua campanha ao receber apoio dos grandes líderes evangélicos e ter se referido à presidência muitas vezes como uma missão dada por Deus ao próprio Jair “Messias”. Vivemos tempos efervescentes, acreditamos que por isso alguns estudantes que participaram desta pesquisa, alguns mais, outros menos, não deixam de pensar a formação e até mesmo o exercício profissional sem também ponderarem a conjuntura política.

O oitavo estudante disse que os valores que devem fundamentar a formação profissional, bem como o exercício da profissão, são aqueles ensinados no curso a partir da grade curricular. Além disso, o entrevistado compara o que seria conduta vinculada aos valores do Serviço Social e aos da religião e afirma que, no caso desta, sempre há uma resposta feita, que não considera a história do sujeito, diferente do que aprendeu no curso. Ele explica o que é importante:

O princípio do tratamento não excludente, eu aprendi muito isso no curso, de tratar todas as pessoas da mesma forma. Apesar de isso ser uma característica da minha própria personalidade, mas o curso me fortaleceu muito essa visão do tratamento interpessoal, de escutar a pessoa e tentar se colocar no lugar dela, entender qual é o problema, porque ela está passando por aquilo, sem chegar com julgamento pré-colocado. O que a religião muitas vezes já fala que você está sofrendo por isso é por causa disso, então eles já tem sempre uma atribuição ou o porquê que aquela pessoa está passando. Eles nunca escutam ela, diferente do serviço social, para depois você fazer uma avaliação do que aquela pessoa está passando (Estudante 8).

Além de responder objetivamente à pergunta em análise, a sétima entrevistada, por sua vez, mostrou que o código de ética é um norteador, material completo e importante em sua totalidade. Assim, sobre os valores que devem estar presentes na formação profissional, a estudante respondeu:

Sobretudo a ética. Que às vezes, me desculpa falar, cagaram no código de ética. Eu vejo. E eu me pergunto: 'cadê a ética?'. Eu estudo, estudei o código de ética, onde estão todos os valores e que nenhum é mais importante que o outro, entende? Para mim o código de ética está completo, mas a gente cai. Então não posso te falar qual é mais importante, pra mim o código de ética abrange tudo e sempre tem algo que [...] (Estudante 7).

Essa estudante também tentou demonstrar como observa a **ética** em seu cotidiano enquanto cidadã e acredita que ética também é sobre **devolver à sociedade os conhecimentos que adquiriu em seu processo de formação** em uma universidade pública. Ela também faz referência ao que seria um conflito ético quando menciona que, muitas vezes, nos espaços políticos que frequenta, não vê as pessoas **ajudarem e/ou facilitarem** informações aos usuários dos serviços. Ela explica com um exemplo bastante detalhado que mostra como ela se posiciona em relação a isso:

Assim, eu estava estudando para um concurso, no Fozhabita, justamente do programa habitacional, aqui em Foz, né? Do minha casa minha vida, relacionado ao minha casa minha vida e a gente estava... ela falou assim eu preciso que me ajude a ler a política do Foz... não sei, acho que era um TCC da política da política de habitação, e nossa, eu gostei tanto, gostei muito, algo que sempre me chamou a atenção e eu sempre li porque eu tento devolver o que eu aprendi na universidade, estou aprendendo na UNILA, devolver para a sociedade. Um vizinho que está precisando ser isento de cobrança da prefeitura, o IPTU e a pessoa recebe BPC e

não sabe que tem direito a isenção do IPTU. Aí a fulana falou: “a Lourdes sabe” e vem aqui e eu ajudo. Por que? porque eu estou passando o que eu aprendi, os direitos, o direito que ele tem. Bom, e eu li aquela política de habitação e falava assim, o profissional não pode... se sabe de alguma informação não pode calar a boca, assim, falando em curto e te explicando o que eu absorvi, não pode calar e não pode (incompreensível), sabendo que o usuário precisa. E me chamou atenção, porque eu estava no estágio e eu sabendo de muitas informações, me calavam para eu não falar. “Não, deixa que a pessoa vai lá e pesquisa e pergunta, não pode vir aqui e esperar saber todas as informações”. E é um serviço que eu sempre estou realizando aqui, sempre estou ajudando, já ajudei várias pessoas a conseguir o BPC, saber quais são quais são os documentos, levar, porque. Então assim, é algo que eu aprendi e algo que eu estou devolvendo. E essa política (política de habitação que estava estudando para o concurso do Fozhabita) tinha falado que se eu sei eu não devia guardar para mim, eu vi e eu vivi isso e eu fui parada muitas vezes, porque eu posso brigar, se eu sei e o usuário precisa “não, não, deixa ela”. E se a pessoa não tiver passagem? Então, cadê o código de ética? cadê o compromisso, não foi isso que o assistente social está lutando, está reivindicando? Então, o código de ética pra mim apresenta tudo, abrange tudo, não tem um ou dois principais. Porém, isso me incomodou muito também, quando eu sei a informação, quando eu sei, como posso ajudar essa pessoa? Porque o professor falava assim: “Lourdes, você tem que ir além da figura do usuário, você tem que saber a história”. E era uma pessoa que só ver, que era uma pessoa que não tinha muito dinheiro. Então, mandar? sabendo que cinco reais era só uma passagem e a volta? Já foi para a instituição, já teve que gastar dez reais, estava acompanhada, ir para lá de novo seria mais dez reais, ou até mais de dez reais e sabendo que eu podia ajudar. Então assim, ‘ah porque é muito preguiçoso, a pessoa não quer ir [...]’ mas eu estou aí, eu aprendi, eu sei, então isso que eu posso te dizer (Estudante 7).

Aqui observamos, como em outros casos, que a experiência de vida pessoal e a experiência com o campo de estágio, com a vida acadêmica e com os espaços de decisão foram transformando e formando esses estudantes à medida que eles se esforçam para conectar tudo isso e traduzir esse código de ética à sua maneira.

Ou seja, à sua maneira significa que, apesar de os acadêmicos não terem respondido sobre os valores e princípios exatamente como estão dispostos no código de ética – “Reconhecimento da liberdade como valor ético central [...], Defesa intransigente dos direitos humanos [...]”, etc., (Barroco; Terra, 2012, p. 23) – prontamente, é louvável que, ao ouvirem sobre os valores para a formação profissional, os estudantes sejam remetidos ao código de ética vigente, sem desconsiderarmos a excepcionalidade da estudante número 6, mencionada anteriormente.

O atual código de ética foi reformulado pela atenção e compromisso e manutenção com princípios e valores éticos que norteiam essa profissão e pela até então carência de valores éticos tendo em vista a inevitabilidade de acompanhar e incorporar os avanços em relação aos direitos humanos. A apresentação da edição de 2011 do código de ética comentado explica essa obrigação:

Do ponto de vista do conteúdo, as mudanças procedidas foram relativas à modificação de nomenclatura, substituindo o termo 'opção sexual' por 'orientação sexual', incluindo ainda no princípio XI a 'identidade de gênero', quando se refere ao exercício do serviço social sem ser discriminado/a nem discriminar por essa condição, juntamente com as demais condições já explicitadas no texto. Essas alterações são de suma importância, pois reafirmam princípios e valores do nosso Projeto Ético-Político e incorporam avanços nas discussões acerca dos direitos da população LGBT pela livre orientação e expressão sexual. Portanto, as mudanças aqui expressas são resultado de discussões no âmbito do Conjunto CFESS/CRESS, em especial na temática da ética e dos direitos humanos (Barroco; Terra, 2012, p. 13).

Perguntados sobre o que vinha à cabeça quando pensavam em “Assistente Social” e se conheciam algum profissional ou mesmo o trabalho desenvolvido por um Assistente Social antes de ingressarem no curso, alguns estudantes demonstraram não terem tido muita preocupação com isso antes do curso, isto é, não haviam pesquisado sobre o mercado de trabalho, áreas de atuação, salário, tampouco sobre a grade curricular do curso, por exemplo.

Já outros acadêmicos apresentaram a clássica visão da moça da igreja, isto é, afirmaram ter relacionado o Assistente Social (ou “a”, dada imagem social feminina atribuída à profissão), assim como o curso de graduação em Serviço Social, com a representação da caridade e ajuda religiosa.

No entanto, é conveniente mencionarmos que, ao que parece, essa imagem foi alterada com o processo de formação universitário. Isso porque, durante o decurso das entrevistas, os alunos expuseram a metamorfose que os afetou – e ainda os afeta – com o desenvolvimento da formação. É preocupante, certamente, que, fora do ambiente acadêmico, a imagem social da ajuda persista, de modo, inclusive, a fazer com que estudantes dos primeiros semestres do curso de Serviço Social reivindiquem essa imagem para a formação profissional.

O entrevistado número 1 fez uma comparação sobre isso, disse que pensa em um profissional de Serviço Social como uma pessoa comum e sem distinção de

gênero. No entanto, afirmou que, em seu campo de estágio, a figura da Assistente Social que lá atua é da moça boazinha da cesta básica e, nesse sentido, é isso que os usuários do serviço também veem.

A terceira entrevistada, que vem de uma formação católica e ingressou no curso influenciada por isso, afirmou sem qualquer dúvida que imaginava a figura da caridade da Igreja Católica.

A quinta estudante entrevistada relatou que esteve muito próxima de muitas pessoas que cursaram Serviço Social durante um período em que trabalhou em uma escola e o que aprendeu sobre a imagem dessa profissão é que ela servia para fazer caridade: “Há 17 anos eu trabalhava em uma escola em que muitas pessoas que trabalhavam lá e que eram da Igreja fizeram o curso. E o que eu ouvi e aprendi é que era uma profissão de caridade, uma profissão para fazer caridade, isso foi em 2006”.

Uma das estudantes, a sexta, demonstrou não ter pensado muito sobre esse assunto, e disse que tinha como referência do profissional de Serviço Social a pessoa que ajuda as outras a resolver algum tipo de problema dentro de determinada instituição, como o CRAS ou um hospital. Ela explicou o seguinte:

Digamos que eu vá ao CRAS (incompreensível) se escuta que pede para ajudar num problema que tenho. Penso que é para ajudar as pessoas com algum tipo de problema que ela tenha, que busca ajuda, digamos para os doentes que não conseguem os medicamentos, todas estas coisas que um assistente social pode solucionar (Estudante 6).

Neste caso, ao que parece, ou a estudante empregou a palavra “ajuda” de forma coloquial ou está tratando o direito à saúde pela busca de medicamentos como a ajuda não profissional. Isto é, ou o trabalho do Assistente Social do CRAS é no âmbito de sua atuação profissional e da execução da política de assistência social, o de atender à demanda trazida pelo usuário, ou o de utilizar o aparato governamental para exercer ajuda, no sentido não profissional do termo.

Esta pesquisa também mostrou que é comum o espanto sobre a gama de possibilidades de atuação do profissional de Serviço Social em detrimento dessa referência do assistencialismo, como refletiu o último entrevistado:

Bom, pessoas quando perguntam ‘que curso você faz?’ percebe-se que ela não tem nenhuma noção do que seja. E essa percepção do

caritário né? Você está fazendo uma faculdade para entregar cesta básica? É um exemplo, é muito forte isso. Até hoje é muito forte isso (Estudante 6).

É importante ressaltarmos, sobre essa questão, que ela revela a imagem que os próprios estudantes tinham sobre um profissional de Serviço Social e sobre o que eles veem acerca disso a partir de outras pessoas, de acordo com suas experiências pessoais e de formação acadêmica.

Pois bem, mencionamos que alguns dos estudantes entrevistados relataram casos de colegas que desistiram do curso de Serviço Social em razão de conflitos com os conteúdos ministrados, sobretudo em relação à história do Serviço Social brasileiro e a Igreja Católica. O primeiro entrevistado contou que “Tem uma amiga que é religiosa, de outro período. Viu tensões por parte dos colegas, uma colega desistiu do curso por questões religiosas”.

O oitavo entrevistado apontou que observa que esses conflitos, que levam à desistência do curso, geralmente se iniciam nas aulas de Fundamentos Históricos, Teóricos e Metodológicos do Serviço Social – FHTM – e alguns estudantes não se sentem bem por interpretarem que a disciplina fala mal da religião ou da igreja:

Quando começa ali as aulas de FHTM, de Fundamentos Históricos, teóricos e metodológicos do serviço social, a gente fica meia hora falando o título da disciplina. Como são quatro ou cinco, conta toda a história, junto com a religião que ela foi muito influenciada e tal, eu acho que a pessoa não curte muito. Ela entende como se fosse falar mal da igreja, então ela acaba dizendo ‘ah, não sei o que’, eu já ouvi, isso eu escutei em sala de aula ‘ai, esse curso é um curso de comunista, então eu não vou ficar aqui [...]’ Eu acho que nesse sentido da religião influencia bastante sim se a pessoa é muito fanática. Vou te citar o meu exemplo, a minha família, ela é adventista, então religião para eles assim, só eles que estão certos, às vezes até Deus está errado! Então quando é assim eu acho que influencia bastante. Quando eu entrei no serviço social e começou a falar essas partes de religião e tal eu comecei a entender mais o que foi o papel da religião, principalmente para nós no Brasil. Então foi bastante pesado, tanto a evangélica, quanto a católica. O período da inquisição, as perseguições, a doutrinação dos indígenas, isso foi muito forte, então cada vez mais eu fui me afastando deste vínculo religioso (Estudante 8).

O afastamento do vínculo religioso mencionado pelo estudante revela desajustamento ocasionado pelo processo de formação profissional. De modo geral, a religião é passada tradicionalmente pelas famílias a partir da repetição dos ritos e

crenças, ou seja, sem que haja reflexão ou investigação sobre tal. O processo de formação, porém, traz a análise crítica sobre isso, assim como revela dados históricos que certamente são escondidos no processo de transmissão da crença. Assim, ao se deparar com a realidade histórica da religião, ou das religiões, bem como de seu papel social, por vezes, a religião perde sentido para o estudante, de modo que ele se afasta da sua , o que não significa, contudo, que ele tenha deixado de acreditar em um ser metafísico.

O oitavo estudante também falou de sua própria percepção ao cursar a disciplina de fundamentos, disse que, apesar de não se lembrar detalhadamente da disciplina porque a cursara no ano de 2017, ficou marcada a reflexão de como a Igreja se fecha no pensamento religioso e desconsidera todas as outras formas de pensar:

Olha, eu não lembro muito bem, porque foi em 2017, eu já estou há cinco anos e tenho uma memória que é um atraso, mas o que me chamou bastante a atenção foi essa coisa de fechamento. Eles têm um ponto de vista que eles trazem aquela pessoa para seguir aquele ponto de vista, excluindo tudo aquilo que é de fora desse pensamento. Então isso me marcou muito no processo do FHTM, dos fundamentos (Estudante 8).

A sétima entrevistada elegeu a palavra choque para descrever o incômodo que sentia quando se deparou com um novo mundo onde nem todas as pessoas eram católicas e onde passou a aprender como sua Igreja e a profissão que havia escolhido estavam historicamente associadas. Ela afirmou:

Olha me chocava porque eu tinha professores ateus. Assim, de certa forma debochada. Então, se o professor ateu me cumprimentava: 'bom dia Lourdes, tudo bem?' 'tudo bem, graças a Deus'. Me surpreendeu porque a minha família é muito conservadorista, de direita conservadorista , extremamente de direita , mas eu sempre ia pelo contrário, né? Eu sempre estava sendo a Lourdes que ia [...] Mas, assim, ainda que eu tenha essa amplitude de ir em contra, talvez, do que eles pensavam, eu sempre tinha uma visão, mas não tão crítica, mas eu tinha essa visão da pessoa que sofre, da pessoa que [...] mas a visão do curso de serviço social no Brasil que me abriu os olhos, de certa forma e me chocou. Não me senti atingida a tal ponto de falar: 'ah eu vou abandonar o curso'. Tive amigas que muito religiosas que abandonaram o curso por isso, por causa deste choque no qual os professores falavam sobre a religião, mas não na forma de [...] eu não via maldade no professor falar 'eu sou ateu e não acredito em Deus'. Então, se você fala: 'eu sou ateu, não acredito em Deus' e minha colega se sentir atingida, é pessoal. Não é algo do professor, entende? E o que acontece? O marxismo eu não

conhecia, vim conhecer aqui. Então, me chocou, chocou, chocou essa abertura de olhos e de pensamento. Hoje eu não consigo ficar em uma mesa com as minhas irmãs, elas falando que vão comprar uma arma para matar um bandido. Eu falo: desculpa, estou com sono, vou dormir, vou para o meu quarto (Estudante 7).

A quarta estudante entrevistada afirmou que o curso não a colocara em choque com sua fé, mas a fizera compreender coisas que já questionava. Ela também disse que, desde os 17 anos, não frequenta a igreja; segundo ela, aos 17 anos, ganhou um pouco de autonomia perante sua mãe e avó e a empregou para exercer o direito e o desejo de não ir à igreja:

Eu me afastei da igreja com dezessete anos, nunca mais fui para a igreja. Quando eu tive liberdade, eu parei de ir na igreja, parei de ir na pastoral, parei de ir em tudo. Me colocaram em conflito com a minha fé, não. Mas que me fizeram compreender questões que eu via quando criança, ou quando adolescente na pastoral da juventude e achava estranho, sim. A relação da pastoral com os jesuítas eu nunca achei interessante e eu sempre achava estranho. Quando era da RCC, né, a questão do conservadorismo, coisas assim. O curso me remeteu a perceber coisas que aconteciam quando eu era criança e entender o que era aquilo né. Quando a gente é criança, a gente só assiste né, as coisas acontecerem, mas a gente grava, a gente entende. E aí, estudar a história do Serviço Social, como a igreja católica influenciou, tudo isso só juntou as pecinhas na minha cabeça. Mas, de fato, nunca me fez questionar a minha religiosidade quanto macumbeira (Estudante 4).

Essa estudante teve uma história importante junto à Igreja Católica, à RCC, à Jornada Mundial da Juventude e ao Partido dos Trabalhadores. Ela apresentou certa crítica à Igreja Católica e afirmou que nunca havia sentido o verdadeiro amor de Deus antes de conhecer as religiões de matriz africana. Ela disse, também, que, por ser bissexual, não se sentia à vontade na Igreja Evangélica:

Mas eu nunca senti aquele amor, aquela fé. A primeira vez que eu senti mesmo foi a primeira vez que eu fui para um terreiro, aí sim, foi totalmente diferente. eu achava até que era um problema meu, sabe? nossa, eu venho aqui, mas eu quero dormir enquanto o padre está falando, acho estranho o que o pastor fala. Na verdade, sempre me senti muito atingida pelas palavras [...] eu sou bissexual e aquilo era estranho, sabe? Eu não gostava muito (Estudante 4).

No caso da Igreja Católica, a estudante também não se sentia à vontade porque não conseguia compreender por que deveria temer a Deus e por que deveria sentir-se culpada por ser quem era. Ela explicou:

Eu já fui catequista, na realidade já fiz de tudo. Então, nem quando eu estava na catequese eu não conseguia... eu fui expulsa da catequese, né? porque eu... uma vez perguntaram para mim se Deus estava presente em todas as religiões e eu respondi que sim, e a coordenadora da catequese estava ouvindo o que eu estava falando e daí na hora que acabou ela já falou: 'ah, a gente vai substituir você'. Daí eu falei: 'ah, beleza né'. Aí eu me revoltei com a igreja, né. Não dei mais catequese e aí fui para a pastoral da juventude de fato. Mas, essa é a questão. Eu sempre achei muito estranho eu ter que ter medo de Deus, sabe? No catolicismo, eu me sentir culpada. Sempre tinha isso, a minha avó era extremamente católica, conservadora, sempre estava falando disso. Então, eu não acreditava que eu era amada por Deus porque eu tinha que ter medo dele, então desde jovem, mais jovem eu tinha esse pensamento. Mas nunca fui de ir no terreiro porque eu era dependente da minha família, não tinha essa liberdade de escolher onde eu ia, onde eu iria exercer a minha fé (Estudante 4).

Com isso, essa estudante analisou que, sob seu ponto de vista, é uma contradição ser assistente social e ser católica:

Quando eu vejo, com a minha religião eu até me emociono (chora), porque pra mim faz parte, a luta sempre faz parte e a minha religião me fortalece nisso, seria difícil pra mim ser católica e ser assistente social, pra mim, acho que isso seria muito contraditório, mas eu não vejo problema, para mim eu acho que é complemento ser macumbeira e ser assistente social, porque todas as pessoas que eu conheço da religião são de luta. São de luta e elas sempre estão dispostas a lutar pelos direitos. Não é pela fraternidade, é por direito. Essa é uma diferença que eu acho que daria para você colocar no seu trabalho (Estudante 4).

Neste caso, é importante refletirmos que, quando a estudante afirmou ter empregado sua autonomia para não ir à igreja, isso não significa que ela tenha deixado de crer ou deixado de exercer de forma institucional a sua fé. Isso porque, no decorrer da entrevista, ela revela ser macumbeira, ou seja, segue tendo fé e utiliza sua autonomia para decidir em que lugar exercê-la.

O que essa estudante narrou demonstra que a busca por direito pode ser lida também pela ótica da religião. Como o Serviço Social tem esse enlace histórico com a religião e com a ajuda, é possível que seja vista como uma atividade

oportunamente carregada de valor, capaz de conquistar a atenção de pessoas religiosas para essa formação.

A quinta estudante entrevistada, que era católica – “Já fui muito católica, fui casada com um líder religioso por 21 anos, da RCC, que é um movimento pentecostal dentro da igreja católica” –, declarou que o curso de Serviço Social a fez perceber que estava em um contexto de violência doméstica e psicológica e teve transformações importantes em sua vida:

Eu ouvia e aprendi nos grupos da RCC que eu não era uma pessoa boa, que para ser uma boa pessoa eu precisava de Deus. Como se eu fosse naturalmente má e apenas com Deus eu poderia ser uma boa pessoa. Parei de ir à Igreja em 2019. Me divorciei há um ano, eu passei por um processo de violência doméstica/ psicológica durante o casamento, que só percebi por causa do curso. Para você ter uma ideia, eu cheguei a queimar uma calça jeans porque o meu ex-marido dizia que era muito justa. Com o ingresso no curso houve uma mudança, comecei a me apropriar do conhecimento e vi que estava alienada da realidade (Estudante 5).

Sobre serem ou não religiosos, todos os estudantes entrevistados afirmaram não esconder sua religião ou a ausência dela. Alguns são mais explícitos e outros, mais reservados. O que foi possível identificarmos sobre isso com as entrevistas é que a universidade também é um campo de disputa para as ideias afirmadas pelas religiões e que, nesse espaço, as religiões de matriz africana também sofrem preconceito.

Uma das entrevistadas mencionou o apagamento das religiões de matriz africana. Ela disse:

Eu acho que você poderia perguntar também como que a gente percebe nas questões de religiões afro, principalmente, os conflitos que eu percebo, fazendo uma analogia, né, à teoria com a mitologia. Que é interessante a gente perceber a história por trás do apagamento da nossa religião porque são sociedades que a gente sofre, que a gente sofreu apagamentos que a gente não conheceu e eu acho que, principalmente no Brasil, a gente acaba esquecendo que o viés da nossa religião também é a luta, também é justiça. Então, isso eu acho interessante (Estudante 4).

Dois estudantes relataram situações desagradáveis em relação a outras discentes pertencentes a essas religiões. Um deles narrou um episódio que aconteceu dentro da UNILA, com alunas da universidade, em que “Houveram

comentários chatos, com colegas, falaram dos macumbeiros com termos pejorativos, porque tem várias meninas do curso que são umbandistas” (Estudante 1).

A quinta estudante entrevistada apresentou uma reflexão importante ao apontar sua percepção em relação ao lugar das religiões de matriz africana em nossa sociedade. Ela disse que não sofre preconceito por ser abertamente não religiosa, “Mas o que eu vejo é preconceito mais contra religião afro, você não vê preconceito contra católica, as pessoas são favoráveis ao catolicismo”.

A análise da estudante pode ser confirmada pela pesquisa de Fonseca (2020). O autor analisou quase mil casos de intolerância religiosa em um período de cinco anos e concluiu que as religiões afro-brasileiras estão em primeiro lugar no ranking de atos de intolerância, seguidas pelos evangélicos e, por último, pelos católicos:

An increase in cases of religious intolerance was identified, with one episode occurring on average every two days in the five years studied, a total of 965 cases. Victims were most commonly from Afro-Brazilian religions followed by Evangelical Christians and Roman Catholics (Fonseca, 2020, p. 95).

Fonseca (2020) chama a atenção para o que denomina de algo como uma laicidade à brasileira. Atentar-nos a isso é importante para conseguirmos compreender o cenário de pluralismo religioso e de escalada da intolerância religiosa no Brasil:

The formulations and proposals of Rui Barbosa and his contemporaries represent a ‘secularism à la Brazil’, and understanding this first movement is fundamental to understanding the current state of religious pluralism and increasing religious intolerance. If the disputes and tensions confronted by Rui Barbosa were limited to Christianity, today it is recognised and affirmed that in the current context of promotion of respect of religious diversity Afro-Brazilian religions are the ones most suffering situations of religious intolerance (Fonseca, 2020, p. 97-98).

Para melhor visualizarmos dados dessa pesquisa realizada pelo autor brasileiro Fonseca, que vão ao encontro do depoimento da quinta estudante entrevistada, conforme demonstra a tabela 1, reproduzimos os resultados de Fonseca (2020, p. 112). Esta tabela indica a religião das vítimas de intolerância religiosa bem como seus agressores, por segmento religioso. Os dados são incríveis

relatos da realidade social, e as religiões de matriz africana são as que mais sofrem intolerância, sendo os principais agressores os evangélicos. Se transformarmos os dados da tabela em uma visualização de porcentagem, as vítimas de religiões de matriz africana representam 59.75% do universo total de vítimas, 159:

Tabela 1 - Table 5 Religious affiliation of victims and aggressors by religious segment in a single case (n).

Table 5 Religious affiliation of victims and aggressors by religious segment in a single case (n)

Victims	Offenders					
	African origin	Evangelicals	Spiritists	Catholics	Atheists	Total
African origin	2	74	0	15	4	95
Evangelicals	0	14	2	3	1	20
Catholics	0	22	0	6	2	30
Spiritists	0	11	0	3	0	14
Total	2	121	2	27	7	159

Source RIVIR, SDH 2017; *n* = 159

Fonte: Fonseca (2020, p. 112).

A quinta estudante também narrou que sofre isolamento em seu trabalho, uma instituição religiosa que atende a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, o que demonstra dificuldade em ser aceita e respeitada em seus posicionamentos que foram reconfigurados a partir de seu processo de formação:

Pela transformação que eu passei a partir do momento que eu entrei no curso. No meu trabalho como cuidadora social é muito difícil, tem muita gente vinculada a Igreja e isso dificulta, eles querem sempre uma leitura religiosa dos casos. Eu fico sozinha, eu não faço parte do grupo deles. Isso é muito triste, porque eu não sou religiosa como eles, eu tenho uma postura crítica, então eu fico sozinha (Estudante 5).

A estudante explicou também que não tem qualquer religião, mas é simpatizante da umbanda e do candomblé, e contou que foi vítima de situação de preconceito em razão de sua fé, de ser abertamente simpatizante das religiões de matriz africana. Uma das coisas mais intrigantes disso é que tal situação, segundo a estudante, partiu de uma professora da UNILA, como é possível verificarmos a seguir:

Já! Já por parte de professor, na onde eu trabalhava. Por parte de professor foi por mensagem. Uma professora que eu tive um atrito com ela, ela me ofendeu na minha religião é [...] e não foi só a mim, ela ofendeu várias pessoas também por estas questões e no meu trabalho, quando descobriram, ficaram sem falar comigo uns quinze dias, assim, daí eu não entendi nada, mas eu, desculpa a palavra, mas eu geralmente ligo o foda-se para estas pessoas e estas situações, porque eu não [...] não cabe a [...] eu sei quem anda comigo, entendeu? eu nunca estou sozinha na minha fé, então eu não preciso me preocupar com isso (Estudante 5).

É possível notarmos, na declaração da quarta estudante, o esforço de ultrapassar questões como a comentada. Ela faz isso, assim como outros entrevistados, ao tentar equilibrar a busca pela convicção da força oferecida por sua fé e ao se esforçar para separar alguns dilemas pessoais do processo de formação profissional.

A segunda estudante também afirmou que outras estudantes abandonaram o curso no primeiro período porque se viram em conflito com seus preceitos religiosos:

Ah, no meu curso teve gente até que abandonou o curso. Abandonou no primeiro período, no segundo período fez só uma matéria, mas disse que o curso não era para ela, não. E era sim uma pessoa de igreja, né. Mas foi vendo as coisas que entrava em conflito com a igreja dela e ela acabou saindo do curso.

Na tentativa de driblar as diferenças entre os ensinamentos religiosos que aprendeu sobre a origem da humanidade e o que assimilou na escola, a estudante número 2 diz ser prática, conserva o que acredita ser verdadeiro e evita conflitos, dizendo o que quer ouvir em cada situação:

Quando a gente aprende da igreja e na escola e... por exemplo, quando eu era criança eu fiz aula de religião, né, e sempre dizia o homem veio de Adão e Eva, aí quando a gente vai para a escola diz que o homem veio do macaco, para mim é a mesma coisa, está entendendo? Na prova eu tenho que dizer que o homem veio do macaco, mas na minha cabeça eu sei que o homem veio de Adão e Eva, pra mim é isso (Estudante 2).

O primeiro estudante afirmou que as pessoas supõem que ele seja católico, ou seja, ele não esconde, mas também não escancara sua religião. Ele afirmou que “não pode julgar ninguém” pela escolha religiosa e que já “teve muitos atritos” por causa da religião, no entanto compreende que “não pode condicionar o pensamento por causa da religião”.

Além disso, assim como a quinta estudante entrevistada, a quarta relata ter sofrido isolamento no seu local de trabalho. A princípio mencionou não ter entendido exatamente o que estava acontecendo, mas depois soube que os colegas de trabalho não sabiam de sua fé e se deu conta de que a situação de isolamento havia se instaurado porque eles haviam descoberto a vinculação dela com a umbanda e o candomblé.

No próximo capítulo, apresentaremos o ponto de vista dos estudantes entrevistados sobre temas socialmente emergentes, com os quais os Assistentes Sociais lidam diariamente no exercício profissional, e a interface com a religião e religiosidade. São os temas do aborto, da violência doméstica e de gênero, dos direitos da população LGBTQIAPN+ e dos direitos humanos. Podemos afirmar que o saldo dessas entrevistas é positivo, porque os estudantes não apresentaram comportamento radical, mas se colocaram a refletir.

4 TEMAS EMERGENTES, RELIGIÃO E SERVIÇO SOCIAL

Os temas emergentes aqui mencionados são compreendidos como necessários a este debate em razão da minha atuação profissional. São oito anos de exercício profissional como Assistente Social na Defensoria Pública do Estado do Paraná. Nesse período, a descriminalização do aborto, a violência doméstica e de gênero, a violação e/ ou promoção de direitos humanos e as fobias de modo geral são processos que atravessam o cotidiano profissional.

Esses temas e a forma como socialmente os tratamos perpassam a laicidade constitucional associada ao projeto ético-político. Identificamos um discurso carregado de falácia e ficção quando o assunto é neutralidade.

Portanto, é de um cotidiano de trabalho exercendo essa profissão, somado a mais de uma década de dedicação à pesquisa com o tema da religião e da religiosidade, que nasce a necessidade do conteúdo que este capítulo apresenta.

A forma como alguns estudantes apresentaram seus pontos de vista, trouxeram experiências pessoais particulares e provocaram reflexão sobre esses temas merece ênfase. Isso também revela maturidade desses estudantes que criticamente se orientaram até mesmo com questões sobre as quais ainda não têm um posicionamento realmente demarcado, como no caso do aborto. Conseguiram ver que, em que pese sua decisão de não abortar, a descriminalização e regularização do aborto não se trata do que eles fariam, mas de política pública e direito de todas as mulheres.

Além do tema do preconceito em relação à religião, outros temas foram mencionados durante a entrevista com os estudantes, como descriminalização do aborto, direitos da população LGBTQIAPN+ e direitos humanos de forma geral.

O primeiro entrevistado, que se declarou católico e homossexual, afirmou que acredita que sofreria preconceito se quisesse, junto com seu companheiro, adotar um menino como filho, pois as pessoas sempre olham pelo lado da moralidade:

Eu sou homossexual, não tenho problema com isso, é normal". Tem limites. Trisais, não sei se vai funcionar, se não tiver filhos é ok. Não estou sendo moralista, como vai criar uma criança em três? Tem que ter cuidado. Acredito que eu sofreria preconceito se quisesse adotar um menino. filhos biológicos com trisais é complexo, porque ninguém garante que vai evoluir bem, já não há garantia com casal. Tem que ter um ponto de neutralidade muito grande (Estudante 1).

Esse estudante revelou que, enquanto estrangeiro, não se sente seguro no Brasil com adeptos do ex-presidente Bolsonaro: “Minha opinião como estrangeiro, tenho medo do governo Bolsonaro, são xenofóbicos, são homofóbicos, é uma porta aberta para tortura, xingamentos, etc.” (Estudante 1).

Em relação a preconceitos com estrangeiros, a estudante número 3 também relatou ter sofrido tal prática e conhecer outras pessoas que a experimentaram: “Eu conheço. Eu também passei, mas tipo quando acontece isso como que não dou muita importância, mas eu conheço muitos colegas que passaram por muitos preconceitos”.

O nome Bolsonaro também foi mencionado pela segunda entrevistada; ela disse que atualmente não tem qualquer religião, mas já foi católica e evangélica, o que nos indica o processo do trânsito religioso. Foram as eleições presidenciais de 2018, quando se elegeu então Jair Messias Bolsonaro, que fizeram a entrevistada decidir de uma vez por todas em não ser adepta de qualquer religião. No princípio, a rotina na faculdade dificultou o exercício da religião e depois o cenário político a desanimou, no entanto explicou que sua fé se mantém:

Desde que eu entrei na universidade, porque eu tinha que trabalhar e a noite estudava e acabou ficando sem tempo. Depois das eleições de 2018, aí o negócio desandou mais ainda porque eu fiquei muito revoltada com as igrejas, com os pastores. Ah essa coisa de misturar política com religião, dos pastores levar [...] essa coisa de fazer os fiéis votarem no Bolsonaro de qualquer maneira e mentindo, dizendo que o outro lado era o lado do capeta e essas coisas assim. Isso me deixou bem revoltada. Não, não. Com a minha fé, não (Estudante 2).

A segunda entrevistada ainda mencionou como enxerga atualmente o posicionamento de algumas religiões em relação às doutrinas, à frequência em atividades religiosas, à vida no mundo e como lida com coisas que aprendeu no ensinamento religioso e depois aprendeu de forma diferente na escola. Ela mencionou, também, saber de pessoas que abandonaram a faculdade de Serviço Social porque entravam em conflito com suas religiões:

Ah, no meu curso teve gente até que abandonou o curso. Abandonou no primeiro período, no segundo período fez só uma matéria, mas disse que o curso não era para ela, não. E era sim uma pessoa de igreja, né. Mas foi vendo as coisas que entrava em conflito com a igreja dela e ela acabou saindo do curso. Quando a gente aprende da igreja e na escola e [...] por exemplo, quando eu era criança eu fiz aula de religião, né, e sempre dizia o

homem veio de Adão e Eva, aí quando a gente vai para a escola diz que o homem veio do macaco, para mim é a mesma coisa, está entendendo? Na prova eu tenho que dizer que o homem veio do macaco, mas na minha cabeça eu sei que o homem veio de Adão e Eva, pra mim é isso.

A Igreja evangélica, quando eu me converti, a gente tinha culto duas vezes por semana, era numa terça ou quarta-feira e em um domingo. Hoje em dia você tem culto de domingo a domingo, tá entendendo? Ah, mas para quê isso? Para o irmão não ir para o mundo e virar a cabeça com as coisas mundanas. Mas ele não trabalha no mundo? Ele não procura médico no mundo? Eu acho assim uma coisa muito, muito doida. Isso para mim é muito louco. Eu acho que é uma forma de prender a nossa mente, sei lá, de escravizar. Uma amiga minha que frequentava a mesma igreja que eu, quando eu não pude mais ir, 'ah, eu estou indo na igreja todos os dias e tem dia que eu vou duas vezes'. Mas isso é escravidão para mim já. Aí ela ficou olhando para minha cara, eu disse: mas para mim é. Você não tem um lazer, não tem o direito de fazer nada, só está dentro da igreja. Não, não dá mais pra mim, não (Estudante 2).

Sobre o abandono do curso por conflitos religiosos, a quinta entrevistada trouxe um fato importante que presenciou na faculdade:

Eu já soube de situações com estudantes religiosas na UNILA, foi no começo do curso. Em uma aula em que o professor falava do neotomismo uma estudante teve uma discussão acalorada. Era uma estudante evangélica, ela fez até um boletim de ocorrência contra o professor alegando que não estava indo pra faculdade para ter aula sobre política.

A quarta entrevistada falou sobre como vê a tangibilidade brasileira sobre o aborto em casos que ainda não são previstos por lei, como sugeriria alternativas em países da América da Latina onde o aborto é uma prática descriminalizada e mencionou que na UNILA há informações sobre um grupo de apoio para esses casos:

Eu ia orientar que, infelizmente no Brasil a gente não vai ter como ajudar neste sentido, mas eu ia falar pra ela buscar alternativas em um país vizinho, no caso aqui a gente tem a Argentina, muitas mulheres fazem isso aqui em Foz. Tem o Uruguai também e eu sou a favor do aborto, então não seria um tabu pra mim conversar com a pessoa sobre isso. Inclusive aconteceu de virem me pedir ajuda de como proceder e daí a gente tem aqui na fronteira eu acho que é "nosotros sem fronteiras", um grupo de mulheres da Argentina que facilitam o acesso ao aborto na Argentina de forma legal. Na UNILA a gente tem nas portas dos banheiros, a gente tem pichações também (Estudante 4).

A quinta entrevistada mencionou que nunca teve, em seu processo de formação profissional, disciplina específica sobre esse tema, no entanto aponta que é necessário se pensar criticamente a fim de garantir a descriminalização: “Eu sou totalmente a favor. Se você fizer uma análise de conjuntura histórica, observar a realidade e pensar com a cabeça crítica você entende”. “Eu não tive disciplina específica sobre isso”.

Sobre os direitos da população LGBTQIAPN+, a segunda entrevistada revelou que não pensava muito sobre esses temas antes de ingressar no curso, que não tinha conhecimento deles e passou a ter a percepção sobre os direitos dessa população apenas depois ter começado a faculdade: “Antes do curso eu não tinha entendimento nenhum sobre isso e eu aprendi bastante no curso sobre isso, da pessoa ter direito a um nome social, querer trocar o nome essa coisa toda. Eu aprendi bastante, abriu bastante a minha mente, a minha visão, é isso assim”.

A entrevistada número 7 indicou que questões relacionadas aos direitos da população LGBTQIAPN+ não devem ser vistas sob o ponto de vista do código de conduta religioso e que pessoalmente enxerga todos como seres humanos. Ela disse: “Na verdade, eu apoio os que são. Como todos os seres humanos, somos todos seres humanos, as pessoas que criticam que falam que é pecado. Eu apoio os que são dessa comunidade e não os critico de nenhuma maneira, não me afeta que alguém seja lésbica”.

A respeito dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+, a sétima entrevistada também comentou como mudou seu posicionamento depois de ingressar no curso e como essa temática seria tratada em sua família. Ela fez o exercício de reconhecer os direitos dessa população e exemplificou que, como pessoa com deficiência, também já sofreu muitos preconceitos e, ao longo do processo de formação, aperfeiçoou a ideia de enxergar todas as pessoas como seres humanos e não com rótulos. Mencionou, ainda, a existência de preconceito contra pessoas LGBTQIAPN+ dentro da UNILA, por parte de professores:

Você fala em termos gerais? Vou te falar de uma Lourdes antes e de uma Lourdes depois, filha de militar. Eu já tinha uma perspectiva antes sobre a comunidade LGBT, que hoje conhecemos como comunidade LGBT e que aponta vários... o trisal, o casal homoafetivo, a pessoa com nome social. Então, nesta perspectiva eu tentando defender, colocar para o meu pai que eram seres humanos, ele falou assim: ‘se eu estava (estivesse) na escola militar e se apresentava alguém assim eu tirava o meu fuzil e solucionava!’.

Meu pai era a pessoa mais maravilhosa que você possa conhecer e que eu sou 99% ele hoje, mas ele teve uma educação igual a minha. Meu pai teria que ter hoje 103 anos, entende? Então assim, com 103 anos é uma pessoa que tem outra visão, outro tempo. Então assim, eu tinha essa conversa com ele, 'pai, são seres humanos'. Eu estava no curso de medicina, né, cursinho né melhor, onde a gente dava já sobre a genética, onde dava esta perspectiva também. Porém, existia esse preconceito. Eu sou uma filha criada por meu pai e minha por tia, por uma família de uma posição econômica boa, onde minha mãe não aceitava a minha deficiência e eu fui rejeitada por ela, porém minha tia morava na minha casa para cuidar de mim, para que a sociedade não falasse que era nossa filha. Então assim, eu já venho passando muitas coisas ao longo da minha vida. Meu pai, talvez no intento de fazer o correto, segundo a bíblia, pensava dessa forma que eu sou quem para julgar, nem ele e nem ninguém hoje. Então assim, se eu tinha uma amiga, eu era lésbica, para a minha mãe. Se eu tinha um amigo, eu era puta, para a minha mãe. Então eu sempre tinha um título e eu não tinha essa oportunidade de [...] que minha sexualidade seja aproveitada do jeito que a pessoa tem direito, entende? Se eu queria conhecer uma mulher ou se eu queria conhecer um homem. Já estava estruturado como algo feito, então eu já tinha essa visão 'eu não posso estar com mulher porque eu vou ser lésbica'. Então assim, eu aprendi hoje, como assistente social que existe esse título de 'ah não, ela é lésbica', é um título que a sociedade coloca, que a pessoa é humana, é um ser vivo, um ser humano, que tem direito como eu Lourdes. Hoje eu te posso falar são títulos que a sociedade coloca para diferenciar e não precisamos diferenciar (fazer diferença), 'ah ele é transgênero' e daí? É uma pessoa, entende? É uma pessoa, tem direitos, tem direitos. Então assim, hoje lamentavelmente o serviço social, eu posso te falar que existem professoras, porque não tem mais professores, existem professoras preconceituosas em base a comunidade LGBT, em base a comunidade das pessoas com deficiência e tudo em base da meritocracia (Estudante 7).

A conversa sobre esses temas caminhou para a questão da violência de gênero e da violência doméstica intrafamiliar. Ao relacionarem isso com a religião, os estudantes demonstraram que, de alguma forma, observam que a religião serve para abafar as coisas, ou seja, colocar panos quentes em vivências violentas em relacionamentos pessoais. Além disso, a religião seria utilizada, também, para manter a crença da vítima de que esta é culpada pela violência. A quinta entrevistada revelou que "Basta ver o meu próprio exemplo de vida, estive anos em um casamento abusivo, sofri muita violência psicológica, fui levada a acreditar que era uma pessoa ruim e que tinha um comportamento inadequado. Tudo isso pela leitura da religião".

O primeiro entrevistado apresentou sua opinião sobre a vinculação da violência doméstica contra a mulher e a religião; para ele a igreja pode ser um lugar onde a vítima se sente bem e onde ela busca apoio:

Porque eu vejo a religião como um conforto psicológico, a pessoa busca alguma coisa pra se tratar ou para esquecer algo, sei lá. Ou, às vezes, até para fugir de uma violência em casa, então quando está em casa, ela está sofrendo alguma violência, então ela vai para a igreja, ou ele vai para a igreja, ele ou ela, mais ela que sofre a violência, 99% das vezes e o que elas escutam conforta. Então, eu não critico a pessoa que frequenta a igreja, porque para ela aquilo está sendo benéfico em algum ponto, em algum momento. Eu critico as pessoas que se aproveitam destes momentos difíceis que outras pessoas passam (Estudante 1).

Em relação à temática da descriminalização do aborto, os estudantes demonstraram atenção à causa, apesar de, de modo geral, terem feito referência ao direito ao aborto em casos já previstos em lei. Foi possível conversarmos e refletirmos sobre a descriminalização da prática e acerca da relação desse tema com a religião.

A terceira entrevistada foi uma das que refletiu sobre o aborto em casos já previstos por lei no Brasil e não avançou sobre a temática da legalização do aborto em si. Não deixa de ter importância porque sabemos que o fato de um direito estar na letra da lei não significa que ele seja alcançado por quem dele necessita; até mesmo em casos de crianças que foram estupradas e engravidaram, não é tão simples se fazer o aborto pela via legal:

Bom, essa questão do aborto, tipo eu achava isso, que uma criança que foi estuprada e ficou grávida, sim, se a menina, criança não quer ser mãe, não quer ser responsável eu acho que ela está no seu direito de abortar, porque seria uma criança criando outra criança. Mas eu sei que a religião não vê isso, porque tipo, pelo que escutei da notícia as pessoas que vão contra o aborto, falando que não, que é uma bênção, aí tem que olhar o que vai acontecer depois, por suposto a criança tenha o bebê, mas suponhamos que não tenha condições, o que vai acontecer depois, alimentação, os conflitos acontecendo agora, os conflitos ambientais, a economia são para mim muitas coisas que englobam o desenvolvimento desta criança. Bom, na minha opinião eu seria, minha resposta seria sim, porque a gente tem que estudar também o que vai acontecer depois na vida da criança e na vida da criança que está vindo na família (Estudante 3).

Essa estudante também narrou uma situação que aconteceu em sua casa – uma república –, ou seja, uma casa em que residem estudantes que dividem as despesas. Ela evidencia que o tema aborto não é simples e que, dentro do curso de Serviço Social e na sociedade em geral, divide opiniões e pode até mesmo exaltar os ânimos:

Porque eu sou das pessoas que gosto de escutar diversas opiniões e não gosto muito de julgar, dar conselhos sim, mas não julgamentos. Eu lembro foi em minha casa, morávamos quatro pessoas e cada uma era de diferentes religiões e eles começaram a falar a questão do aborto relacionando ao nosso curso e começaram a ter uma pequena discussão a respeito e um falava isso e aquilo, tudo isso. Eu não comentei nada, só fiquei calada e escutei, mas eu disse que estão um pouco exaltados (Estudante 3).

O primeiro entrevistado não avançou para a descriminalização do aborto, mas mencionou o que acredita que deveria ser o papel da Igreja em caso de aborto decorrente de estupro:

Não se colocam no lugar da pessoa estuprada. Não colocar por trás da religião. O estuprador não vai pedir a benção da Igreja para estuprar, mas a vítima tem que pedir para abortar? Ninguém vai criar a criança. Cadê o posicionamento da religião para salvar aquela menina, isso me incomoda (Estudante 1).

A segunda estudante entrevistada revelou que o processo de formação a fez ver essa questão muito além da noção pessoal de ser contra ou a favor do aborto e muito além da demonização da prática como um ato pecaminoso:

No começo do curso eu achava meio estranho, porque eu sou contra o aborto, mas com o passar do tempo, assistindo as aulas e as coisas todas, eu acho que a legalização do aborto tem que ser permitida. Porque eu vejo que assim, a mulher ela é muito discriminada, não ser dona do seu próprio corpo. Então, se dizer que é pecado abortar, que é pecado não abortar e essas coisas assim. Agora eu vejo, eu tenho uma outra visão. Se é pecado abortar quem vai arcar com as consequências vai ser ela que está abortando, mas ela tem que ter o direito de mandar no SEU próprio corpo, se ela quer ou não aquele filho. Porque eu vejo assim, as mulheres engravidam, o homem cai fora e a mulher que tem que sofrer com as consequências de criar aquela criança sem pai e aquela coisa toda. Se o homem tem o direito de abandonar o filho, porque a mulher não tem o direito de mandar no seu próprio corpo? Se ela quer ou não, aquele filho? Eu vim de cabo frio pra cá e lá eu conheci umas crianças, que eu trabalhava em um restaurante de frutos do mar e ficavam cinco

irmãos no estacionamento do restaurante para arranjar um trocado, com esse trocado eles iam comprar maconha, iam cheirar cola, essas coisas assim, e o mais novinho tinha sete anos e cada irmão era filho de um homem diferente e a mãe era prostituta, largava as crianças sozinhas dentro de casa, ficava uma semana desaparecida e eles ficavam pela rua pedindo esmola, pedindo troco para cheirar, para comer para coisa assim do tipo. Então se a mulher tivesse direito a abortar, sei lá. A criança de sete anos passava a noite inteira na rua acordada, às vezes a gente passava na rua de madrugada e eles estavam lá na rua, vigiando os carros, essas coisas assim. Já estavam indo para o mau caminho, porque os mais velhos... acho que era o mais velho devia ter uns treze ou quatorze anos, tinha sido espancado por um traficante e tudo (Estudante 2).

A sexta entrevistada menciona atividades em outros países da América Latina pela luta pela descriminalização do aborto e revela que esse é um tema bastante delicado para ela, mesmo afirmando que, sob o ponto de vista de sua religião, abortar é pecado. Ela conseguiu refletir e demonstrar que outras coisas envolvem a decisão de levar ou não adiante uma gestação. A afirmação tecida por essa estudante evidencia que a universidade é o local por excelência em que novidades acontecem, assim como novos questionamentos, pensamentos e dúvidas. Novos valores e posicionamentos também são cultivados e nada disso se descola de quem é como pessoa:

Este é um tema complexo. Yo tengo amigas que abortaram, porque pediram a minha ajuda para fazer, na hora eu ajudei uma (incompreensível). É como, digamos que as pessoas apoiem o aborto quando se trata de estupro, mas (incompreensível) quando não é, as pessoas julgam, porque é uma vida, enfim. Yo casi no opino sobre el tema, és um tema muy complejo. Yo digo que si yo no quiero ter hijos, nadie pode me obligar a tener. Sí, és una vida, pero un niño és para toda la vida, por siempre. Entonces, porque las julgan si é su cuerpo y su manera de pensar, o sea, yo no tengo como explicar este tema, porque és mui complexo, pero, digamos que alguém faça, eu não vou falar mal da pessoa. Penso que é uma decisão muito pessoal. É um tema muito difícil, não argumentos para defender nem para dizer para não fazer. É muito complexo, a religião diz que é pecado, para mim é pecado, porque é uma vida que já está, se eu aborto eu estou matando alguém, é um tema tão complexo que envolve muitas coisas. Eu penso que se acontecer alguma coisa comigo, o que eu faria? Mas ainda não legalizaram no Brasil? Na colombia teve uma marcha para a legalização, não apenas em estupro, mas que para quem queira possa fazer (Estudante 6).

A sétima entrevistada, assim como a anterior, revela o conflito que o tema causa, isso porque é uma pessoa católica, sabe os mandamentos de sua religião,

mas, ao ingressar no curso de Serviço Social, passou a pensar o aborto no campo das políticas públicas e das leis que regulam a vida em sociedade. Sua experiência também a fez apontar condutas profissionais reprováveis, em sua opinião, na lida com uma situação em que uma mulher solicita a realização do aborto. Além disso, a estudante mencionou uma das coisas mais importantes sobre esse tema: a consciência de que a realização de aborto é uma realidade e de que a mulher que tem acesso à renda faz isso de forma mais segura e a mulher pobre corre muitos riscos e chega até mesmo a morrer em busca desse direito. A estudante também pontuou questões que são estruturais em relação ao lugar da mulher na vida doméstica e à ausência de controle sobre as decisões de seu corpo e sua vida, imposta pela organização social vigente, e tentou explicar, como outras entrevistadas, a necessidade de que pensar a descriminalização do aborto não é refletir sobre o que “eu faria” e não significa que, porque uma prática é legalizada, ela será compulsória:

Isso que eu aprendi a não impor, sobretudo no curso de, ao longo de tudo, não misturar a religião com profissão. No sentido de eu não levar, olha, eu tenho até minha medalha religiosa, tenho a minha santa aqui, mas assim, vou te contar uma experiência para você poder explicar um pouco melhor. Eu sou contra o aborto, eu não faria, eu. Eu não faria o aborto, tenho uma filha de 12 anos, eu penso, se minha filha de 12 anos for estuprada, violentada e ela ficar grávida eu faria o aborto. Se a mulher foi estuprada eu sim, pensaria no aborto, se uma mulher que não acendeu as informações, a educação sexual que é muito importante que eu fui dando vários projetos sobre isso nas escolas e eu vejo que tem mulheres hoje que não entendem e já tem seis, sete filhos, não pode manter, mas o marido se mete, se mete a ter filhos onde a mulher não pode decidir pelo corpo, dizer eu não quero mais ter filhos, faz laqueadura. Então assim, eu penso e me coloco. Eu sou viúva, meu marido morreu no ano passado e eu sempre falei assim: ‘nunca teria uma filha sozinha’, porque eu sei as minhas limitações e seria muita responsabilidade trazer uma filha, mas eu tinha educação. E não é porque o aborto não é livre que vai deixar de acontecer, que as pessoas não tem acesso a este procedimento muito mais cuidadoso estão morrendo, enquanto as mulheres que tem dinheiro, paga, ela sai sem nenhum risco, talvez algumas sim, algumas não. Só que tem uma questão, se eu atendo uma mulher, e que já vi, já vivenciei por outra profissional que falou que estava grávida e queria abortar, a profissional, não era assistente social, era outra profissional dentro da sala, deu uma santinha pra ela rezar. Eu não faria isso (Estudante 7).

A sétima entrevistada narrou um episódio que ocorreu durante o seu processo de formação, com ela mesma e outras colegas do curso de Serviço Social da UNILA,

relacionado ao tema do aborto. A acadêmica mostrou que pessoalmente esse é um tema conflituoso, no entanto tem buscado formação e discernimento para pensar a causa para além de si mesma, de seus valores e opiniões:

Agora, aconteceu que na semana acadêmica do meu curso tinha a palavra aborto livre e eu estava aprendendo e eu estava, era no início do curso, assim eu era representante do centro acadêmico, eu era representante do colegiado, eu tinha uma representação política dentro do curso eu tinha vários colegas que talvez são mais abertos que eu, mas tinha a mesma situação: '[...], a gente não quer a camiseta que fala aborto livre, por favor'. E eu falei para a professora que estava encarregada da semana acadêmica, eu falei 'prof. eu acho assim que não me interessaria, me desculpa eu não posso, é algo que vai contra da minha pessoa'. Mas se falar para eu ir numa marcha contra o aborto livre, para lutar pelos direitos das mulheres, eu vou. Mas tem um conflito interno ainda, expliquei que era um conflito interno meu e de vários colegas e se poderíamos fazer esta camiseta sem aborto livre. Ela me chamou de conservadorista na frente de todos e começou a me criticar, começou [...] e eu me senti constrangida. E eu expliquei que era algo meu, era algo meu. Que era algo que eu não faria, eu expliquei, do mesmo jeito que eu estou te explicando eu expliquei pra ela, mas ela, ainda assim, me chamou de conservadorista, de tudo que você possa imaginar, mas no final ganhamos a camiseta e foram mais de dez pessoas que pediram a camiseta. Então, aí é que está, se você quer fazer uma pessoa, não sei se eu estou errada, na marra, 'você tem que entender, você tem que entender', sem levar a consideração que essa pessoa vem de uma família, de uma história já construída sobre a religião, pelo menos católica ou evangélica na qual o aborto é pecado e muitas outras atividades seria pecado e você não pode conseguir levar isso, ser entendida, como que eu vou lidar e aprender a lidar com o usuário depois? Eu também vou falar: 'não, você não tem que abortar, vamos lá eu vou te dar uma santinha e você vai rezar o terço!'. Não. Então assim, eu entendo que talvez essa professora não esperava, não estava capacitada ou preparada, porém eu consegui não litigo ser incluída também dentro dessas pessoas que poderiam utilizar essa camiseta da semana acadêmica, porém sem algo que estava me constrangendo. Ou seja, sobre as políticas públicas só isso, eu acho, exatamente tem o direito a abortar, mas não falar Deus não quer, entende? A Maria não quer, a Maria, virgem, santa, entende? Então assim, eu preciso falar e eu posso falar sobre os direitos dela sobre as políticas existentes sem estar falando: 'olha, Deus não quer isso'. É aí que eu não vou misturar, aí que eu não vou colocar Deus. Às vezes, no início foi doloroso, foi difícil entender isso, foi difícil praticar, porque meu pai que era muito religioso falava: 'filha, desde que você acorda até a hora que você dorme agradeça sempre a Deus'. Então, sempre que uma pessoa é muito religiosa "ah, graças a Deus, amém, que Deus te abençoe". Então essa fala que muitas vezes é mecânica, é automática, eu tinha que deixar, não misturar isso. Talvez seja uma pessoa atea que eu estou recebendo, talvez seja uma evangélica, eu não vou falar 'que a virgem Maria te acompanhe'. Então assim, eu posso, eu aprendi e eu estou aprendendo até agora como por,

colocar e apresentar para esse usuário ou essa usuária as políticas, as leis, porém sem falar: ‘olha, Deus não quer isso ou Deus que te abençoe’, não colocar nas minhas palavras minha religião, o que Deus gostaria ou que eu talvez gostaria que essa pessoa faça. Porque quando eu coloco lá uma santinha é porque eu quero que essa pessoa faça alguma coisa, é meu desejo e se eu acredito em Deus eu sei que Deus pode fazer isso sem que eu intervenha, entende? Então, não intervir nesta decisão, não intervir no momento de eu passar os direitos, as leis, as políticas, os programas para esse usuário, não intervir e não misturar a religião. Não sei se dá pra entender (Estudante 7).

Essa entrevistada menciona pontos importantes, fala sobre a naturalização da desresponsabilização paterna, sobre o estupro dentro do casamento – já que relações sexuais sem o poder de decidir sobre o uso de contraceptivos, sem poder deliberar se quer um novo filho, ainda que dentro do casamento, configura estupro – sobre educação sexual nas escolas e a necessidade de mulheres adultas terem acesso à informação.

Ainda, ponto de extrema importância trazido pela sétima acadêmica, se refere à extrema hostilidade e inflexão com que a professora enfrentou o episódio mencionado. Dessarte, a intolerância religiosa se apresenta no espaço acadêmico na variável teia de relações, seja de aluno para aluno ou de professor para aluno.

De acordo com Nogueira (2020, p. 21),

A expressão ‘intolerância religiosa’ tem sido utilizada para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas. Práticas estas que, somadas à falta de habilidade ou à vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças de terceiros, podem ser consideradas crimes de ódio que ferem a liberdade e a dignidade humanas.

“Falta de habilidade” é um bom termo para comentarmos o fato narrado pela sétima entrevistada. Nesse contexto, é possível que expressões de intolerância possam tomar caminhos devera perigosos, pois incita o ódio e ações violentas de todos os tipos, desde um xingamento a um linchamento.

Cabe aqui um parêntese para lembrarmos o caso de Fabiane Maria de Jesus, morta em 2014, no município de Guarujá - SP. O trágico fato inspirou o enredo da telenovela Travessia, de autoria de Glória Perez, veiculada entre 2022 e 2023 na televisão aberta no Brasil. Fabiane foi linchada, terrivelmente agredida e torturada por uma multidão que a acusava de sequestrar crianças para uso em rituais de magia negra. A vítima foi associada a outra suposta mulher a quem recaía a denúncia de

sequestro de crianças para fins de sacrifício religioso a partir de uma *fake news* postada em uma página de rede social que comumente informava sobre os acontecimentos do município. Religiosa, pouco antes do crime, Fabiane foi até a igreja que frequentava para buscar uma Bíblia. Segundo a multidão que a amarrou, socou, pisoteou, arrastou, ateou fogo e matou, a Bíblia que ela carregava era uma publicação de magia negra.

Assim, não é possível deixarmos de mencionar que a intolerância religiosa desrespeita e fere o direito de pessoas, grupos e comunidades, o que está em desacordo com os direitos humanos. Conforme a Constituição de 1988, em seu artigo 5º, sobre direitos e deveres individuais e coletivos, “VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias [...]” (Brasil, 1988).

No mesmo sentido, o oitavo entrevistado aponta preocupação com o carecimento de que o profissional esteja capacitado para lidar com essas questões. Menciona o aborto paterno, socialmente naturalizado, e frisa a importância da educação – que inclua os serviços de saúde – e do sempre diálogo para a mudança do ponto de vista que responsabiliza e criminaliza apenas as mulheres:

Eu acho que o diálogo. Um diálogo respeitoso, sem agressividade. Por mais que a pessoa se estresse e tal, você que é o profissional capacitado, é você que tem o conhecimento, você que vai explicar para ela que o que ela está falando é uma visão moralista da igreja e não é uma visão legalista diante das nossas leis, então eu tento confrontar a moralidade com a legalidade. Eu falo ‘você não se sente bem na igreja e tal? Ah eu me sinto’, então também se sente bem o homem se vestindo de mulher, ou o casal LGBTQIA+ adotando um filho, ou o que seja, mas sempre com essa explicação moral e lei, moral e direito. Então eu acho que fica mais fácil de a pessoa entender às vezes, do que você entrar no conflito e tentar converter ela. Se o teu ponto de vista é esse, o direito da pessoa é esse, então procurar fazer ela entender. Quando a pessoa vem me falar: ‘ah, mas eu sou contra o aborto’ e não sei o quê, não sei o quê a primeira pergunta que eu faço é ‘e você é a favor do aborto paterno?’, a pessoa não vai saber. Outro dia um amigo discutindo no grupo, ‘ah, mas o homem não engravida, como que tem aborto paterno?’, daí tu tem que pegar e explicar tudo, como é o aborto paterno, terminologia usada de tanto questionamento sobre o aborto, fazer ele entender o que é isso. Então, muitas pessoas são fechadas nesses sentidos por grande parte da mídia, conversa de whatsapp, redes sociais. São pessoas que não buscam ler sobre o assunto, não se interessam e aí é mais fácil o julgamento do que buscar o conhecimento. Quando me questionam eu falo: ‘Lê sobre isso’. Às vezes compartilho links

de textos, então: 'ó, lê isso aqui para você procurar entender melhor o teu ponto de vista e tal, se você continuar achando isso, tudo bem, é um direito seu, é tua visão de mundo né, só estou querendo dizer que não é cem por cento culpa da mulher'. Tem várias, vários [...] como que eu vou colocar? Determinantes para que a pessoa chegue ao aborto. Tanto que 'ah, você é a favor da pessoa que aborta que tem dinheiro então? Ou você é só a favor (contra) da pessoa que não tem condições? Aí eles vão querer 'ah, então porque que faz filho? que tem quatro, cinco filhos?' Eu falei: cara, você já pensou em casa, você já pensou alguma vez na vida que o marido chega em casa cagado de bêbado da bodega e a mulher não tem a opção de dizer não? E não tem a opção de falar: 'ó, só vou transar se tiver camisinha?' O cara não quer saber, ele vai estuprar ela daí. Ele vai, ele acha que ela é um objeto, que ela é dele, que ele tem todo direito sobre ela a partir do casamento, ou da união que seja, a mulher estando convivendo junto ele acha que é o dono dela. Então, eles nunca se colocam nesse lugar, sempre 'ah, porque o homem é superior à mulher'. Tipo, esses comentários idiotas. Eu não saio de grupos dos bolsonaristas, de amigos da infância, não cortei os vínculos ainda porque eu tento explicar isso para eles, que 'cara, essa tua visão você criou com [...] você cresceu com essa visão, você foi instruído a pensar assim, pensa um pouco no outro lado, se coloca no lugar da outra pessoa, não é o que você está querendo falar'. Então é muito conflituoso esse termo. Mas, é polêmico, às vezes, porque alguém fala em uma rede social: 'ai o aborto, ai não sei o quê', ai vão falar porque que não faz a laqueadura. E por que o homem não faz a vasectomia? É a mesma coisa. Por que cobrar só da mulher? Por que vocês acham que tudo, tudo, só a mulher que é responsável? Se tem cinco, seis filhos, a culpa é dela? Então eles nunca se colocam no lugar de pensar, às vezes a violência que essa mulher sofre, ou quantas vezes ela foi no SUS tentar fazer uma laqueadura e não conseguiu. Então eles não sabem nem... na verdade eles não conhecem nem o SUS, eles acham que SUS é só hospital. Eles estão vivendo hoje graças ao SUS, mas eles não entendem [...] é que se chegar lá, o médico não me atendeu, o SUS não presta (Estudante 8).

A fala trazida pelo oitavo estudante entrevistado vai ao encontro do posicionamento do conjunto CFESS/CRESS que, pela primeira vez, em 2008, trouxe o tema ao debate da categoria. Em 2010, no 39º Encontro Nacional, o conjunto se posicionou firmemente contrário à criminalização do aborto. Os questionamentos trazidos pelo estudante em sua resposta revelam a realidade de que apenas as mulheres são responsabilizadas pelo aborto, enquanto o genitor e o Poder Público se eximem. As mulheres são punidas, presas em nome de uma lógica punitivista e conservadora de uma sociedade machista e patriarcal.

Sabemos que o tema da descriminalização e legalização do aborto é permeado por controvérsias. Existe forte apelo ao que seria a defesa da vida, do feto

em detrimento da vida da mulher. Compõem essa cena o Estado e a Igreja, daí que, geralmente, ouvimos falar mais em pecado e punição do que em saúde e direito.

Nessa tônica, o CFESS Manifesta de 28 de setembro de 2020 trouxe reflexão sobre esse assunto por ocasião do Dia Latino-Americano e Caribenho pela Descriminalização e Legalização do Aborto. A publicação apontou que esse assunto deve ser visto e encarado como uma expressão da questão social, de modo que “não pode ser reduzido a uma questão moral e/ou religiosa” (CFESS, 2020, p. 2). O CFESS chama os profissionais de Serviço Social para o debate e para a responsabilização da dispensa de um trabalho de qualidade, regido pelos princípios que norteiam o Código de Ética Profissional, portanto, adesões morais e/ou religiosas de caráter individual devem ser refutadas. Assim orienta o Conselho:

Mulheres em situação de abortamento devem ser atendidas com serviços de qualidade e por profissionais que orientem a sua atividade pelos princípios que regem os códigos de ética e as regulamentações legais de suas profissões; e não por adesões morais e/ou religiosas de caráter individual. Nos serviços de saúde, por exemplo, não nos cabe jogar o que as pessoas fizeram ou deixaram de fazer para demandarem atendimento, os/as profissionais precisam atender de maneira humanizada, ética e qualificada a todas/os as/os usuárias/os. O julgamento moral patriarcal, infelizmente, é muito forte e comum sobre as mulheres, o que leva a negligências profissionais, que devem ser não só superadas, como denunciadas (CFESS, 2020, p. 3).

Nesse sentido, o trabalho profissional deve recusar ideias do senso comum e firmadas por concepções fundamentalistas. É necessário se apropriar das bandeiras de luta da categoria, entre elas, estão a “laicidade do Estado e a legalização do aborto”.

O CFESS nos chama a indagar e refletir:

[...] estão os homens no debate da criminalização e consequências do aborto ilegal? Quem vai presa por abortar? Quem é culpabilizada e julgada pelo fundamentalismo religioso, pela família e por diversos moralismos que permeiam a sociedade? (CFESS, 2020, p. 3).

Nesse mesmo assunto, o estudante número oito recordou que recentemente a lei n. 9.263, de 12 de janeiro de 1996, que regula o § 7º, do art. 226, da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências, teve o parágrafo 5º, do art. 10, revogado pela lei n. 14.443, de 2 de

setembro de 2022, que altera a lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996, para determinar prazo para oferecimento de métodos e técnicas contraceptivas e disciplinar condições para esterilização no âmbito do planejamento familiar.

O estudante comentou: “antes tarde do que mais tarde”. O § 5º, do art. 10, da lei. 9.263, de 12 de janeiro de 1996, impunha que, “na vigência de sociedade conjugal, a esterilização depende do consentimento expresso de ambos os cônjuges” (Brasil, 1996). Na prática, isso significava que mulheres pobres e desamparadas que desejassem se esterilizar dependiam da autorização do marido.

Nossa experiência de trabalho na Política de Saúde de um pequeno município mostrou que, cotidianamente, era comum a equipe médica exigir expressamente tal autorização, se não houvesse união matrimonial legal (casamento civil, união estável), ainda assim a equipe solicitava o consentimento do atual companheiro ou do pai do último filho. Em um país em que, como muito bem colocou o oitavo entrevistado, o aborto paterno é normal, essa exigência se transformava em um entrave na vida de muitas mulheres que recorriam a esse método de planejamento familiar. Tal exigência era mais um forte mecanismo de controle sobre as mulheres. Dados da realidade indicam que, nesse pequeno município, havia alto número de mulheres jovens, com mais de três filhos – bem mais, muitas vezes –, cada filho de um genitor diferente, sem qualquer apoio destes, isso quando eles registravam a criança. Então, a lei n. 14.443, de 2 de setembro de 2022, que revogou o mencionado artigo, é uma decisão lúcida e fruto de muita luta que entregou, às mulheres, em alguma medida, o direito de decidir ser mãe ou não, a continuar a ter mais uma, duas, três... gestações ou não.

“Que volta à moralidade, é uma lei criada na moralidade”, apontou o oitavo entrevistado sobre a ainda criminalização do aborto. O estudante fez uma importante consideração em sua análise ao verificar que a moralidade, assim como as leis (Estado) e a Igreja (ver respostas anteriores), apaga o crime de estupro e o fato de que a vítima é uma criança, dessa forma, coloca toda a atenção sensacionalista no aborto. Nesse caminho, rememorou o lastimável caso em que uma menina de 11 anos, grávida em decorrência de um estupro, teve o direito ao aborto negado pela juíza Joana Ribeiro Zimmer, no Tribunal de Justiça de Santa Catarina, em 2022. O estudante disse:

A menina de onze anos, a família também não concordava, porque eu acho que ela já tinha tido uma criança, eu vi uma reportagem esses dias sobre esse caso, eu acho que ela já tinha um filho que a família não falou para ninguém. E agora já estava no segundo e a família era contra de novo. Mas, por quê? Para não entregar quem fez defender quem fez. Ainda mais a polêmica tira a gravidade do teor que foi o estupro. (coloca o foco no aborto e esquece do estupro). Então ‘ah vai abortar, vai abortar’. Cara, mas ninguém fala do estupro que uma criança sofreu e muitas vezes é pai de meninas, de crianças, que não conseguem entender a gravidade (Estudante 8).

O mencionado caso foi um escândalo não só porque uma menina, criança, fora estuprada e ficara grávida, mas também porque essa criança foi novamente violentada no tribunal pela conduta da juíza e da promotora que atuaram no caso e causaram uma comoção negativa ao perguntar à criança: “Você suportaria ficar mais um pouquinho?”, em proposta para que a criança mantivesse a gestação por mais algumas semanas. Em um país cujo direito ao aborto em caso de estupro é previsto por lei desde 1940, o *show* de horrores desse caso continuou com a atitude da juíza que abalou, ainda mais, emocional e psicologicamente a criança com as perguntas: “Qual expectativa que você tem em relação ao bebê?”, “Você quer ver ele nascer?”. Ainda mencionou o genitor do bebê, ou seja, o estuprador, ao perguntar a menina se “o pai do bebê concordaria com a entrega a adoção”, também perguntou se a criança queria “escolher o nome do bebê”.

Segundo Márcio Falcão (2023), o Conselho Nacional de Justiça – CNJ –, por unanimidade de votos, abriu processo administrativo disciplinar a fim de averiguar o procedimento da juíza Joana Ribeiro Zimmer no direcionamento de audiência no caso de menina de 11 anos que estava grávida por ter sido vítima de estupro. O corregedor Luis Felipe Salomão, que teve seu voto seguido por todo o plenário, apontou que “há elementos de que ela atuou em conluio com a promotora do caso por convicções religiosas”. Por sua vez, o conselheiro, ministro Vieira de Mello Filho, argumentou que “A situação é muito grave pelas inserções de agente do estado de convicções morais e religiosas de maneira de configurar violência de vulnerável que deveria ser acolhida”. Finalmente, “O Estado é laico e os juízes integram o poder estatal, e o Estado é laico”, assegurou a presidente do CNJ, ministra Rosa Weber.

Esse caso ocorrido em Santa Catarina demonstra que o problema do emprego de convicções religiosas pessoais em detrimentos da garantia do Estado laico não reside apenas no campo do Serviço Social. Além disso, demonstra que os

rebatimentos dessa situação são devastadores. Isso reafirma a direção da compreensão do tema aqui estudado de que a questão reside na sociedade conservadora em que esses fatos despontam. O conservadorismo e suas pautas cobrem a sociedade como um todo e não apenas estudantes de Serviço Social, Assistentes Sociais ou outro segmento de forma isolada.

No Brasil, até o ano de 1890, a religião oficial do país era a católica, a desunião desses entes ocorreu pelo² *Decreto nº 119-A*, de 7 de janeiro de 1890, firmado na Constituição do ano seguinte. A Constituição de 1988 consagrou o caráter laico do Estado. Estado Laico não é Estado ateu. Ateu é aquele que não **acredita** em divindades. Ao Estado não cabe a performance de crer ou não. O Estado é laico. O caráter laico envolve o desmembramento entre o Estado e a Igreja e o dever do Estado em relação à liberdade e à proteção de crença, além disso, a laicidade do Estado significa também a garantia de que o Estado não pode obrigar qualquer pessoa a exercer qualquer religião ou religiosidade, do mesmo modo, ainda, o próprio Estado tem na laicidade garantia de autonomia em relação à religião. Ou seja, o Estado não acredita ou desacredita em Deus, tampouco professa esta ou aquela fé. Ao Estado cabe a garantia da liberdade de crença para que crentes ou descrentes, bem como os adeptos desta ou daquela religião, possam desfrutar do direito de exercer o pensamento, a consciência e a religião de acordo com suas convicções.

O último tema de bastante relevância, além de atual, e posto em pauta com os estudantes foi a situação política do Brasil. Algumas entrevistas foram realizadas após 08 de janeiro de 2023. Nessa data, o Brasil já tinha um novo presidente, Luiz Inacio Lula da Silva, que, não com facilidade, derrotou o então presidente Jair Bolsonaro nas urnas da última eleição presidencial. Essa data, 08 de janeiro de 2023, ficará marcada para sempre na história do Brasil como um dos episódios mais repugnantes que o país já viveu. Nesse dia, diversos indivíduos, de vários estados do país e apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, insatisfeitos com os resultados das urnas, invadiram e depredaram de forma generalizada o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. O ato está sendo tratado pelas

² Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890. Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências (Brasil, 1890).

autoridades, entre outras coisas, como crime de abolição violenta do Estado Democrático de Direito e tentativa de golpe de Estado.

Esse acontecimento foi transmitido ao vivo em redes nacional e internacional. A sexta estudante entrevistada, colombiana, estava de férias em seu país quando a invasão aconteceu e, quando a entrevista foi realizada, apesar de tentar se desligar do Brasil quando em férias, ela afirmou:

Eu vi que tinha muita gente em marcha contra o atual presidente, que em todo o Brasil tinham manifestações. Aqui eu me desconecto fico com a minha família. Eu não vi, eu só ouvi o título da notícia. Muita gente manifestando porque não queriam o governo Lula (Estudante 6).

A estudante ainda mencionou sua expectativa de melhoras para a UNILA em razão da eleição de Lula, isso porque a UNILA virou realidade no governo deste:

Na minha faculdade ninguém queria o Bolsonaro. Todos falavam muito mal do presidente. Ouvi dizer sobre o desvio de dinheiro na educação e os cortes na educação, estou na Colômbia. E a troca pelo governo Lula, de esquerda diziam que seriam melhor, Lula fundou a Unila e agora ela vai ser como era antes, mais ingressos, mais ajuda, mais auxílios aos estudantes. Lula vai fazer como antes, investimento em pesquisa, enfim (Estudante 6).

Nessa reflexão, a estudante toca em pontos-chave: ingresso e permanência estudantil na universidade e investimento em pesquisa. São pontos importantes de serem mencionados nesse momento da entrevista porque o Brasil viveu o período da pandemia da COVID-19 sob ataques cotidianos à ciência, que, a toque de caixa, pesquisava e trabalhava pela busca de uma vacina que imunizasse a população e parasse o terrível número diário de mortes. Esse tema estava ainda mais em alta quando a entrevista foi realizada porque, semanas antes do primeiro turno das eleições presidenciais em 2022, por meio do decreto n. 11,216, de 30 de setembro de 2022, o governo federal anunciou o bloqueio de mais de 2 milhões na verba do Ministério da Educação. A repercussão negativa do ato, que culminou, entre outras coisas, em protestos Brasil afora, protagonizados por reitores de universidades, mas principalmente por estudantes pesquisadores que vivem da bolsa de pesquisa, fez com que o governo recuasse dessa decisão.

O primeiro estudante entrevistado já havia mencionado a insegurança que o acompanhava, pois é estrangeiro e homossexual, em razão do perfil do então

governo Bolsonaro e seus apoiadores: “tenho medo do governo Bolsonaro, são xenofóbicos, são homofóbicos, é uma porta aberta para tortura, xingamentos, etc.”. Medo não sem motivo. Essa declaração vai ao encontro do mencionado ataque contra a sede dos Três Poderes ocorrido em 08 de janeiro de 2023. Um ato marcado por muita violência, por completo desdém à coisa pública e ao Estado Democrático de Direito e por muita destruição. Quando o estudante menciona “é uma porta aberta”, isso significa que o governo anterior, com sua postura e ações governamentais, fazia com que seus apoiadores se sentissem autorizados a episódios como o desse ataque, assim como diversos atos de violência contra mulheres, pessoas negras, pessoas LGBTQIAPN+, e por aí vai, que viram a sustentação absurda de um discurso de ódio apontado para si.

“Tragédia anunciada”, foi assim que a quinta entrevistada se referiu à situação política do país que efervescia com a eleição de Lula e com a invasão à sede dos Três Poderes: “o ataque recente à sede, à democracia”. O caso de Marcelo Arruda foi lembrado pela estudante, que, moradora do município de Foz do Iguaçu - PR, viveu de perto a rotina de uma cidade que foi palco de um homicídio cometido por um apoiador de Bolsonaro contra o tesoureiro do Partido dos Trabalhadores – PT: “O caso Marcelo Arruda foi um prenúncio; e também tem religião envolvida na motivação” (Estudante 5). A objetiva análise da estudante é coerente pelo forte apelo conservador do bolsonarismo, que, inclusive, deslançou com apoio de grandes igrejas evangélicas, elevando valores moralistas e retrógrados, como família e propriedade, por exemplo.

Apesar de não termos perguntado aos estudantes sobre a participação política deles, as entrevistas mostraram que tal participação se resume ao envolvimento em partido político antes do ingresso na universidade, notadamente o Partido dos Trabalhadores, e em reuniões de conselhos de direitos após o ingresso na universidade, neste caso, Conselho Municipal de Assistência Social. A baixa participação política tanto entre estudantes quanto entre os profissionais do Serviço Social é retratada em algumas pesquisas sobre o tema, assim, a marginalidade da participação política dos estudantes de Serviço Social da UNILA não foge dessa tendência.

A iminência do conservadorismo aqui presente ocorre não sem razão, não sem fundamentos, isso porque a formação política e social de nosso país carrega o conservadorismo que, nos dias atuais, encontra formas de se reatualizar. Os

estudantes sujeitos desta pesquisa não estão imunes aos fatos da vida em sociedade, isso inclui a ação do projeto conservador, no nosso caso, do conservadorismo religioso. Em pesquisas anteriores, demonstramos que Assistentes Sociais se socorrem da fé para nortear sua atuação profissional, e aqui mostramos que jovens ainda orientam sua decisão pelo Serviço Social a partir de valores e princípios religiosos.

Todos os estudantes, inclusive aqueles que atualmente não têm religião, colocaram sua religiosidade e os regulamentos e crenças dessas religiões em maior ou menor medida, com isso, tentaram indicar seu grau de concordância ou não com o posicionamento religioso e se esforçaram em refletir e transmitir como esses pensamentos recaem sobre as novidades do processo de formação profissional em relação a temas do campo dos direitos humanos, como os mencionados até aqui.

As experiências pessoais da vida de cada estudante, as experiências com campo de estágio e o período em que estão no curso demonstraram exercer papel fundamental na validação ou exame e ressignificação de seus posicionamentos e valores. Ao longo do tempo, ficou perceptível, os estudantes ganharam conhecimento capaz de elucidar o papel histórico das religiões na organização social e como isso está posto nas decisões e posicionamentos sobre tudo na vida.

No entanto, não é possível encobrirmos que a religião, assim como a religiosidade – estas entendidas como instituições ou práticas religiosas – são presentes na realidade dos estudantes e dos profissionais que serão. Esses jovens estudantes universitários carregam a carga daquilo que os formou como indivíduos, dos grupos aos quais pertenceram ou ainda pertencem. Além disso, esses jovens parecem exercer comportamentos de nosso tempo, isto é, como a busca de respostas e de um lugar onde estar e se sentir bem em uma religião. Os valores religiosos estão presentes no estudante de Serviço Social em sua estruturação de ser social, assim, a formação profissional não ultrapassa essa estruturação.

Dado o caráter laico do Serviço Social, expresso em seu código ético e projeto ético-político, o estudo e interpretação desse tema significam o compromisso em descortinar conflitos e tensões indiscutíveis na convivência da religião e do Serviço Social figurados na contemporaneidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escassez de material sobre esse tema e até mesmo a desvalorização das pesquisas realizadas pelo Serviço Social nessa área negligenciam olhares e análise de tão importante temática. A ruptura com o conservadorismo no Serviço Social é algo que se faz cotidianamente; o esforço de ruptura não está completo, isso porque essa profissão se firma no centro das relações sociais, estas, em agitação incessante.

Mesmo que o Serviço Social tenha vivido a busca pela ruptura com práticas tradicionais à época do Movimento de Reconceituação, as cicatrizes conservadoras permanecem como um lembrete de que o senso comum conhece essa profissão ainda pela forma de seu nascimento, como uma tecnificação da filantropia ordenada pela Igreja Católica.

Permanece viva uma bem-sucedida qualidade daquilo que é conservador, que se irradia pela totalidade das dimensões da vida, lugar em que a profissão e a formação em Serviço Social também estão introduzidas, daí a existência de permanente choque entre o projeto profissional preservado pela categoria, baseado na defesa intransigente dos direitos humanos, e o cenário de uma espécie de reciclagem do projeto conservador que se exhibe sem exclusão em estudantes universitários.

Porém, o que marca o avanço de determinado processo é justamente aquilo que se conseguiu romper. E os dados dos questionários nos mostraram em números que há queda na presença do sentido de valores religiosos entre os estudantes à medida que estes avançam na formação profissional.

A variedade religiosa encontrada nesta pesquisa se revelou em cada depoimento, cada um à sua maneira. Os entrevistados deram ênfase nos pontos que avaliaram mais importantes expressar em relação à sua religião ou à ausência dela. Também mostraram como a temática dos direitos humanos é pensada no campo da experiência pessoal e no campo do direito, das políticas públicas, da formação e do exercício profissional. A variação aqui não se refere apenas aos países e línguas maternas desses estudantes, mas também ao modo de pensar, refletir e se posicionar.

Vimos que alguns dos estudantes entrevistados desnudaram as ideias que tinham da profissão e do profissional antes do ingresso no processo de formação. Isso fez com que eles edificassem, sob novas bases, a compreensão sobre as inquietações ao longo da formação. Esse percurso permitiu que os estudantes afrouxassem um pouco a predominância de valores trazidos por sua formação religiosa e dessem espaço para a chegada de reflexões críticas.

Ainda que algumas declarações possam soar rasas ou incompletas, justamente por todos os motivos apontados (experiências pessoais, período no curso etc.), é elogiável ver como os estudantes refletiram, pensaram e buscaram respostas para o assunto desta pesquisa. Ainda mais plausível é a capacidade de percepção e correlação do tema e da atualidade brasileira com episódios importantíssimos, amplamente discutidos, e que servem de referência para a análise social, como o caso de Marcelo Arruda e da menina grávida em decorrência de um estupro a qual teve o direito ao aborto negado.

Conquanto a imagem do Serviço Social para o senso comum ainda seja permeada por cicatriz gilvaz que oferece eco às pessoas que almejam a formação em Serviço Social assente em valores religiosos, a formação profissional é secularizada e laica.

Conforme Hervieu-Léger (1985 *apud* Pinheiro, 2010), para quem secularizar não é desaparecer, podemos entender que secularizar não implica o esfacelamento da alteração entre a religião e a racionalidade. Ainda assim, o valor desta análise para o nosso caso deve estar no fato de que o Serviço Social, protagonizado por sua vanguarda, se controverteu com os prefaciais religiosos quando do desenvolvimento da ruptura com o conservadorismo. A profissão avançou para a perspectiva de totalidade nos anos de 1980, enxergou a necessidade de novos aportes teóricos, norteou-se com o projeto ético-político e repisou a decisão pela racionalidade.

Para nós, parece “irresistível o movimento da racionalização e do desencantamento do mundo”. Porém, o sagrado se refaz, “sua disjunção com a religião institucional não fez desaparecer, e ressurgiu sob outras formas” (Hervieu-Léger; Willaime, 2009, p. 12). É certo que na atualidade é possível verificarmos a presença de religiosidade entre os estudantes e uma leitura de sociedade pela lente religiosa. Porém, o campo acadêmico sobrepujou a inspiração da Doutrina Social da Igreja Católica no processo formativo dessa profissão, quando da gênese desta.

Por isso, nossa pesquisa mostrou as conquistas e as perspectivas relacionadas à laicidade dessa profissão. O proposto pelo projeto ético-político vem se concretizando ao longo de nossa história. As pessoas que optaram pelo curso de Serviço Social influenciadas ideia da ajuda, da caridade, do cuidado, por uma questão de gênero, pela conveniência com valores religiosos, conservadores e afins recriam tais ideias ao longo do processo de formação.

Alves (2000, p. 12) disse assim:

A religião não se liquida com a abstinência dos atos sacramentais e a ausência dos lugares sagrados, da mesma forma que o desejo sexual não se elimina com os votos de castidade. E é quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, os exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores, os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem... [...] O que ocorre com frequência é que as mesmas perguntas religiosas do passado se articulam agora, travestidas, por meio de símbolos secularizados.

Por isso, devemos compreender de que não se trata se o Serviço Social é religioso, mas de que o Serviço Social é constituído sobre bases conservadoras. É um processo da dialética do real, porém a questão é que a profissão construiu uma direção.

O Serviço Social se laicizou, a despeito do diálogo com a teoria social crítica, cujo alicerce está em Marx, além da edificação do projeto profissional, projeto ético-político a partir da quebra em relação aos desígnios doutrinários e de intervenção da Doutrina Social da Igreja Católica.

Nesse sentido, a despeito da trajetória do Serviço Social e de sua responsabilidade com o atendimento da legalidade de que a formação profissional deve ser laica, fundamentada em conhecimentos oriundos das ciências humanas, o processo de formação profissional, conforme demonstrado pelos dados desta pesquisa, tem sido capaz de formar, de acordo com a direção construída e expressa no projeto ético-político.

REFERÊNCIAS

ABEPSS - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. **Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social**. Rio de Janeiro: ABEPSS, 1996.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

AMARAL, Wagner Roberto Do; BAIBICH-FARIA, Tânia M. A presença dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: trajetórias e pertencimentos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 93, p. 818-835, 2012.

AMARAL, Wagner Roberto do; LUCIANO, G. J. S. Povos indígenas e educação superior no Brasil e no Paraná: desafios e perspectivas. **Integración y Conocimiento**, Córdoba, v. 10, p. 13-37, 2021.

BARROCO, Maria Lucia Silva; TERRA, Sylvia Helena. **Código de ética do/a assistente social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012.

BELTRÃO, Kaisô Iwakami; TEIXEIRA, Moema De Pol. **O vermelho e o negro**: Viés de cor e gênero nas carreiras universitárias. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2005. (Texto para Discussão, 19).

BONFIM, Paula. **Conservadorismo moral e serviço social**: a particularidade da formação moral brasileira e sua influência no cotidiano de trabalho dos assistentes sociais. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 jul. 2023.

BRASIL. **Decreto n. 119-A, de 7 De Janeiro De 1890**. Proíbe a intervenção da autoridade federal e dos estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias. Brasília, DF: Presidência da República, 1890. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%20119%2DA%2C%20DE%20%20DE%20JANEIRO%20DE%201890.&text=Prohíbe%20a%20interven%C3%A7%C3%A3o%20da%20autoridade,padroado%20e%20estabelece%20outras%20providencia s. Acesso em: 28 ago. 2023.

BRASIL. **Decreto n. 7.234, de 29 de julho de 2010**. Dispõe sobre o programa nacional de assistência estudantil - PNAES. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996**. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9263.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.263%2C%20DE%2012%20DE%20JANEIRO%20DE%201996.&text=Regula%20o%20C2%A7%207%C2%BA%20do,penalidades%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=DO%20PLANEJAMENTO%20FAMILIAR-,Art.,observado%20o%20disposto%20nesta%20Lei. Acesso em: 17 jul. 2023.

CFESS – CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **CFESS manifesta dia latino-americano e caribenho pela descriminalização e legalização do aborto.** Brasília, DF: CFESS, 2020.

CFESS – CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Serviço social: valorize essa profissão!**. Brasília, DF: CFESS, 2006.

DUTRA, Patrícia Vicente. **Manifestações sociorreligiosas dos Assistentes Sociais e suas repercussões imediatas nas práticas laborais do tempo presente ao oeste do Paraná.** 2017. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2017.

DUTRA, Patrícia Vicente. **Religião, religiosidade e serviço social: um estudo sobre a presença da religião e da religiosidade na prática profissional do serviço social na atualidade.** 2012. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

FALCÃO, Márcio. CNJ vai apurar conduta de juíza que tentou impedir que menina de 11 anos estuprada fizesse aborto. **TV Globo**, Brasília, DF, 20 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/06/20/cnj-vai-apurar-conduta-de-juiza-que-tentou-impedir-menina-de-11-anos-estuprada-de-fazer-aborto.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2023.

FONSECA, Alexandre Brasil. Religious intolerance in Brazil: an analysis of the social reality. *In*: ALVES, Rodrigo Vitorino Souza (ed.). **Latin american perspectives on law and religion.** Cham: Springer International Publishing, 2020. p. 95-115.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antônio. **Quaderni del carcere.** Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, Antônio. **Scritti Giovanili (1914-1918).** Torino: Einaudi, 1975.

GUARANI. *In*: POVOS Indígenas no Brasil. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani>. Acesso em: 17 jul. 2023.

HAITI. **Constituição do Haiti de 1987.** Porto Príncipe: Governo do Haiti, 1987.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia e Religião: abordagens clássicas.** Tradução Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. (Coleção Sujeitos e Sociedades/coordenada por Brenda Carranza).

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e**

formação profissional. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IMEA – INSTITUTO MERCOSUL DE ESTUDOS AVANÇADOS. Unila em construção. **IMEA**, Foz do Iguaçu, 2009a. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/imea>. Acesso em: 17 jul. 2023.

IMEA – INSTITUTO MERCOSUL DE ESTUDOS AVANÇADOS. Unila: consulta internacional. **IMEA**, Foz do Iguaçu, 2009b. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/imea>. Acesso em: 17 jul. 2023.

JMJ – JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE LISBOA. **Fundamento teológico**. Lisboa: Direção Pastoral, 2023. Disponível em: [Lisboa2023.org](https://lisboa2023.org). Acesso em: 1 ago. 2023.

KOBAYASI, Susana. **Religião e Serviço Social**: religião e religiosidade dos estudantes do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo: mudança do significado de ter religião. [Entrevista cedida a] Thamiris Magalhães e Graziela Wolfart. **IHU on-line**, São Leopoldo, n. 400, ago. 2012. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4591-cecilia-loreto-mariz#:~:text=No%20mundo%20pentecostal%20e%20protestante%2C%20apenas%20se%20deve%20se%20identificar,do%20universo%20do%20sem%20religi%C3%A3o>. Acesso em: 24 jun. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MONTERO, Paula; ALMEIDA, Ronaldo de. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 35, p. 17-35, jul. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300012>.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social**: uma análise do serviço social no pós-64. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

PINHEIRO, Lucí Faria. **Serviço social, religião e movimentos sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Gramma, 2010.

PINHEIRO, Paulo Wesley Maia. Serviço social, neoconservadorismo religioso e o desafio para a formação profissional. **Temporalis**, Brasília, DF, ano 15, n. 29, jan./jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.22422/2238-1856.2015v15n29p195-220>

QUINTÃO, Graziela Ferreira. **A questão religiosa no trabalho do assistente social**: fragmentos de uma investigação na atualidade. 2012. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTANA, Juliana Aguiar. **Assistentes sociais e religião**: um estudo sobre os impactos da religiosidade no exercício profissional do assistente social na contemporaneidade. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SCHLESENER, Anita Helena. Linguagem acadêmica e educação: um campo de disputas e de consolidação da hegemonia. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, p. 1-20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.82175>

SCHLESENER, Anita Helena. **Livre pensador/Gramsci**. Destinatário: Patricia Vicente Dutra. [S. l.], 17 fev. 2023. 1 mensagem eletrônica.

SILVA, Cláudia Neves. A presença de postulados tomistas na gênese do serviço social. **Semina Humanas**, Londrina, v. 24, p. 87-100, set. 2003. DOI: <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2003v24n1p87>

SILVA, Claudia Neves; DUTRA, Patrícia Vicente; LANZA, Fabio. A relação entre manifestações religiosas e o exercício profissional dos assistentes sociais: um estudo das contradições e possibilidades no norte do Paraná. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 22, n. 2, p. 415-441, 2016.

SIMÕES NETO, José Pedro. **Assistentes sociais e religião**: um estudo Brasil/Inglaterra. São Paulo: Cortez, 2005.

SIMÕES, Pedro. **Gênero, origem social e religião**: os estudantes de serviço social do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

SIMÕES, Pedro. Religião e Política entre Alunos de Serviço Social (UFRJ). **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 175-192, 2007.

SOARES, Marília Facó. Ticuna. **Instituto Socioambiental**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SOUZA, Regiane Renata de; SILVA, Claudia Neves da. A religiosidade do assistente social. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIENCIAS HUMANAS, 11., 2016, Paraná. **Anais** [...]. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2016. p. 1679-1687.

TEIXEIRA, Joaquina Barata; BRAZ, Marcelo. O projeto ético-político do serviço social. In: CFESS – CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (org.). **Serviço social**: direitos sociais e competências profissionais. Brasília, DF: CFESS, 2009. p. 185-200.

UNILA - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. **Ata 01/2021 reunião do núcleo docente estruturante de serviço social –**

UNILA. 2021. Foz do Iguaçu: UNILA, 2021. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/graduacao/servico-social/Ata_nde_01.2021_1_ASSINADA.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.

UNILA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. **Painel integrado de indicadores e informações institucionais.** Foz do Iguaçu: UNILA, 2022. Disponível em: <https://divulga.unila.edu.br/painelintegrado/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

UNILA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. Pró-Reitoria de Assusntos Estudantis. **Instrução normativa nº 2/2023/prae (10.01.05.22).** Regulamenta o acesso, a permanência e a prioridade de vaga no Alojamento Estudantil da UNILA à(ao) discente em situação de violência de gênero. Foz do Iguaçu: UNILA, 2023a. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/prae/arquivos/INN22023PRAE.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2023.

UNILA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. **UNILA 13 anos:** conquistas e desafios. Foz do Iguaçu: UNILA, 2023b. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/noticias/reitor-da-unila-participa-de-encontro-com-presidente-lula-em-brasilia/CadernodeInformaesUNILA13Anos_ConquistaseDesafios.pdf. Acesso em: 24 jul. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA DE PESQUISA - MATRIZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

A relação entre valores e princípios religiosos de estudante do ensino superior

Pesquisadora: Patrícia Vicente Dutra

Orientadora: Cláudia Neves da Silva

Nome:

DN.:

E-mail:

Nacionalidade:

Língua:

Religião:

período:

1. Qual a sua motivação para decidir cursar Serviço Social?
2. Você acredita que a religião a qual você pertence (ou pertencia, ou de forma cultural) influenciou de alguma forma nesta decisão? Como?
3. Quais valores você acredita que devem fundamentar a formação profissional do Assistente Social?

Quer ajudar as pessoas...

4. Qual a sua (estudante, cidadã/o, pessoa religiosa) opinião em relação aos seguintes temas:
 - 4.1 Legalização e descriminalização do aborto;
 - 4.2 Tortura (atual governo brasileiro);
 - 4.3 Orgulho LGBTQIA+ (DIVERSIDADE, reconhecimento de diversos gêneros, adoção por casais do mesmo sexo, por trisais, registro civil de crianças por trisais, retificação de nome e gênero de pessoa transgênero, nome social, violência);antes do curso **não** tinha entendimento nenhum sobre isso, abriu a mente

- 4.4 Preconceito de raça/cor/etnia (negros, estrangeiros);
 - 4.5 Violência doméstica e intrafamiliar contra mulheres (violência de gênero);
 - 4.6 Direitos Humanos;
 - 4.7 Intolerância Religiosa; não tinha entendimento
 - 4.7 Qual sua opinião sobre a atual conjuntura política do Brasil?
 - 4.8 Existem temas tratados no curso que te incomodam? Existe tensão na forma como você vê o mundo e na forma como o curso vê? Por quê?
 - 4.9 Qual a imagem que você tem (ou tinha) de um assistente social?
5. Você sofre algum tipo de preconceito (perseguição) na sua faculdade por ser uma pessoa religiosa? (ou por não ser).

APÊNDICE B - Questionário de pesquisa

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

A relação entre valores e princípios religiosos de estudante do ensino superior

Pesquisadora: Patrícia Vicente Dutra

Orientadora: Cláudia Neves da Silva

1. Qual a sua nacionalidade? _____
2. Qual a sua língua materna? _____
3. Qual o mês e ano do seu nascimento? _____
4. Em que ano você ingressou no curso de Serviço Social? _____
5. Em qual semestre do curso de Serviço Social você está matriculado/a atualmente?
1º () 2º () 3º () 4º () 5º () 6º () 7º () 8º () 9º () 10º ()
6. Com qual/is gênero/s você se identifica? _____
7. Como você se declara em relação à pertença étnico-racial? _____
8. Você é beneficiário de algum auxílio de assistência estudantil?
sim () não ()
- 8.1 Por qual auxílio de assistência estudantil você é beneficiado?
Subsídio financeiro alimentação () Subsídio financeiro moradia () Transporte ()
Auxílio dignidade menstrual () Alojamento estudantil () Auxílio creche ()
*Auxílio emergencial ()
9. Você pertence a alguma religião?
sim () não ()
- 9.1 A qual religião você pertence? _____
- 9.2 Você frequenta o espaço religioso/instituição religiosa de seu pertencimento?

sim () não ()

9.3 Qual a frequência de sua participação no espaço religioso/instituição religiosa de seu pertencimento?

semanalmente () quinzenalmente () mensalmente () anualmente () esporadicamente ()

10. Você se sente respeitado/a no ambiente da UNILA?

11. A sua religião/crença te ajudou a decidir cursar Serviço Social?

sim () não ()

não se aplica ()

Agora, marque de 1 a 3 para as afirmações a seguir, sendo que 1 significa que você discorda da afirmação e 3 que você concorda totalmente com a afirmação.

12. Tudo o que faço está relacionado com a minha vida espiritual, pois é o único motivo de estar vivendo. ()1 ()2 ()3

13. Deus sempre esteve presente em minha vida e tudo o que tenho e que sou é por sua graça. ()1 ()2 ()3

14. Eu sigo o caminho de Deus. Ele me ajudou a decidir cursar Serviço Social.

()1 ()2 ()3

15. Comentários ou sugestões:

Obrigada!

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (entrevista)

A relação entre valores e princípios religiosos de estudantes do ensino superior

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa *A relação entre valores e princípios religiosos de estudantes do ensino superior*, a ser realizada no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Integração Latino Americana. **Você levará aproximadamente vinte minutos para responder ao questionário.**

O **objetivo geral** da pesquisa é identificar e analisar como se materializa a influência de valores e princípios religiosos nos os estudantes de graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Integração Latino-Americana - UNILA. Os **objetivos específicos** são: 1) Investigar e apresentar o contexto histórico e o processo de implementação e consolidação do curso de graduação em Serviço Social da UNILA; 2) Construir e apresentar o perfil dos estudantes do curso de graduação em Serviço Social da UNILA; 3) Investigar e demonstrar como os princípios e valores religiosos dos estudantes da UNILA os influenciam em sua leitura da realidade social, cultural, política e econômica.

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, da Universidade Estadual de Londrina. O Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP-UEL) é um colegiado de avaliação de projetos de pesquisa (Regimento Interno do CEP/UUEL). O CEP-UEL foi criado em 1997 para atender às resoluções do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que normatiza as pesquisas envolvendo seres humanos seguindo uma tendência mundial de defesa aos participantes de pesquisa.

Em 2003, foi aprovada a Resolução UEL 063/2003 que normatiza o funcionamento do CEP-UEL na Instituição. A Resolução CEPE 057/2013 altera o Artigo 12 e a Resolução CA 065/2013 regulamenta a Carga Horária dos membros pelas atividades desenvolvidas no Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.

A avaliação ética dos projetos de pesquisa do CEP-UEL é pautada nas resoluções vigentes do Ministério da Saúde (Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016) e na Norma Operacional do Conselho Nacional de Saúde (Normal Operacional CNS 001/2013).

Em 2019, o CEP-UEL passou por avaliação e foi aprovada a sua Renovação de Registro que é válida até junho de 2022 conforme Carta nº 231/2019 - CONEP/SECNS/MS.

Sua participação é muito importante e ela se dará com uma **entrevista** que versa sobre sua religião, religiosidade, valores e princípios religiosos, bem

com a interação destes valores com o processo de formação profissional em Serviço Social. Você não precisará se identificar.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Ao final da pesquisa, a título de **devolutiva**, você receberá uma via digital da tese de doutoramento da Pesquisadora Responsável.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os **riscos** que por ventura possam existir consiste em você, participante voluntário/a da pesquisa, sentir-se desconfortável em virtude de alguma pergunta do questionário. Por esta razão, estou apresentando o questionário que eu aplicarei e solicito que você exclua a pergunta que possa deixá-lo/a desconfortável ou desista de participar da pesquisa.

Dentro os **benefícios** esperados para esta pesquisa estão o despertar na comunidade universitária o interesse de debater o assunto proposto. Contribuição para o arcabouço teórico sobre o tema. Desestímulo da visão religiosa em detrimento da visão científica no processo de formação profissional no ensino superior.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar:

Pesquisadora responsável: Patrícia Vicente Dutra – Tel.: 45 9 9947-9716 – e-mail: patriciavicentedutra@hotmail.com

Orientadora Responsável: Claudia Neves da Silva - Telefone: (43)99106-6891 - Endereço: Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina - Email: claudianeves@uel.br

Ou procurar o **Comitê de Ética em Pesquisa** Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, no endereço prédio do LABESC – Laboratório Escola, sala 14 no bairro Campus Universitário, Londrina – PR, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Foz do Iguaçu – PR, ___ de _____ de
20__.

Pesquisadora Responsável
Ma. Patrícia Vicente Dutra

Eu, _____ (colocar nome por extenso do participante da pesquisa), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

APÊNDICE D - Solicitação de autorização para realização de pesquisa de doutorado



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Londrina, 20 de fevereiro de 2020

A Sua Excelência, a Senhora
CRISTIANE SANDER
Coordenadora do curso de graduação em Serviço Social
Universidade Federal de Integração Latino-Americana
Foz do Iguaçu – Paraná
cristiane.sander@unila.edu.br

Assunto: solicitação de autorização para realização de pesquisa de doutorado

Prezada Senhora Coordenadora, cumprimentando-a cordialmente, a pesquisadora e sua orientadora subscritas informam, expõem e solicitam o quanto se segue.

Informam que a pesquisadora Patrícia Vicente Dutra é aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Nível de doutorado em serviço social e política social, reconhecido pela portaria MEC nº 1364/2011 de 29/09/2011 - DOU nº 189 de 30/09/2011, para o corrente semestre letivo, com início em 15/02/2019 e término previsto para 28/02/2023, conforme atestado de matrícula anexo.

Expõem que o projeto de pesquisa proposto trata de *princípios e valores religiosos entre estudantes do ensino superior, especificamente do curso de serviço social e sua interação com o processo de formação profissional*.

Expõem que testemunha-se diariamente manifestações religiosas entre os diferentes estratos socioeconômicos, pois se inicialmente era expressivo o número de grupos religiosos nas regiões onde se concentram os segmentos de baixa renda, logo se fizeram notar nos segmentos da classe média - profissionais liberais, professores, servidores públicos, comerciantes, entre outros – que vão às celebrações religiosas em busca de respostas para suas dificuldades e problemas emocionais.

Nos últimos 40 anos, essa participação provocou - e foi provocada - pelo surgimento e crescimento de inúmeros grupos e igrejas em todas as cidades do Brasil. Seja de matriz católica ou de matriz evangélica, este aumento provocou mudanças no campo religioso brasileiro, já que se constata uma predominância de manifestações individuais fundadas na emoção e na subjetividade, diminuindo os espaços das igrejas



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

tradicionalis – Anglicana, Presbiteriana, Luterana, Congregacional, Católica – obrigando-as a também adotarem manifestações centralizadas no fervor individual.

Há uma diversidade de igrejas para atender uma diversidade de interesses e necessidades pessoais, emocionais, existenciais, pois sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades e obstáculos do dia-a-dia.

Esse fenômeno religioso tornou-se objeto de interesse científico. Estudiosos que vinham de uma tradição religiosa, se debruçaram sobre essa temática com a intenção de analisar o crescimento das manifestações religiosas. Na década de 1990 e, principalmente nos anos 2000, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento voltaram-se para o estudo do fenômeno religioso: cientistas sociais, antropólogos, historiadores.

A partir da observação deste fenômeno, também houve o interesse para investigar o tema religião. Desde 2008 realizamos uma pesquisa no Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina tendo por foco as igrejas pentecostais e sua influência em diferentes aspectos da vida individual - psicológica, emocional e afetiva - e em diferentes esferas da vida social, política e econômica, cujo objetivo era "investigar as motivações objetivas e subjetivas que levam homens e mulheres a procurarem as igrejas pentecostais e suas manifestações religiosas".

Uma nova pesquisa teve início em 2014, cujo tema foi "Questão social e religião: possíveis implicações na prática profissional do Assistente Social". O objetivo do projeto era "verificar como se dá a presença de valores e princípios religiosos no exercício profissional das assistentes sociais" e para sua concretização aplicamos 147 questionários aos assistentes sociais que atuam na região norte do Paraná; e 96 profissionais responderam. Eram assistentes sociais que atuavam na implementação das políticas sociais públicas: saúde, educação, assistência social e habitação, por exemplo.

Constatamos ao final da investigação que princípios e valores religiosos por vezes orientam as ações dos profissionais na execução das políticas sociais públicas. A maioria das profissionais são do sexo feminino e declaram participar ativamente de manifestações religiosas. O contato e as entrevistas com profissionais do Serviço Social nos levaram a pensar nas estudantes do curso de Serviço Social, composta em sua grande maioria por pessoas do sexo feminino.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Foi então que alguns questionamentos surgiram: como os/as estudantes do curso de Serviço Social lidam com sua religiosidade? Como conciliam os ensinamentos que recebem em suas denominações religiosas, em que usualmente o papel da mulher deve ser adequado ao que determina o líder religioso, com o que aprendem e estudam em sala de aula, quando é dado grande destaque à defesa dos direitos da mulher? Como os/as estudantes conciliam seus valores e princípios religiosos com as situações que vivenciam no trabalho, na família e na universidade? Com o processo de formação profissional?

Assim, a metodologia desta pesquisa prevê a aplicação de *questionário* e realização de *entrevistas* com estudantes de graduação do curso de serviço social e possivelmente entrevista com a coordenação do curso. O início previsto para o início da pesquisa é outubro do corrente ano. É importante informar que a pesquisa terá início apenas após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina.

A participação dos estudantes, bem como da coordenação será totalmente voluntária, sendo aceitável a recusa e até mesmo a desistência sem que haja qualquer prejuízo. A participação na pesquisa também não oferece custo ou remuneração aos participantes.

As informações coletadas serão exclusivamente utilizadas para as finalidades científicas a que se propõe esse projeto, todas as informações serão tratadas com o maior sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos participantes. Quando a pesquisa for concluída o material físico será triturado em equipamento adequado e todos participantes receberão cópia digital da tese, bem como a coordenação do curso de Serviço Social e Direção de Instituto.

Considerando que a vocação da UNILA é a de ser uma universidade com a missão de contribuir para a integração latino-americana através do conhecimento científico, humanístico e tecnológico nos moldes da cooperação solidária entre universidades e demais organismos internacionais, acredita-se que pesquisa aqui proposta tem relevância social uma vez que deverá contribuir para a melhor compreensão do objeto estudado, trará contribuição acadêmica e científica para a respectiva área do conhecimento e poderá trazer importante acréscimo ao conjunto de conhecimento científico já produzido, ou em construção, sobre a mesma temática.



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

Pelo exposto, cortesmente solicitam vossa autorização para a realização desta pesquisa junto aos estudantes do curso de graduação em serviço social.

Caso necessite de maiores informações estamos à disposição pelos seguintes contatos:

Pesquisadora responsável: M.^a Patrícia Vicente Dutra

patriciavicentedutra@hotmail.com

45 9 9947-9716

Endereço: Rua Antônio Raposo, 923, Centro, Foz do Iguaçu – PR, Defensoria Pública do Estado do Paraná

Orientadora Responsável: Prof.^a Dra. Cláudia Neves da Silva

claudianeves@uel.br

43 9 9106-6891

Endereço: Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao prédio do LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário

cep268@uel.br

45 3371-5455

Atenciosamente,

PATRICIA VICENTE
DUTRA:07796280980

Assinado de forma digital por
PATRICIA VICENTE
DUTRA:07796280980
Dados: 2020.02.20 16:29:42 -03'00'

M.^a PATRICIA VICENTE DUTRA
Pesquisadora Responsável

DRA. CLÁUDIA NEVES DA SILVA
Orientadora Responsável

Dr. Acordo

ANEXOS

ANEXO A - Declaração revisão ortográfica e gramatical

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que eu, Maria Aparecida Pavan, professora de língua portuguesa e revisora textual, CPF 74679821949, diploma nº 2.888, realizei a revisão textual (ortográfica e gramatical), da tese de doutorado de Patrícia Vicente Dutra, intitulada "Valores e princípios religiosos em estudantes de Serviço Social", da Universidade Federal de Integração Latino-Americana", defendida no ano de 2023 pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Maringá, 15 de janeiro de 2024

Maria Aparecida Pavan
Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA APARECIDA PAVAN
Data: 30/11/2023 19:39:07-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Maria Aparecida Pavan
Professora de língua portuguesa e revisora textual

ANEXO B- Aprovação da pesquisa no Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos – UEL

2/23/2021

Plataforma Brasil

Portal do Governo Brasileiro

 patriciavicentedutra@hotmail.c

LOGIN

[Esqueceu a senha?](#)[Cadastre-se](#)

v3.2

Você está em: Público > Confirmar Aprovação pelo CAEE ou Parecer

CONFIRMAR APROVAÇÃO PELO CAEE OU PARECER

Informe o número do CAEE ou do Parecer:

Número do CAEE:

Número do Parecer:

Esta consulta retorna somente pareceres aprovados. Caso não apresente nenhum resultado, o número do parecer informado não é válido ou não corresponde a um parecer aprovado.

DETALHAMENTO

Título do Projeto de Pesquisa:

Número do CAEE:

Número do Parecer:

Quem Assinou o Parecer:

Pesquisador Responsável:

Data Início do Cronograma:

Data Fim do Cronograma:

Contato Público: